ARLINDO MACHADO
CAIO MAGRI
MARCELO MASAGÃO

RÁDIOS LIVRES

a reforma agrária no ar

"PIRATAS SÃO ELES.
NÓS NÃO ESTAMOS ATRÁS DO OURO"

editora brasiliense

- O direito de Comunicar — Expressão, informação e liberdade — *Desmond Fisher*
- Signagem da Televisão — *Décio Pignatari*

Coleção Primeiros Passos

- O que é Comunicação — *Juan E. D. Bordenave*
- O que é Contra Cultura — *Carlos A. M. Pereira*
- O que é Desobediência Civil — *Evaldo Vieira*
- O que é Ideologia — *Marilena Chaui*
- O que é Indústria Cultural — *Teixeira Coelho*
- O que é Jornalismo — *Clóvis Rossi*
- O que é Propaganda Ideológica — *Nelson Jahr Garcia*

Arlindo Machado
Caio Magri
Marcelo Masagão

Rádios livres

A reforma agrária no ar

Prefácio:
Felix Guattari

1986

Capa:
Waldemar Zaidler

Revisão:
Rosana N. Morales
Newton T. L. Sodré

Editora Brasiliense S.A.
R. General Jardim, 160
01223 — São Paulo — SP
Fone (011) 231-1422

Índice

"Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Esse direito inclui a liberdade de receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios, sem interferências e independentemente de fronteiras."

*Artigo XIX
da Declaração dos Direitos do Homem*

À Luciana,
que terá 17 anos no ano 2000.

À Júlia,
que terá 15 anos no ano 2000.

A uma talvez Nina ou um quiçá Marco,
que terá 14 anos no ano 2000.

Prefácio

As rádios livres em direção a uma era pós-mídia

O fenômeno das rádios livres só toma seu sentido verdadeiro se o recolocamos no contexto das lutas de emancipação materiais e subjetivas. Na Itália e na França, ele foi um dos últimos florões das revoluções moleculares que se sucederam aos movimentos de contestação dos anos 60. Nos últimos 60 anos, a situação européia foi submetida a um congelamento social, político e cultural, para não dizer a uma onda de glaciação. Isso tem a ver com o esforço desse continente em manter seu lugar entre as grandes potências econômicas e militares que dele se distanciam cada vez mais. As diferentes categorias sociais que o compõem se apertam friorentamente umas nas outras, agarrando-se às suas "conquistas" e às suas ilusões. Só uma minoria de marginais consegue se manter fora do consenso reacionário. Nessas condições, a maior parte dos grandes movimentos de emancipação se encontram abatidos ou jogados para escanteio.

A situação é muito diferente no continente latino-americano e em particular no Brasil, onde cen-

tenas de milhões de pessoas se encontram marginalizadas em relação à economia dominante. E como nada autoriza esperar que elas possam vir a se integrar docemente em uma sociedade de tipo norte-americano, europeu ou japonês, é possível supor que elas só poderão afirmar seu direito à existência através da reinvenção de novas formas de luta e de expressão. Novas: porque, manifestamente, não se pode mais dar credibilidade aos métodos políticos obtusos e corporativos dos velhos partidos e sindicatos de esquerda. Sem dúvida, as lutas clássicas no campo do trabalho e na arena política tradicional continuarão a desempenhar um papel importante para o estabelecimento de relações de força globais com as classes conservadoras, mas elas não poderão mais dar um conteúdo verdadeiramente emancipador a essas lutas se as diferentes composições da esquerda permanecerem impregnadas de valores conservadores. A intervenção de uma inteligência alternativa, de práticas sociais inovadoras, como é o caso das rádios livres, parece portanto indispensável à saúde de centenas de milhões de explorados desse continente. Essa recusa parcial das práticas da esquerda tradicional não impede de maneira nenhuma que se estabeleça com ela alianças — por exemplo, nessa questão das rádios livres. Não implica, portanto, um fechamento sectário sobre os grupúsculos de extrema-esquerda que, de maneira mais velada, são também incapazes, na maioria das vezes, de entender as profundas mutações que se operam na sociedade contemporânea. Novas e mais amplas alianças podem ser criadas para reinventar novas

formas de vida — talvez de sobrevivência — e de luta. Penso, por exemplo, em certos setores da Igreja ligados à teologia da libertação.

As primeiras rádios livres do Brasil foram acolhidas com uma certa reserva. Alguns recearam que sua aparição pudesse servir de pretexto para uma repressão violenta; outros só conseguiram ver nelas um replay *dos movimentos dos anos 60. É bom que esteja claro, antes de mais nada, que o movimento das rádios livres pertence justamente àqueles que o promovem, isto é, potencialmente, a todos aqueles — e eles são uma legião — que sabem que não poderão jamais se exprimir de maneira conveniente nas mídias oficiais. Não se trata, portanto, de um movimento esquerdista, mesmo se são os esquerdistas os primeiros a se engajar corajosamente nessa perspectiva. Isso quer dizer, no meu modo de ver, que os seus atuais representantes deveriam evitar todo sectarismo e toda rigidez. Parece-me evidente que em uma etapa ou outra do processo atual deverão ser estabelecidas negociações com as autoridades. Parece-me absurdo e irresponsável proclamar que as negociações sobre as condições de exercício das novas mídias serão recusadas por princípio. A questão toda está em fazer essas negociações nas melhores relações de força possíveis para os movimentos de emancipação dos jovens, das mulheres, dos negros, dos trabalhadores, das minorias sexuais, dos ecologistas, dos pacifistas etc.*

As rádios livres não nasceram de um fantasma da belle époque *dos meia-oitos, como escreveu um jornalista da* Folha de S. Paulo. *Trata-se, pelo con-*

trário, de um movimento que se instaurou, nos anos 70, como reação a uma certa utopia abstrata dos anos 60. As rádios livres representam, antes de qualquer outra coisa, uma utopia concreta, suscetível de ajudar os movimentos de emancipação desses países a se reinventarem. Trata-se de um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia, uma democracia que seja capaz não apenas de tolerar a expressão das singularidades sociais e individuais, mas também de encorajar sua expressão, de lhes dar a devida importância no campo social global. Isso quer dizer que as rádios livres não são nada em si mesmas. Elas só tomam seu sentido como componentes de agenciamentos coletivos de expressão de amplitude mais ou menos grande. Elas deverão se contentar em cobrir pequenos territórios; poderão igualmente pretender entrar em concorrência, através de redes, com as grandes mídias: a questão fica aberta. O que, no meu modo de ver, a resolverá é a evolução das novas tecnologias. As rádios livres, e amanhã as televisões livres, são apenas uma pequena parte do iceberg *das revoluções midiáticas que as novas tecnologias da informática nos preparam. Amanhã, os bancos de dados e a cibernética colocarão em nossas mãos meios de expressão e de concertação por enquanto inimagináveis. Basta que esses meios não sejam sistematicamente recuperados pelos produtores de subjetividade capitalista, ou seja, as mídias "globais", os manipuladores de opinião, os detentores do* star system *político. Trata-se, em suma, de preparar a entrada dos movimentos de emancipação numa era pós-mídia, que acelerará a*

reapropriação coletiva não apenas dos meios de trabalho mas também dos meios de produção subjetivos.

Felix Guattari

Liberdade para as ondas

De repente, começam a florescer, em vários pontos do país, discussões sobre a democratização dos meios de radiodifusão. A emergência de rádios livres em São Paulo e Sorocaba não veio senão atiçar labaredas numa fogueira que já fazia as primeiras brasas. Daqui para a frente, a tendência é aprofundar-se cada vez mais o questionamento da atual estrutura de poder em rádio e TV. Mas com o país ainda mal-saído de duas décadas de afasia, estamos engatinhando muito devagar na direção de um equacionamento certeiro do problema. A verdade é que partidos políticos e entidades representativas, tão eloqüentes no manejo da questão econômica, mostram-se perplexos quando se trata de apontar alternativas para aquele que atualmente é o mais poderoso aparelho de aculturação da sociedade.

O que propõem as velhas instituições para domar esse poder? Fala-se numa nova legislação para concessões de canais de rádio e TV, que transfira as decisões para um órgão de constituição democrática. Não se cogita, entretanto, lançar qualquer suspeita sobre a autoridade do Estado para distribuir as fai-

xas de onda. O Estado permanece encarado como proprietário legítimo do espaço eletromagnético, donde decorre que o apadrinhamento continua sendo a conseqüência fatal do mecanismo de concessões. Sejam quais forem os critérios de distribuição, a concessão equivale, nesse sistema, a uma outorga de privilégios, de forma que qualquer alteração da estrutura de poder a nível das mídias de teledifusão significará apenas uma troca de mandarins, sem qualquer progresso real para a democratização dos meios.

Fala-se também no descentramento das redes de produção e difusão, de forma a garantir a pluralidade de enfoques. Mas por descentramento se costuma entender apenas a ampliação do rol dos concessionários, como se a mera redivisão do bolo em fatias menores pudesse por si só alterar a substância de seu recheio. Em termos estruturais, mídias como o rádio e a televisão representam, no Brasil, a convergência de interesses do aparelho estatal, das redes de distribuição, do sistema publicitário e da indústria fonográfica (muitas vezes organizados sob forma de *pools*). Não funcionam jamais como serviço público e menos ainda como meios de comunicação, uma vez que ninguém (a não ser os seus proprietários-concessionários) está se comunicando através delas. A sociedade está excluída do monólogo que elas fabricam, pois só atua a nível de receptora de informações, mas ela própria não pode produzir e distribuir a informação que lhe interessa. Qualquer proposta de democratização dos meios não será, portanto, digna de crédito se não puder transformar a função social dos meios e garantir para a audiência canais para intervir com autonomia.

Nestes últimos 20 anos, algumas poucas dúzias de apadrinhados do regime militar foram contempladas, a título de troca de favores ou como prêmio por sua lealdade, com o privilégio de utilizar faixas de onda em rádio e TV. Afora essas criaturas de compromissos escusos e de passado duvidoso, ninguém mais está autorizado a utilizar as ondas eletromagnéticas para o exercício da comunicação. De acordo com a nossa legislação das telecomunicações, inspirada no modelo das ditaduras mais repressivas, qualquer emissão não autorizada é tratada como crime contra a segurança nacional. Mesmo que se trate apenas de uma curtição de roqueiros, como aconteceu em 1983, quando a cidade de Sorocaba foi palco de uma simpática eclosão de rádios ilegais, realizada por garotos cansados da mesmice das FMs oficiais. Quer dizer: entre nós, o mecanismo de concessões não é — nunca foi — um expediente técnico apenas; ele é um sistema de controle das emissões pelo poder de Estado. A sua simples existência já é uma forma de censura, pois sua função é discriminar os que estão autorizados a falar e os que estão condenados a ouvir.

À exceção das poucas emissoras estatais, os meios de radiodifusão são hoje mantidos basicamente por grupos de interesses comerciais, que deles se utilizam para vender mercadorias e multiplicar o capital. Até aí, tudo muito natural, visto vivermos sob um regime capitalista, para cuja reprodução as mídias são fatores imprescindíveis. Mas deve haver espaço também para outras modalidades de exploração, mais democráticas e que permitam engajar a iniciativa da própria comunidade atingida pelos meios. Nesse espaço alternativo podem caber, por exemplo, emissoras ligadas a grupos de produção

cultural, a grupos de intervenção social, às minorias étnicas, culturais ou sexuais, aos partidos políticos, às comunidades locais e também aos amantes do rádio e da TV para aí realizarem experiências renovadoras de linguagem. O leque de opções, enfim, deve ser tão amplo quanto a diversidade dos cidadãos.

Não se pode esquecer que o estágio atual da tecnologia coloca a possibilidade de emitir sinais de rádio e TV praticamente nas mãos de qualquer grupo com um mínimo de recursos e de conhecimentos de eletrônica. Qualquer legislação que ignore essa realidade está defasada em relação ao seu tempo. A recente experiência das emissoras de rádio e TV não autorizadas ou livres (e que a imprensa prefere chamar um tanto pejorativamente de "piratas"), a repercussão que ela obteve e os debates que está provocando demonstram que o limite de subordinação da sociedade civil à estrutura organizativa das mídias já foi rompido. Agora que os fatos já atropelaram a imaginação dos políticos, dificilmente se poderá imaginar outra forma de viabilizar o acesso da sociedade aos meios de radiodifusão que não seja a devolução das ondas ao domínio público.

É verdade que uma medida dessa amplitude pode gerar uma corrida, sobretudo entre os "piratas" verdadeiros, aqueles que vivem atrás do ouro. Para evitar a sanha dos oportunistas, é preciso, naturalmente, limitar o espaço das redes e conglomerados, que hoje se multiplica em progressão geométrica. Só assim poderá sobrar espaço para as experiências de exercício coletivo da democracia. Uma forma de tornar isso viável tecnicamente é estabelecer um piso mínimo de programação produzida no próprio local da torre transmissora ou retransmissora e garantir espaço para que a própria comunidade possa criar e gerir suas emissoras locais. Não há conglomerado que possa resistir à força descentralizadora de uma medida dessa natureza. Ela pode abrir uma brecha para que as comunidades locais e todos os grupos hoje marginalizados da radiodifusão possam ter acesso às ondas. Em pouco tempo, o mapa cultural-ideológico das telecomunicações poderá estar inteiramente redefinido e em condições de exprimir melhor a fisionomia atual da sociedade.

Em relação ao rádio, o espaço próprio para uma pequena revolução é o da freqüência modulada (FM), por se tratar de uma forma de emissão relativamente barata, que não requer antenas transmissoras sofisticadas, e o equipamento pode inclusive ser construído caseiramente. As outras modalidades de emissão requerem maior requinte de tecnologia e de capital empregado, razão por que as suas despesas dificilmente poderiam ser bancadas por emissoras sem interesse comercial. Além disso, o alcance da FM é mais limitado, o que favorece as experiências comunitárias ou as emissões voltadas para as populações locais, enquanto as outras classes de onda, de alcance mais amplo, interessam mais às empresas comerciais, para as quais o índice de audiência é fator fundamental. À vista disso, é preciso garantir o espaço da freqüência modulada às experiências de diversificação cultural, limitando, se necessário, a exploração de publicidade nessa classe de onda.

Com relação à TV a coisa é mais complicada, visto não ser hábito de nosso sistema de teledifusão fazer emissões em UHF, o que reduz o leque de opções apenas ao 12 canais VHF convencionais. Os canais UHF têm alcance mais limitado do que os VHF, prestando-se melhor às experiências comuni-

tárias ou de audiência mais seletiva. Em compensação, oferecem um leque de opções de faixas de onda muito mais amplo, abrangendo até 70 canais diferentes numa única localidade. Até aqui, essa classe de onda tem sido negligenciada e utilizada apenas para retransmitir os programas das redes às pequenas cidades do interior. De alguns anos para cá, entretanto, ela começa a despertar o interesse dos novos produtores de TV, já que possibilita realizar emissões localizadas, voltadas para setores específicos da população, constituindo uma alternativa econômica à dispendiosa tecnologia da TV a cabo.

Faz muitos anos que se encontra engavetado no Ministério das Comunicações um projeto de implantação da TV por subscrições no Brasil, que utilizaria os canais UHF. No sistema de subscrições, a informação seria lançada ao ar codificada, de forma que para ser recebida nos receptores caseiros seria necessário acrescentar ao aparelho um pequeno decodificador. Este último poderia ser cedido aos interessados em troca de uma assinatura com contribuição mensal. Assim, o espectador pagaria voluntariamente por uma informação que lhe interessa e que ele escolhe, ao invés de contribuir de maneira involuntária por uma informação que ele não escolhe, sempre que compra um eletrodoméstico ou uma pasta de dente, como ocorre no sistema de TV comercial. De qualquer forma, neste momento em que se discute uma nova ordem das telecomunicações no Brasil, é mais do que oportuno introduzir em definitivo o UHF em nossos hábitos de emissão e recepção, com ou sem subscrição, à vista das imensas possibilidades descentralizadoras do sistema.

Importante é frisar que, em qualquer das modalidades, o acesso às ondas deve ser livre, não ne-

cessitando de concessão de qualquer espécie. O papel do Ministério das Comunicações deve ser administrativo apenas, disciplinando a utilização das ondas e impedindo a superposição de duas ou mais emissoras numa mesma faixa, ou a interferência de uma sobre outra. Na grande maioria das cidades do país não haverá problemas de superocupação do dial, uma vez que há espaço suficiente para todos os interessados. Entretanto, o problema pode surgir nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio, em que a demanda de faixas de onda pode ser maior que a capacidade do espectro das freqüências. Nesse caso, o Ministério das Comunicações poderá intervir conciliatoriamente, determinando limites de alcance para aumentar a oferta de faixas e estudando, em conjunto com os interessados, alternativas de uso conjunto das faixas, em horários ou dias alternados.

Rádios e televisões livres constituem a melhor resposta de uma sociedade democrática aos conglomerados e monopólios, bem como ao seu poder de concentração e comando. Elas se dirigem a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social, de cada comunidade ou de cada grupo cultural. Sua programação tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, ao contrário das rádios e televisões comerciais que, por força de suas ambições hegemônicas, só se podem dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. A liberdade para as ondas pode ser a base de uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios e TV livres na Europa, na segunda metade dos anos 70.

Por uma Cooperativa dos Rádio-Amantes

Imbuídos do sentimento mais nobre e também mais banal de articular uma corda vocal na atmosfera, nós iniciamos um movimento de reforma agrária no ar.

O rádio é uma conquista técnica da humanidade e não pode ficar nas mãos (nas línguas) de proprietários-concessionários que só fazem poluir o ar com suas músicas e noticiários descartáveis.

PIRATAS SÃO ELES. NÓS NÃO ESTAMOS ATRÁS DO OURO.

Por mais recente que seja o movimento das rádios livres no Brasil, ele já começa a fazer a sua história: mais de vinte grupos de jovens estão construindo seus transmissores. Sem falar nos movimentos sindical e popular, que começam a namorar essa nova possibilidade de comunicar suas lutas de forma mais rápida e eficaz.

À vista do crescimento e das perspectivas que se apontam, resolvemos constituir esta Cooperativa dos Rádio-Amantes, que terá os seguintes objetivos:

1) socializar os conhecimentos técnicos e possibilitar a construção de novos transmissores a todos os interessados;

2) prestar ajuda e solidariedade, no caso de repressão, a qualquer grupo de rádio-amantes;

3) socializar os programas e os estúdios de produção;

4) estabelecer uma ética das rádios livres, que discorra sobre os limites de potência do transmissor, interferências de sinais e outros assuntos de interesse comum;

5) invasão e ocupação definitiva da atmosfera.

Todo movimento necessita de sustentação material e por isso estabelecemos uma cota no valor de 1/2 ORTN mensal, a ser paga individualmente pelos membros das rádios. Quem puder contribuir com mais será benvindo, mas mesmo assim continuará tendo apenas um voto na Cooperativa.

Grande baci e che mille transmissori fioriscono.

Cooperativa dos Rádio-Amantes

Endereço p/correspondência:
C. A. C. S. — CORA-Livre
Rua Monte Alegre, 984
05014 — São Paulo (SP)

Manifesto por sonoridades livres (Rádio Xilik)

É necessário dizer as coisas.
Com os olhos, com a ponta do nariz e — por que não? — com o lábio articulado,

bem articulado.
bem articulando com um instrumento musical.

VIVA O VIOLINO
VIVA VIVALDI
I NA PANELA TEEEEEEEEEEEM...

CCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCENSURA!

Há muitos anos, os transístores combinaram-se apaixonadamente com as resistências, cristais, diodos e condensadores, possibilitando a um ínfimo mortal, no interior de sua casa em Carapicuíba, escutar um imbecilóide menudo dizendo que "adora tiocolate e la Rádio Ciudad". Infelizmente, um grande romance eletrônico se transformou em novela pentelha. Meios de comunicação viraram questão de Segurança Nacional!

SEGURE-SE língua, porque você nasceu sem pátria!
CONTROLE-SE, porque de você só queremos um belo comercial!
FALE-NOS, mas não diga nada!

E do NADA surge Alice, a Alice que veio de um país novo. Rádio Alice, Bolonha 1976/77. Não importa quanto tempo durou. Importa é que

seus transistores eletrificaram muitos tímpanos. Eletrificaram, botando no ar muitos arrigos barnabés. Eletrificaram, possibilitando que passivos ouvintes se transformassem em ativos locutores, eles próprios porta-vozes das necessidades, dos desejos e ansiedades de si mesmos e de seus agrupamentos sociais. Eletrificaram, brincando de forma séria com o desejo e a fantasia.

LIMPEM SEUS OUVIDOS, POIS ESTÁ ENTRANDO NA RAREFAÇÃO DO AR:

RÁDIO XIIIIIIIIIIIIIIIIIIILIK SP.

Estamos aí porque acreditamos que na panela tem muita, mas muita...

CCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCRIAÇÃO!

Crie a sua!

Canais para resposta da audiência

Bertolt Brecht, num texto escrito em 1932 ("A radiodifusão como meio de comunicação", compilado em *Teoria do Rádio*) montou uma utopia que seria profética em relação ao fenômeno das rádios livres. Imagina ele um sistema democrático que pudesse converter o rádio de um simples aparato de distribuição de informações num amplo sistema de comunicação, transformando cada rádio-receptor caseiro num transmissor por *feed back*. Nesse sistema, as torres de transmissão perderiam a sua função "monológica", a serviço exclusivo de uma emissão unidirecional, e se converteriam num centro de troca de informações, local de um intercâmbio comunicativo pleno, em que emissor e receptor deixariam de existir enquanto categorias isoladas. Dessa forma, a unilateralidade dos pólos produtor e consumidor seria superada pela transformação da radiodifusão num mecanismo de *diálogo*, onde ninguém mais deteria o monopólio do discurso. A possibilidade real de uma democracia deveria passar, segundo Brecht, por essa alternativa: o Reichstag (parlamento alemão), os tribunais, os sindicatos e

todos os demais centros de decisão da vida pública deveriam estar interligados com a comunidade através da rede radiofônica, cuja reversibilidade permitiria a cada cidadão interferir de forma direta e imediata nas decisões grandes e pequenas. Tal seria o esquema de uma sociedade construída estruturalmente em torno da possibilidade do *diálogo* e na qual as pessoas finalmente poderiam se falar de forma recíproca, ativa e produtiva. "Se acham que isso é utópico — concluía Brecht — peço-lhes que, pelo menos, meditem sobre as razões por que seria utópico".

Retomando essas idéias num dos mais instigantes panfletos culturais de nosso tempo, Hans Magnus Enzensberger observa que do ponto de vista exclusivamente técnico não existe diferença fundamental entre transmissor e receptor: qualquer rádio-receptor transistorizado pode, pela própria natureza de sua tecnologia, atuar sobre outros rádio-receptores, sendo portanto um emissor em potencial. Se tal possibilidade não se realiza tecnicamente isso se dá por interesses políticos evidentes, já que os centros de poder não podem prescindir da divisão social do trabalho, em que produtores de um lado e consumidores de outro conformam a contradição de base das sociedades industriais modernas. Por essa razão, veículos como o rádio ou a TV, na sua estrutura atual, não são meios de comunicação porque não estão a serviço da comunicação: não permitem nenhuma influência recíproca entre transmissor e receptor. Do ponto de vista técnico, reduzem o *feed back* ao nível mínimo que permite o sistema: as sondagens de audiência. Ainda nesse panfleto, dando seqüência a um projeto de luta do próprio Brecht ("A possibilidade de impedir o poder da desconexão

está na organização dos desconectados"), Enzensberger elabora uma estratégia de perfuração da estrutura "monológica" ou unidirecional das mídias, propondo a sabotagem geral da produção vertical e centralizada das mídias dominantes com uma produção autogerida, construída em forma de redes e dotada de reversibilidade: um periódico escrito pelos próprios leitores, uma rede de vídeo de grupos politicamente ativos e, naturalmente, rádios livres.

Mas não é apenas a separação técnica entre produtores e consumidores que reduz a massa de ouvintes à condição de receptores passivos e isolados. Para prevenir-se dos riscos de uma possível reversibilidade no domínio das mídias, uma vez que a radiodifusão é um problema de solução técnica fácil e relativamente barata, as instâncias de poder contam com duas formas de controle: a institucional e a econômica. Institucional: em quase todos os países do mundo, a propriedade das ondas radiofônicas pertence ao Estado, o que quer dizer que a máquina governamental detém o monopólio do rádio e da televisão. Uma vez garantido o monopólio através de uma legislação específica e de um aparato policial de vigilância e repressão, o poder de Estado pode utilizar esse benefício de duas maneiras diferentes: ou ele próprio explora o serviço de forma exclusiva, como era o caso da Inglaterra, Itália e França antes da explosão das rádios livres, ou então ele concede o direito de usar determinadas faixas a grupos econômicos ou políticos de sua confiança, como ocorre atualmente no Brasil. Em qualquer dos casos, o governo detém a hegemonia de uso das ondas radiofônicas, podendo retirar a concessão a qualquer momento, se entender que o beneficiário não mais corresponde à sua confiança. Controle econômico: estabelecimento de critérios "profissionais" para outorga do privilégio de emissão, com o estabelecimento de limite mínimo de potência para funcionar. Ora, permitir que apenas emissoras de grande potência possam operar acarreta, pelo menos, duas conseqüências: primeiro, só os grandes grupos econômicos podem emitir, porque os custos de transmissão vão-se tornando mais caros conforme aumenta o raio de alcance; segundo, emissoras de grande potência ocupam uma faixa do *dial* muito ampla, de modo que uma ou duas dúzias delas já são suficientes para preencher todo o *dial* de uma metrópole como São Paulo. Numa perspectiva mais democrática, o alcance de uma emissora não deveria estender-se além de alguns quarteirões ou alguns bairros, para evitar arroubos de hegemonia e abrir espaço para o maior número possível de rádios.

Foi contra essas formas autoritárias de controle que se insurgiram, na Europa dos anos 70, as rádios livres democráticas. Se pudéssemos reduzir a uma frase o conjunto de motivações manifestas que nortearam o movimento, poderíamos dizer que ele visa substituir um modelo de mídia monológico, *one way* e altamente centralizado na máquina burocrática do governo ou nos departamentos publicitários das grandes empresas por um sistema de comunicação dialógico, *two way*, capaz de eliminar a distinção autoritária entre emissor e receptor e de devolver ao "ouvinte" um papel ativo, permitindo-lhe ultrapassar a condição de receptor passivo de ideologias alheias. Só que — aqui está o mais importante — as rádios livres faziam isso sem alterar o mecanismo técnico que garante a separação entre emitentes e ouvintes, subvertendo esse mecanismo por dentro, na medida em que dava autonomia aos receptores.

O princípio norteador das rádios livres era fazer com que o "ouvinte" se sentisse dentro e participante de um movimento: a qualquer momento (e sem que esse momento pudesse ser determinado *a priori*) ele poderia telefonar para a emissora para informar qualquer coisa que estivesse acontecendo à sua volta e ser colocado imediatamente no ar, sem qualquer censura, ou então se dirigir diretamente à emissora para dar o seu recado. Se um adolescente quisesse relatar uma experiência sexual que acabou de viver, ele se dirigia à Rádio Tomate, por exemplo, e falava sem entraves; se um roqueiro quisesse mostrar um disco pirata que acabou de descolar ou então a fita de sua banda, poderia se dirigir à Rádio Oblíqua; um homossexual discriminado por sua opção sexual poderia entrar no ar pela Rádio Gay e fazer a denúncia; um cidadão que quisesse reclamar da falta de água ou de um esgoto entupido em sua rua, usaria a rádio livre de seu bairro. Ou qualquer outra, porque os papéis de cada rádio não eram tão precisos. Guattari fala que às vezes a Rádio Tomate era invadida por habitantes do bairro ou por bandos de desempregados ou por hostes de mendigos, que pediam a palavra para fazer o Quartier Latin ouvir a sua voz. Talvez essa seja uma das grandes novidades introduzidas pelas rádios livres nos meios de comunicação de massa: tornar o meio tão transparente quanto possível, eliminar os intermediários, intérpretes, comentaristas e deixar que os acontecimentos sejam reportados pelos seus próprios personagens.

Fala-se muito hoje — e um tanto impropriamente — de tecnologias interativas, a propósito principalmente dos recursos da informática. Essas discussões poderiam ganhar impulso se as pessoas depositassem um pouco mais de atenção na experiência das rádios

livres, que se mostrou capaz de inventar, nos seus momentos mais ousados, um verdadeiro sistema de *feed back* entre a equipe emissora e a comunidade dos ouvintes. Seja através da intervenção telefônica, da abertura das portas da emissora à comunidade, da transmissão direta das ruas ou da veiculação de fitas produzidas pelos próprios ouvintes, as rádios livres restabeleceram o circuito do diálogo nas mídias de massa, abrindo a possibilidade de falarem e serem ouvidas sobretudo àquelas camadas da população tradicionalmente afastadas das antenas. Tecnicamente, elas souberam tirar todas as conseqüências do casamento explosivo do rádio com o telefone, transformando automaticamente todos os seus ouvintes em correspondentes. Munidos de fichas de telefone, qualquer indivíduo, mesmo o mais frágil ou o mais humilhado, podia parar no primeiro orelhão e soltar os cachorros a respeito de tudo o que estava acontecendo ao seu redor. Não há instituição centralista que possa suportar a pressão dessa reversibilidade do circuito: o papel jogado pela Rádio Alice nos acontecimentos bolonheses de 1977 é a sua prova definitiva.

Os meios convencionais ditos de comunicação colocam toda ênfase no aspecto "profissional" da realização e ostentam o acabamento esmerado do produto, o padrão técnico de qualidade como valores a serem celebrados em si. O mito da competência profissional barra, mais ainda que a censura econômica, o acesso direto da comunidade às mídias, tanto mais se esse mito vem apoiado em legislação monopolizadora da atividade, imposta à sociedade para preservar os interesses de corporações. Essas mesmas mídias definem ainda o acesso aos canais de expressão pública como função do critério da autoridade,

prestígio e representatividade do sujeito emitente. Em todas as circunstâncias, a emissão da mensagem é encarada como matéria do *especialista*: o especialista da expressão, o especialista do processamento técnico, o especialista do conteúdo ou porta-voz.

A experiência das rádios livres caminha numa perspectiva inteiramente oposta a esse culto da especialização e da competência. Nela, as soluções coletivas de enunciação "atravessam", como costuma dizer Guattari, as especializações, para inventar um tipo novo de democracia direta, capaz de perfurar os modelos tradicionais de outorga e representação. O que dá às rádios livres um aspecto ruidoso, capaz de desconcertar o ouvinte eventual, não é tanto a precariedade dos meios técnicos, mas principalmente o seu empenho em dar a palavra a interlocutores "menores", fazer falar acentos locais e sotaques plebeus, em contraposição ao recitativo uniforme e padronizado das emissoras convencionais. O que elas visam, enfim, é introduzir nas antenas a palavra viva, cheia de força, indecisão e desejo.

Todos devem ainda lembrar-se dos episódios pitorescos que envolveram o cacique Juruna, quando ele se pôs a carregar a tiracolo um pequeno gravador portátil, com o qual gravava os discursos e as promessas que os governantes faziam aos índios. Era a sua maneira concreta de dizer que os homens do poder eram mentirosos. Juruna conseguiu mesmo causar um certo desconforto, a sua presença nas cerimônias oficiais era sempre constrangedora porque o seu gravador indiscreto funcionava como um índice da demagogia do orador. Nós nos divertimos muito com aquilo que supúnhamos ser uma ingenuidade do cacique, mas a verdade é que Juruna tinha inventado uma utilização inteiramente nova dessa coisa banal

que é o gravador doméstico, uma utilização que jamais poderia ter estado no horizonte do fabricante do aparelho. A atitude do cacique Juruna lembra a da criança que ganha como presente dos pais um pianinho de brinquedo para que desde cedo já tome gosto pela música. Mas ao invés de dedilhar o instrumento nas teclas, como prevê o *design* do piano, a criança enfia a mão por baixo para dedilhar diretamente nas cordas; ou então bate o intrumento no chão para que as cordas vibrem e produzam um ruído agradável. Ora, o que se trata de fazer com as rádios livres é exatamente isso: reinventar o sistema das mídias, desconstruindo a pragmática que nos é imposta de cima, verticalmente, já a partir da concepção da tecnologia. Ao mesmo tempo, reintegrá-lo de forma sadia na vida da comunidade, para que ele seja instrumento da criatividade coletiva e não a prisão do imaginário.

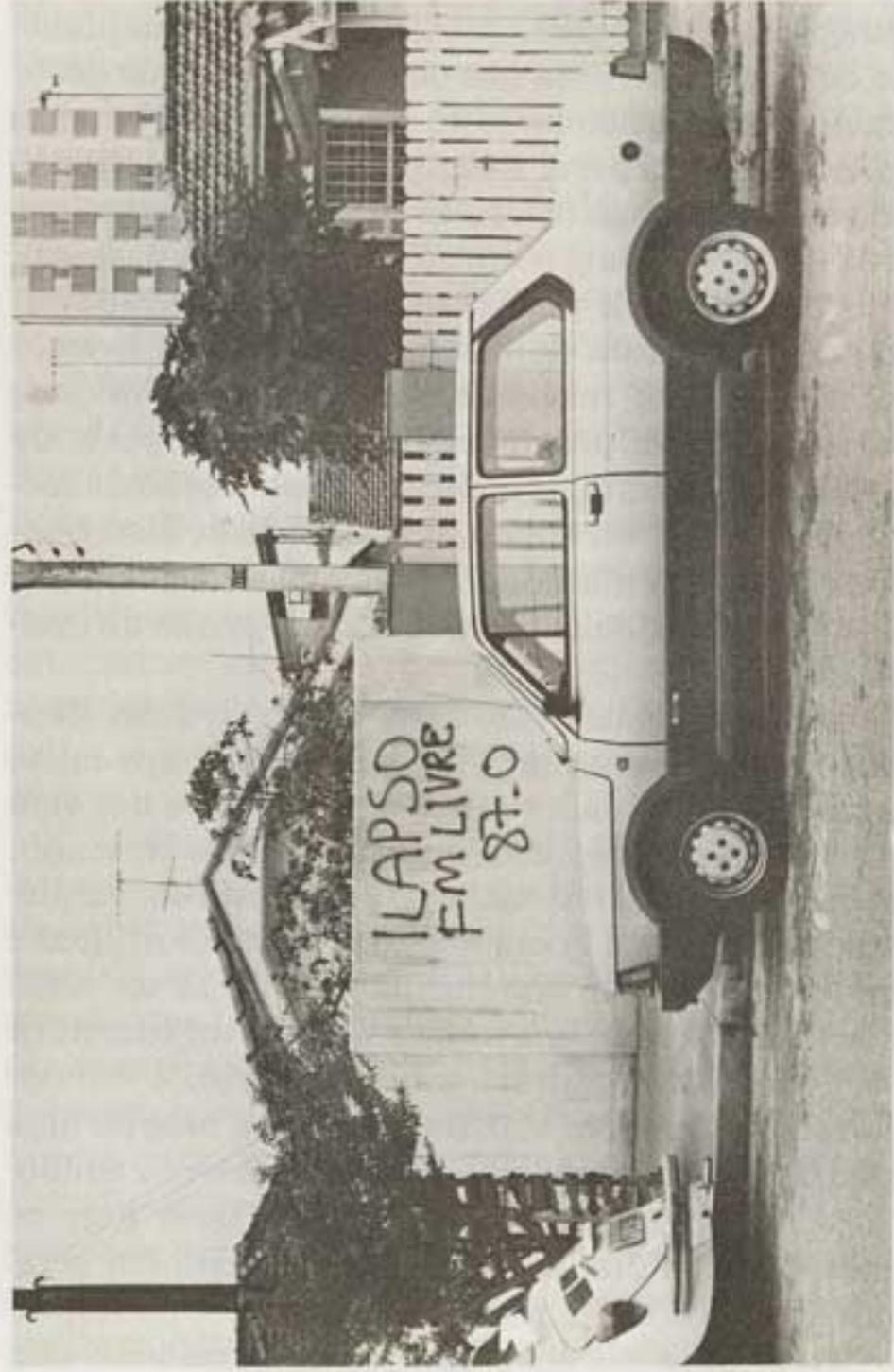
Numa polêmica com Enzensberger, Jean Baudrillard nos fala de uma definição de poder que existe em certas comunidades ditas "primitivas" e que vem bem a calhar a propósito do que estamos tratando. Ela diz mais ou menos assim: o poder está com aquele que pode dar e a quem não se pode restituir. Dar e fazê-lo de tal forma que isso não lhe possa ser restituído significa romper a troca em seu favor e instituir um monopólio. Restituir, pelo contrário, é romper essa relação de poder e instituir, sobre a base de uma reciprocidade antagônica, o circuito da troca simbólica. A maior revolução que se pode fazer hoje no domínio das mídias e da cultura de massa em geral consiste na restituição dessa possibilidade de resposta. Nos últimos dez anos, pelo menos, essa idéia vem se tornando cada vez mais clara a um número cada vez maior de pessoas. A proliferação incontrolável de

Graffiti: a melhor publicidade para as rádios livres.

Foto: A. Machado

poesia "marginal", editada e distribuída artesanalmente pelos próprios autores, a onda contagiante de discos e fitas "independentes", a abundante produção caseira em vídeo e pequenas bitolas cinematográficas, os grupos de intervenção urbana, as bandas suburbanas de rock, a febre dos *graffiti*, a proliferação das rádios livres, toda essa abundante produção microscópica, que as instituições classificam pejorativamente (ideologicamente) de "amadorismo", não será sintoma de uma mudança de papéis, de uma rebelião de receptores que, por fora das instituições, inventam suas próprias formas de resposta, para quebrar o monólogo das mídias dominantes? Talvez estejamos próximos daquilo que prognosticava Erik Satie no começo do século: "O futuro será dos amadores, isto é, daqueles que amam o que fazem".

Um depoimento: Cinderela

Tudo se resume numa questão de mutação espacial.

Uma certa necessidade de sair da cova cotidiana cemiterializada.

A vida está em toda parte.

As mulheres querem sair do *espaço* da cozinha e exigem que o Estado assuma conjuntamente a educação das crianças, fornecendo creches. Querem também voltar para casa à noitinha contando casos, privilégio que até agora só coube ao macho.

Os homossexuais querem que o fato de gostarem do *espaçozinho* apertado não seja considerado doentio, pois, afinal, a opção não passa de uma questão de sensibilidade erógena e talvez algumas coisas mais...

Os negros não querem que o *espaço* de sua pele, tingido de um pigmento mais escuro, seja confundido com um revólver acompanhado da velha frase: "Isto é um assalto!".

Os ecologistas proclamam algo óbvio: que o *espaço* da natureza seja preservado; afinal, sem ele...

Os psiquiatrizados não querem que a loucura fique trancada no *espaço* do manicômio e perguntam: Por que o delírio dos possuídos pode andar à solta e fora das instituições que eles controlam?

Os presos comuns se recusam a viver num *espaço* parecido com um esgoto e perguntam: Já que soltaram nossos companheiros presos políticos, por que agora não prendem muitos políticos que estão soltos?

A juventude se recusa a se coisificar em seus locais de trabalho. Considera que o *espaço* de criação da fantasia deve ser computado em tempo de trabalho.

Os... hum, hum... é tudo uma questão de espaço.

E tomando a palavra ao pé da letra, por que não ocupar o *espaço atmosférico*?

Afinal, jornalzinho, jornaleco, boletins, papel higiênico psicografado, todo mundo já utiliza bem ou mal. Por que não saborear um microfone que, entre outras coisas, é mais barato e mais rápido?

Assim começa a discussão dos meios de radiodifusão. Não adianta reclamar nas assembléias: "O povo não é bobo, fora Rede Globo!". É necessário misturar saliva, ondas hertzianas, microfone, desejos múltiplos e, como nas melhores receitas da vovó, intervir no ar.

Duas possibilidades: ou te escutam
ou te desligam.

E você continua falando...

No mundo, já falaram de montão fora dos canais oficiais. Na Itália e na França, na década de 70, radios e TVs livres interviram em várias questões regionais e nacionais, demonstrando essa possibilidade. E na vizinha Bolívia, os mineiros e suas rádios

sindicais realizaram a famosa assembléia dos ouvidos. Será que a esquerda não cogita que uma das causas principais da resistência e da própria sobrevivência da Central Operária Boliviana seja o fato de ela possuir esse instrumento eletrônico barato e eficaz: a rádio livre?

Será que o analfabetismo político, moral, cultural e existencial das pessoas vai ser resolvido pelo método Paulo Freire? Mas o ouvido nunca é analfabeto, por mais sujo que ele esteja. Mais do que para ouvir, o ouvido está aí para mandar uma mensagem para o cérebro, de modo que este, mais rápido ainda, faça uma salada do consciente com o inconsciente, ordenando que as salivas respondam prontamente.

Aí está uma questão fundamental das rádios livres: o ouvinte deixa de ser um tímpano passivo (no máximo de saco cheio das baboseiras que escuta) para passar a intervir diretamente. Cada indivíduo é locutor de seus conflitos e necessidades, sem precisar de representantes.

— Faz muito calor, o ar está abafadíssimo!

— Também pudera, ele nunca foi tão utilizado!

Desculpe, leitor, mas onde estamos?

— É verão, é 1983, é também Brasil!

— É Sorocaba, são mais de 40 rádios livres no ar. Em plena ditadura, se bem que os cassetetes já anunciem uma metamorfose democrática.

Eles se diziam apolíticos. O negócio era "muita música, uns recados para a sogra e umas paqueradinhas radiofônicas". Se não é político transgredir a lei, rompendo, mesmo que localizadamente, o monopólio do monstro global, então já não sei mais o que é político. Além do mais, acho profundamente político discutir com a sogra em público, rompendo o monopólio da fofoca familiar.

O que importa é que Sorocaba aconteceu e conseguiu não só vencer a batalha técnica como intervir em pleno Figueiredão.

A notícia se espalhou, a imprensa divulgou, o Dentel baixou. O ar esfriou e Sorocaba calou (ela voltaria ao ar em 1985).

E não demorou muito, São Paulo falou.

O ar da Paulicéia começa a ter um Xilik.

O clima era outro, o ano era 1985 e o Brasil tinha acabado de ganhar uma "Nova República".

Então vamos lá, para o tal dia.

— Que dia?

O dia tal. Aquele em que Tancredo morreu.

O Brasil se transforma numa imensa igreja entupida de desejos. O aspecto é lacrimoniosamente cristão.

No dia seguinte, saindo pelas portas de fundo da igreja... No meio da rua ou talvez numa mesa de bar, entre os goles de uma loiríssima gelada.

— O espaço político existe!

— Na França foi assim, na Itália assado!

— Então vamos: ao tupiniquim o seu pedaço mais tesudo de quindim.

— Ecco, ma come risolvere il problema técnico?

E do casamento da querida Santa Efigênia com o nosso queridíssimo São Gertrudes surge a nossa primeira panela. Quero dizer: nosso transmissor. (Pra quem não sabe, Santa Efigênia é uma rua de São Paulo onde ficam as lojas de componentes eletrônicos. O São Gertrudes, sinto muito, você vai ter de descobrir.)

No dia 20 de julho, além dos aviões, além dos menudos e do fofinho da "pirata" Rádio Cidade, surge enxeridamente no ar: la petite Xilik.

106 MHZ, funcionando no horário em que a cidade começa a ficar escurinha.

A "pirata" Rádio Cidade — Rede Globo das emissões radiofônicas em São Paulo — tentou piratear, jogando seu forte sinal em cima da faixa da Xilik.

PIRATAS SÃO ELES. NÓS NÃO ESTAMOS ATRÁS DO OURO.

O que existe de mais fundamental, o que existe de mais banal é o simples desejo de articular uma corda vocal.

Não importa quantos nos escutam, não importa o que acham. Estamos grudados no nosso cordão umbilical, no desejo mais íngreme de somente mamar,

ou talvez balbuciar

algo de intacto no ar.

Fase fundamental: escutarmo-nos no *dial*.

Dentel e jornalistas em geral não gostaram: falaram que eram jovens de 68 com crise IN
TES
TI
NAL.

Nós, muitas vezes jovens com mais de 30 anos (talvez a ditadura tenha atrasado etapas), preocupados com a produção, forma e emissão da programação, deparamo-nos com problemas domésticos:

— Não agüento mais esse negócio de você voltar para casa todos os dias depois das tantas. Afinal, fiquei sabendo que estava grávida na semana passada!

E o trintão responde rápido:

— Tesão é o que não falta! Transaremos quantos filhos forem necessários: Xiliks, Ilapsos, Molotovs, Neblinas, Totós, Trips, Tomadas, Joãos e Mariazinhas...

Já a juventude com menos de 15 conta pro papai e pra mamãe que ultimamente está muito interessada em eletrônica e pede um aumento da mesada, que rapidamente será torrado na Santa Efigênia. Rádio Apocalipse é o nome que uma 7ª série ginasial deu para a rádio que está montando.

Constelação familiar: maldição da sorte e do azar.

Adoro ser papá. É bom passar um sábado inteiro entre fraldas, resmungos e risadas de minha bambina.

Adoro meu papá, na sua silenciosa crise dos 50. Ele mesmo muitas vezes me censura, não pelo meu "ativismo", mas pela minha caretice.

Eu lhe digo:

— Velhão, não se preocupe com os grandes cargos públicos. Muitos de seus amigos não passam de pilantras enfastiantes da eterna hetero-liberal-libertinagem. Continuo preferindo você trocando a porca política pela sua segunda esposa. Continuo preferindo você com aquela vodca que saboreamos em alguns domingos da vida.

Noutro dia (27 de agosto):

— Os homens estão começando a ficar preocupados!

— Será um avião, uma mosca, o carnaval? Não, definitivamente não!

— É a Nova República em ação!

Foram à PUC atrás da Xilik.

O pessoal do Toninho Malvadeza voltou de mãos abanando.

— É, desta vez não deu!

Parece que eles nunca aprendem que a coisa é mais embaixo.

Por uma questão de sobrevivência, a Xilik começa o seu namoro sindical. Coloca seu transmissor à disposição da histórica e vitoriosa greve geral dos bancários de 1985. Nas assembléias, a Rede Globo era vaiada e impedida de filmar, por causa das asneiras e mentiras que transmitia sobre a greve. Em contrapartida, a Xilik, que transmite apenas para dois ou três bairros da Paulicéia, tem direito à palavra na assembléia paulista da Praça da Sé.

Parece que eles gostaram da idéia e na próxima greve, além da *Folha Bancária*, além do lobisomem, haverá uma rádio livre sindical no ar. Será a Rádio Tereza ("tereza" é o nome que os presidiários dão àquela corda de lençol através da qual fogem da cadeia).

Na verdade, os bancários paulistanos já tinham uma rádio: era um serviço de alto-falantes que animava o centro nervoso do capital financeiro na hora do almoço. Agora, com a possibilidade de ter um transmissor, bastam apenas alguns ajustes técnicos para continuar o trabalho.

Os químicos também querem, nos campos do Pará há iniciativas, mais de vinte grupos de jovens interessados já compram peças. Na periferia, setores da Igreja já haviam construído um transmissor antes da Xilik e só estão esperando o momento certo para entrar no ar. Trabalhadores ligados aos movimentos dos bairros (creches, loteamentos clandestinos etc.) também já freqüentam a Santa Efigênia. Nas eleições municipais para prefeito, surgem duas rádios Se Ligue, Suplicy (ligadas ao PT) para dar uma esticadinha nos minutos gratuitos. E depois do avanço a nível nacional, setores do PT discutem a possibilidade de se construir uma rádio do partido, como forma de se comunicar com os simpatizantes.

É criada uma Cooperativa dos Rádio-Amantes, para ajudar na construção dos transmissores e prestar solidariedade no caso de repressão. Começa-se a discutir também a nossa legislação.

Quem nunca escutou nenhuma dessas emissões deve fazer-se a pergunta tradicional e curiosa:

— Mas, afinal, o que tocam eles e o que falam no ar?

Para responder a essa pergunta, eu gostaria de lembrar uma expressão muito cara ao Guattari, quando ele discute a forma das rádios livres, falando numa certa "boca pequena".

Essa expressão poderia ser traduzida por: "fragmentário cotidiano que nunca vai para o ar". Fragmento que existe, mas fica encarcerado em espaços predeterminados, onde a sociedade o manipula. Se está encarcerado não pode ser socializado. Ou melhor: é socializado, só que é aquela socialização que passa pelo crivo do Estado, do capital, do editor, do partido etc.

De tal merda, fica o fato de que acabam por calar a "boca pequena". Sutil assassinato. Afinal, é melhor tutti generalizzato.

A forma só existe enquanto fragmento passageiro. O moleque de rua tem acesso ao microfone e isso em si já é uma revolução na forma. O rapaz que nunca havia provado o sexo, no dia seguinte resolve falar de sua sensação diante do lençol amassado, não para o psicólogo, mas ao microfone. O nortista conta os seus primeiros dias na Paulicéia, essa fantástica garoa da ilusão. O desempregado fala das sensações estranhas que tem sentado nos bancos das praças, olhando para aquele mundo de engravatados do cen-

tro da cidade. Toco o disco que tirei do fundo do baú e que um dia, no ano mil novecentos e qualquer coisa, escutei com alguém.

Boca pequena todo mundo tem. Torne ela onipotente, onipresente. Mude de canal, faça um bacanal. Um bacanal de bocas pequenas.

Um momento! Se você estiver na dúvida, cuidado! Não faça nada!

Ou melhor: continue restringindo seus fragmentos para onde as instituições os delimitam. Continue sendo um trabalhador eficiente, um aluno aplicado, um esposo competente, um negro que sonha casar-se com a branca mais linda da cidade. Continue lendo a imprensa responsável, votando útil. Afinal, o magiclik de sua casa nunca funcionou muito bem.

Continuísmo — a palavra que os políticos adoram.

Outro momento! Cuidado ainda maior!

Depois que você pega no microfone, muito mais que o Sinhozinho Malta, não há Roque Santeiro que o faça largar.

Processo implosivo. Toda liberdade à atmosfera. Nenhuma vassoura de muitos jânios conseguirá varrer a singela poluição que começa a tomar conta do ar. É verdade que logo o grande capital vai querer pegar a sua fatia do bolo, profissionalizando e pagando muito bem muitos desses jovens criativos. Faz medo também a normatização que os gabinetes dos homens do poder estão preparando para a Constituinte: rádios "educativas" e "comunitárias" para domesticar a revolta, onde cada agrupamento social terá meio minuto para falar...

Inevitável, meu caro Watson. Eles estão aí para isso.

Os homens de imprensa querem nos enquadrar como juveniilistas afoitos. Eles estão é com ciúmes. Ciúme, esse verme estratosférico! Afinal, essa coisa de rádio livre pode comprometer a função deles como castradores de singularidades e fabricantes de generalidades. Imaginem só se as pessoas não precisam mais deles e começam a falar elas mesmas do que lhes interessa. Os bancários diretamente de suas greves, os camponeses diretamente de suas terras ocupadas, as domésticas de seus cubículos de dormir, a juventude roqueira de suas garagens.

A VIDA DIRETAMENTE DA VIDA. RÁDIO-MOVIMENTO. RÁDIO-VIDA.

Os psis em geral também estão preocupados. De repente, o inconsciente que eles supõem estar no divã começa a ser liberado em outros espaços. Não, eu não quero mais conectar meu sonho com a análise do psiquiatra, quero-o conectado no ar, ao vivo. Quem sabe não recebo cartas e telefonemas interessantes?

Não quero mais reclamar de minha solidão para que ela seja medicada com psicotrópicos. Vou conclamá-la na rarefação do ar.

Estamos na era da informática, que também é a da bomba atômica, muy rápida, muy rápida...

Temos também de ser muy rápidos!!!

E, de repente, rádio é isso: uma rapidez que nem a gente que é agente do movimento entende.

Nem agente entende.
Nem agente entende.
Nem agente entende.
BOOOOOOOOOOOM é o que acontece,
acontece,
acontece.
A prática é maior que o universo.

Portanto, eis que todavia:
ABUTRES DA MÍDIA, ABUTRES DA VIDA,
NA TERRA, NO MAR OU NO AR,
NOSSOS CORAÇÕES CONTINUARÃO A SALTITAR.
E NOSSAS SALIVAS GASTAS COM O FALAR.
FALAR, FALAR, FALAR.
ALGO DE POLICÊNTRICO NO AR...

P.S. Um beijo a Dona Stela, que renasceu de cócoras em 1985.

Cinderela

A batalha dos ares do sul (Manifesto da Rádio Totó)

Içar velas!

Levantar âncoras!

Todos junto com a Rádio Totó, navegando as ondas hertzianas em busca do Eldorado sonoro. Chega de ferros a nos tolher. A nau de Totó está preparada para enfrentar os destróieres da RENAR — Rede Nacional de Radiomonitoragem — que, com seus mísseis radioguiados, são os lobos defensores dos impérios da informação de mão única. Que tenham vez e voz os excluídos da comunicação de massa!

Chega de aldeia global com seus caciques nos impondo a homogeneização e a pasteurização cultural. Que floresça a diferença! Chega desse sistema de concessões que só privilegia o clientelismo político, deixando à margem os reais interesses da sociedade. E ainda nos chamam de piratas! Assumimos o termo por questões estéticas, mas PIRATAS SÃO ELES. Não estamos atrás do ouro.

As ondas hertzianas são livres!

Viva a Rádio Xilik!

Vivam as rádios livres!

Que mil transmissores floresçam, alegrando nossa primavera!

A RTT — Rede Totó Ternura de Telecomunicações — está transmitindo com a sua Rádio Totó, em regime ex-

perimental, nos 106 MHz FM, atingindo a região próxima a Pinheiros, Praça Panamericana, Butantã e Rio Pequeno, em horários variados. Na equipe de produção estarão, além do capitão Totó Ternura, os corajosos cães que se dispõem a enfrentar a carrocinha do DENTEL, como São Bernardo, o cão que cuidará dos assuntos sindicais; Snoopy, o correspondente nos EUA; Rin-Tin-Tin, o repórter policial; Lassie, a sexóloga; Cachorro Louco, o locutor "chapadão"; Baleia, a crítica literária que recebe o espírito de Graciliano Ramos; Rex, o cão pastor evangélico, e uma programação inédita e variada, marcada pelo lançamento do seu "Repórter Osso", que será transmitido em *cadeia*, diretamente do Carandiru. Fique com a gente nessa viagem. Queremos ser o seu cãozinho de estimação, sempre ao seu lado.

Primeira intervenção da Rádio Xilik (20/7/85)

"Ship Ahoy" de Frank Zappa entra firme, depois vai a BG.

BIFO: Rádio Xilik. Rádio livre urgente, em 106 MHZ, aberta a todos, exceto a: generais ativos e passivos, senhoras de Santana, falsários, mamães que dizem sempre mentirinhas, falocratas, crianças que falam sempre a verdade, demagogos, juízes evangélicos.

"Ship Ahoy" sobe e manda fogo até o fim.

B: Rádio Xilik. Rádio livre urgente chama a parte do mundo sonoro livre.
Polifonia.

Entra "4 canni" de Lucio Dalla. Vai a BG.

B: Rádio Xilik chama Rádio Alice, Bolonha, Itália.

Música sobe, depois BG.

B: "Alice é il diavolo. Sulla strada di Majakovskij. Testi per una pratica di comunicazione sovversiva."

Música sobe, depois BG.

B: "Non sará la paura della folia a costringerci."

Música sobe e vai até o fim.

B: Rádio Xilik. Rádio livre urgente chama Rádio Solidariedade em algum ponto da Polônia.

"Toxika" do Plastic People entra firme. Depois BG.

"Eles têm medo dos velhos por suas memórias.
Eles têm medo dos jovens por sua inocência.
Eles têm medo dos trabalhadores.
Eles têm medo da ciência.
Eles têm medo de livros e poemas.
Eles têm medo de discos e gravações.
Eles têm medo dos músicos e cantores.
Eles têm medo dos escritores.

Eles têm medo dos filósofos.
Eles têm medo dos prisioneiros políticos.
Eles têm medo das mudanças na cúpula de Moscou.
Eles têm medo do futuro.
Eles têm medo de sair às ruas.
Eles têm medo uns dos outros.
Eles têm medo de Karl Marx.
Eles têm medo de Lênin.
Eles têm medo da verdade.
Eles têm medo da liberdade.
Eles têm medo da democracia.
Eles têm medo da declaração universal dos direitos do homem.
Eles têm medo do socialismo.
ENTÃO, POR QUE DIABOS ESTAMOS COM MEDO DELES?"

Música sobe e vai até o fim.

B: Rádio Xilik. Rádio livre urgente chama Rádio Venceremos em algum ponto de El Salvador.

Caetano ataca com "Soy loco por ti, América". Vai a BG.

"Sol,
Abriga-os nas tuas mãos!
Com a língua dos teus raios acende-lhes os olhos!
O velho rosto do tempo troçamos agora.
Sãos e salvos voltamos para casa.
Então,
sobre os nicaragüenses,
sobre os salvadorenhos,
sobre os guatemaltecos,
sobre todos
pelo firmamento terrestre,
desde as auroras vermelhas,
fila após fila,
sete mil cores brilharam
de mil arcos-íris diferentes."
(Maiakóvski adulterado)

Música sobe e vai até o fim.

B: Urbanots paulistanos:
Passem a Cultura e caiam na Xilik.

Entra "Nós espantaremos o

urubu." Aguilar e a Banda Performática.

B: Desistam!
Não sabemos recitar, representar, cantar, desenhar, escrever, dançar.
Não sabemos nada das lições angustiantes ou confortantes.
Nada faremos por ou para vocês.
Desistam!
Não organizaremos o caos. Desejamos.
Nada faremos por ou para vocês.
Desistam, urbanots!

Música sobe e vai até o fim.

B: Rádio Xilik chama Rádio Tomate, em Paris.

Higelin entra firme com "Paris-New York, New York-Paris". Vai a BG.

"Perigo iminente. Atenção, a menor linha de fuga pode fazer tudo explodir. Vigilância especial aos pequenos grupos perversos propulsando palavras, desencarrilhando frases, atitudes suscetíveis de contaminar populações

inteiras. Neutralizar, prioritariamente, todos aqueles que possam ter acesso a uma antena. Guetos por toda parte — se possível autogeridos —, microgulags por toda parte, até mesmo na família, no casal e inclusive na cabeça, de modo a segurar cada indivíduo, dia e noite."
(F. Guattari)

Música sobe e vai até o fim.

B: Rádio Xilik. Rádio livre urgente chama as rádios livres de Sorocaba.

Arrigo "Clara Crocodilo" Barnabé entra com tudo. Vai a BG.

B: Acorda, Manchester paulista, que essa preguiça faz cera nos ouvidos.
Vossos solitários transmissores grunhem uma língua oculta.
Acorda, Manchester paulista.
O galo rouco deixa o louco na janela.
Crise?

Música sobe e volta a BG.

B: Os exterminadores
são eles...
Nós desejamos a vida
descoberta.

Foto Augusto Antunes

21 de setembro de 1985: Convocada pela Rádio Xilik, uma alegre multidão caminha pelas ruas de São Paulo na *Marcha sem Motivo*. O carro falante que puxa a passeata exibe trechos de emissões das rádios livres.

Fotos: Cláudia Levental

Um pouco de história: as rádios livres européias

Uma das experiências mais férteis de inserção dos meios de teledifusão no processo de reconstrução democrática aconteceu em alguns países da Europa, durante os anos 70. O movimento das *rádios livres*, iniciado na Itália em 1975, visava perfurar o monopólio estatal das telecomunicações, através de emissões de rádio ilegais ou não autorizadas. Nascidas no bojo de movimentos políticos contestatórios, as rádios livres estimularam as pessoas a passar da condição passiva de ouvintes para a de agentes ativos de seus discursos e a colocar no ar as suas idéias, os seus prazeres, as suas músicas preferidas, sem precisar de autorização para isso. As faixas de onda foram consideradas propriedade coletiva e cabia à coletividade usufruir delas.

Piratas em busca de ouro

As *rádios livres* européias nada têm a ver, entretanto, com as *rádios piratas*, cuja história é anterior e completamente outra. Há uma enorme confusão

terminológica nessa área. Rádios piratas, rádios periféricas e rádios livres formam três frentes programaticamente diversas de corrosão do todo-poderoso monopólio estatal das telecomunicações, vigente na Inglaterra, na Itália e na França até meados deste século, através dos órgãos BBC (British Broadcasting Corporation), RAI (Radio-Televizione Italiana) e ORTF (Office de Radiodiffusion-Télévision Française) respectivamente. A pirataria é um fenômeno tipicamente inglês. A partir do final dos anos 50, algumas emissoras foram montadas dentro de barcos, para emitir fora das águas territoriais da Grã-Bretanha, como forma de burlar a tutela estatal. A rádio Merkur, por exemplo, emitia nas costas de Copenhague (Dinamarca), a Nord nas costas de Estocolmo (Suécia), a Verônica em águas holandesas, a Caroline e a Atlanta no mar da Inglaterra. Era costume erguer uma bandeira negra, como a dos corsários, nos barcos emissores, e esse detalhe deu origem à expressão "rádios piratas".

Essas emissoras eram "piratas" também num outro sentido. Elas buscavam o ouro, através da conversão do rádio num veículo comercialmente lucrativo. Eram financiadas basicamente por multinacionais como a Ford, Lever ou American Tobacco, que tinham interesses comerciais no mercado europeu e precisavam fazer seus informes publicitários perfurarem o edifício do monopólio. A primeira pirata a ir para o ar — a Merkur — estreou em julho de 1958 e um mês depois já contava com verbas publicitárias de 150 mil dólares. Basicamente, essas rádios introduziram na Europa o estilo radiofônico norte-americano, baseado na difusão de música pop e na animação dos disk-jockeys. Se considerarmos que as rádios do monopólio eram, nessa época, palavrosas, enfadonhas e demasiado obcecadas com a difusão de música clássica, não é difícil imaginar que as piratas ganharam terreno em pouco tempo. A rádio Caroline chegou a conquistar 28 milhões de ouvintes entre 1964 e 1968.

Já as rádios periféricas não são "piratas" no mesmo sentido inglês. Teoricamente, elas emitem do exterior, não estando portanto subordinadas à lei do monopólio. É o caso da Europe 1, da Rádio-Tele-Luxemburgo, da Sud-Radio (voltadas ao público francês) e das rádios Montecarlo e Capo d'Istria (destinadas ao público italiano). São emissoras "legais" num certo sentido. Algumas, como é o caso de Sud-Radio, têm seus estúdios no próprio território francês e apenas a antena transmissora fica fora. Outras, como a Europe 1, são sociedades de economia mista onde o Estado é acionista majoritário. Da mesma forma que as piratas inglesas, entretanto, todas elas são geridas com verbas publicitárias das multinacionais e de empresas norte-americanas.

Nos anos 60, a pirataria nas ondas gerou alguns incidentes internacionais, sobretudo por iniciativa da Inglaterra. Mas é um problema difícil de resolver pelas vias jurídica ou diplomática, uma vez que o conceito de soberania nacional só é aplicável ao território físico, mas não ao espaço eletromagnético. Ademais, as próprias superpotências internacionais desmoralizaram a idéia de inviolabilidade das nações quando, a partir dos anos 40, se engalfinharam numa verdadeira batalha nas ondas, em busca da penetração ideológica. As emissoras norte-americanas Free Europe, Liberty e Voice of America, a Rádio Central de Moscou, a Deutsche Welle da Alemanha Ocidental, além da própria BBC britânica, bombardearam os seus adversários políticos com emissões

diárias em ondas curtas, seguindo o exemplo de Goebbels na Alemanha nazista. Colocados no fogo cruzado do monopólio estatal e da pirataria internacional, os europeus partiram para a sua própria revolução nas ondas radiofônicas, inventando uma terceira modalidade de emissão: as rádios livres.

A explosão italiana

Pode parecer estranho, mas, na Europa, a crise do monopólio estatal de radiodifusão começa no âmbito da televisão. Na primeira metade dos anos 70, houve uma tentativa frustrada de implantar a televisão por cabo na Itália. Embora a empreitada não tenha vingado, ela introduziu uma discussão que acabou se revelando fértil: o cabo estaria no âmbito do monopólio? Teria o Estado poderes constitucionais para geri-lo? Se não, isso significaria que o terreno estava livre para a sua exploração? De início restrita aos burocratas das telecomunicações, a discussão acabou entretanto caindo no domínio público e logo a legitimidade inteira do monopólio era colocada em questão. Então era possível pensar o rádio e a TV fora da tutela estatal? E se a utilização das ondas fosse liberada, como se poderia reinventar as telecomunicações?

Na primavera de 1975, antes mesmo que alguém desse resposta a essas questões, as rádios livres italianas começaram a acontecer na prática, ignorando o monopólio e toda legislação que o suportava. Elas ainda não tinham nada de alternativo no sentido político-cultural do termo. Rádios como a Milano Internazionale e a Emmanuel de Ancona, pioneiras do movimento, eram emissoras de aficcionados e de *bricoleurs* da eletrônica. Nas fileiras de seus animadores havia homens como Borra e Semprini, comerciantes de aparelhos de som, que se converteriam nos principais fornecedores de equipamentos de transmissão quando as rádios livres explodissem logo a seguir.

Desde o início, as rádios alternativas ao monopólio se aglutinaram em dois núcleos. De um lado, aquelas que tinham interesses comerciais, que visavam à exploração de publicidade e à transformação do rádio num negócio rendoso, como era nos Estados Unidos. Nessa perspectiva empresarial, a Rádio Milano Internazionale aparece como o melhor exemplo. De outro lado, porém, o desafio ao monopólio abriu espaço para uma experiência radiofônica absolutamente inédita, dirigida para uma autêntica gestão alternativa da informação e para o exercício direto da democracia, através de sua ligação com movimentos sociais contestatórios. Esta última estava quase sempre relacionada com as novas esquerdas ou com grupos de natureza político-cultural que não mais se encaixavam nos velhos partidos.

O Canale 96 de Milão, a Rádio Milano Centrale, a Rádio Città Futura de Roma e a Rádio Bra Onde Rosse foram algumas das emissoras que melhor personificaram essa segunda alternativa. A Milano Centrale mantinha conexões diretas com fábricas ocupadas e contava com uma rede de informações sobre a vida da cidade que incluía, entre outros, os motoristas de táxi de Milão. Suas ramificações na vida política da cidade lhe permitiam manter os ouvintes informados sobre concentrações, greves e manifestações e dar em primeira mão, ao vivo, notícias dos diversos movimentos reivindicatórios. Abria amplos espaços para as chamadas *autonomias* (setores par-

ticulares de combate, como as mulheres, os trabalhadores imigrantes, as minorias étnicas, os jovens, os homossexuais, etc.) e até na publicidade mantinham uma atitude alternativa, anunciando apenas as cooperativas e os mercados que vendiam a preços populares.

A estrutura organizativa da Rádio Milano Centrale, com sua rede de extensões nos movimentos sociais, de certa forma resume o espírito das demais emissoras alternativas. A maioria delas opera em esquema de autogestão e são mantidas com a contribuição voluntária de seus colaboradores e simpatizantes. Mais conseqüentes em marcar o papel diferenciado das rádios livres, algumas emissoras, como é o caso de Canale 96, emitem também contra-informação, visando corroer ou subverter o fluxo de informações geradas pelos porta-vozes do poder. Todas elas, entretanto, se consideram inseridas no *Movimento* (nome genérico que os italianos dão a todas as frentes de combate autônomas), a que procuram, para usar sua própria expressão, *atravessar*. Mas há sempre um núcleo animador (para não dizer "dirigente", termo que não cabe no horizonte dos alternativos, preocupados em perfurar as relações de autoridade) que, em geral, corresponde a algum círculo político-cultural mais ou menos constituído. Foi num desses núcleos, o Gatto Selvaggio de Bolonha, que nasceu a idéia da Rádio Alice, a mais ativa do Movimento e cujo papel na definição do papel "transversalizante" das rádios livres foi decisivo.

A resposta do Estado e das forças políticas majoritárias às rádios ilegais era também diferenciada. Havia um clima de tolerância em relação às emissoras de perspectivas comerciais, enquanto aquelas que ofereciam uma alternativa ao modelo político

eram duramente reprimidas. Em julho de 1976, os transmissores da Rádio Bra Onde Rosse foram seqüestrados e, três meses depois, o Canale 96 era fechado, acusado de manter relações com as Brigadas Vermelhas. Em março de 1977 desencadeia-se uma onda repressiva sobre as rádios livres de cunho político-social, culminando com o fechamento brutal (seguido de processos criminais contra seus animadores) das rádios Popolare 99, Anadio, Alice e, um pouco mais tarde, Città Futura. Tudo isso aconteceu depois da "legalização" de julho de 1976, quando o Tribunal Constitucional ditou uma sentença negando a legitimidade da reserva para o Estado das transmissões televisuais e declarando legal a iniciativa privada nas emissões radiofônicas de alcance local. A própria ambigüidade da legislação era usada de forma discriminatória pelo poder de Estado: ele aplicava a lei do monopólio para as rádios consideradas inoportunas e a sentença constitucional para as rádios comerciais ou ligadas ao poder local.

No ápice da repressão às rádios livres "atravessadas" no movimento social, a empresa de navegação aérea Alitalia introduziu uma polêmica ridícula, baseada no argumento de que as emissões clandestinas estavam provocando interferências nos aparelhos de comunicação de bordo, durante a operação de aterrissagem. Essa polêmica logo foi engrossada pelas forças conservadoras do país, que começaram a pressagiar as rádios livres entrando nas faixas da polícia, das ambulâncias, dos bombeiros e provocando uma catástrofe urbana. O pânico era artificialmente produzido para manipular a opinião pública, pois jamais aconteceu acidente algum devido a emissões radiofônicas. "O medo que eles tinham — explica Felix Guattari em *Micropolítica* — era que se pudesse ins-

taurar a zona no plano social, ou que esse tipo de rádio (...) servisse de caixa de ressonância a movimentos políticos mais amplos."

O combate diferenciado às emissões livres era endossado igualmente por comunistas e democrata-cristãos. O PC e os sindicatos operários foram fiéis ao princípio do monopólio a maior parte do tempo. Não se pode esquecer que a invasão do estúdio da Rádio Alice por tropas da polícia foi determinada pelo prefeito comunista de Bolonha. Entretanto, algumas secções sindicais começaram também a utilizar as rádios livres, sobretudo nos momentos de conflito mais intenso com a classe patronal, ocasião em que o acirramento da luta exigia dispositivos de comunicação massiva mais rápidos e eficazes. Esse fato introduziu contradições dentro do aparelho sindical, já que ele tinha de defender o monopólio e conviver ao mesmo tempo com emissões ilegais produzidas em suas próprias fileiras. Quando o monopólio se tornou politicamente insustentável, os comunistas passaram a defender rádios comunitárias burocráticas, ligadas ao poder local ou às entidades representativas. Do lado da democracia-cristã as contradições não estavam menos exacerbadas, pois o partido representava interesses de grupos econômicos que pretendiam ocupar comercialmente as ondas de rádio e TV, mas ao mesmo tempo temia que a liberação das ondas provocasse uma explosão cultural e ideológica de conseqüências imprevisíveis.

O estrangulamento das emissoras de intervenção cultural-ideológica se deu, portanto, em várias frentes: pela via jurídico-policial e também pela via mercadológica, através do preenchimento completo do *dial* com rádios de tipo empresarial. No final de 1975, quando se deu a primavera das rádios livres,

havia quase uma centena de emissoras clandestinas em toda a Itália, das quais pelo menos um terço era constituído por rádios democráticas sem fins comerciais. Em junho de 1978, segundo cifras oficiais, a Itália já contava com 2 275 rádios locais e 503 emissoras de TV, a maioria esmagadora emitindo programação comercial e sobrando para as emissoras "atravessadas" no Movimento nada mais que dez por cento do espaço eletromagnético. A conseqüência foi a degeneração das mídias de teledifusão, uma vez que, destituídas de projeto cultural e ávidas apenas de lucro fácil, a maioria das emissoras preenchia seus horários com enlatados comprados no exterior.

A "legalização" de 1976, decorrente da sentença 202 do Tribunal Constitucional, provocou uma corrida às faixas de onda em freqüência modulada e TV, mobilizando o sistema publicitário, a indústria do disco e do vídeo, o mercado de espetáculos, os partidos políticos de tipo eleitoreiro e toda uma multidão de empresários e tecnocratas interessada numa fatia do espectro eletromagnético. Essa proliferação desordenada de rádios e televisões, sem qualquer sentido de prioridade, acabou desembocando naquilo que posteriormente se veio a conhecer como a "anarquia" italiana: uma quantidade praticamente incontável de emissoras encadeadas e superpostas, impossíveis de separar, a maioria delas terrivelmente iguais. Quando um ouvinte circula de automóvel num centro urbano italiano com o rádio ligado, ele muda automaticamente de emissora a todo momento, sem sequer tocar no botão do *dial* e às vezes sem nem mesmo perceber. Entregue à sanha dos comerciantes e oportunistas de toda espécie, o movimento das rádios livres degenerou num *patchwork* de lugares comuns. Mas inegavelmente

abriu uma brecha no monopólio, e esse precedente seria o estopim de uma revolução nas ondas que se propagaria por todo o Velho Mundo.

Alice do outro lado do espelho

pesar dos problemas, a experiência das rádios livres democráticas na Itália foi fértil de descobertas e se converteria num ponto de referência obrigatório para todas as posteriores tentativas de reinventar o rádio numa perspectiva coletiva. De certa forma, ela exprimiu uma nova sensibilidade política, que não poderia desabrochar através das vias tradicionais, como os partidos, as entidades, o parlamento, etc. Essa nova sensibilidade, que nasceu nas barricadas de 1968 e foi-se transformando com a experiência acumulada, consistiu na pulverização da luta política em inúmeros pequenos núcleos dotados de singularidade (grupos de bairros, de jovens, de mulheres, de consumidores, de pacifistas, de raças, de nacionalidades, de opções religiosas, de opções sexuais, de opções culturais, etc.), núcleos que não podiam aceitar as formas de organização pasteurizadas dos partidos e sindicatos e que não deixavam dissolver sua singularidade sob a máscara dos objetivos "históricos" e "gerais". No bojo desse Movimento, as rádios livres democráticas desempenharam um papel "transversalizador", ou seja, elas podiam atravessar todas as singularidades, dar-lhes presença e expressão, sem entretanto enquadrá-las ou reduzi-las a um denominador comum.

Ninguém negará que a mais importante rádio do/no Movimento foi a Alice de Bolonha. Ela começou a emitir em janeiro de 1976 como uma das

derivações de um grupo diretamente mergulhado na ação política, o A/Traverso, responsável, entre outras coisas, por reuniões públicas, atividades comunitárias, festas, uma revista periódica e até mesmo encontros diários e informais na Piazza Maggiore. Alice se caracterizava, antes de tudo, pela recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. Com muita freqüência, mesclava valores estéticos com ações políticas, retomando a atitude desmistificadora do dadaísmo num contexto pós-moderno. Seus articuladores buscavam interromper a transmissão de informações políticas produtivas e subverter o fluxo de produção e circulação dos signos emitidos pelas várias instâncias de poder. A melhor definição de seu programa de ação talvez esteja delineada nas palavras com que a emissora de Bolonha abriu a sua primeira emissão:

> "Rádio Alice emite: música, notícias, jardins em flor, conversas que não vêm ao caso, inventos, descobrimentos, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amor, partes de guerra, fotografias, mensagens, massagens e mentiras".

Alice, de fato, não tinha escrúpulos em praticar as misturas mais inesperadas, na luta contra os *jabberwocks* (monstro inventado por Lewis Carroll em um de seus poemas e que, no caso de Alice, tanto podia personificar os gorilas da ordem constituída, quanto os fósseis da oposição consentida). Combinava citações literárias (Joyce, Maiakóvski, Carroll) com música clássica, canções políticas, *rock'n'roll*,

monólogos interiores, fluxos de pensamento, gritos primais, depoimentos de grevistas, *slogans* de manifestações e zueira de festas. Ora a linguagem era utilizada em sua dimensão instrumental, ocasião em que os microfones eram abertos aos ofendidos de toda espécie; ora a linguagem era experimentada na sua dimensão poética e reinventada numa perspectiva criativa; ora ainda ela explodia como uma operação de guerrilha no seio das mídias dominantes, revertendo a lógica da circulação de mensagens no espaço eletromagnético.

Em março de 1977, Bolonha foi palco de uma crise sem precedentes no âmbito das universidades, cujo resultado foi um confronto violento com os policiais enviados pelo prefeito comunista, com saldo de um morto e inúmeros feridos. Alice desempenhou um papel estratégico nesse conflito, "transversalizando" de alto a baixo o Movimento, com notícias ao vivo enviadas por telefone diretamente pelos estudantes envolvidos. Não bastasse isso, a rádio incitava as pessoas a aderirem às manifestações e, com base em informações passadas por simpatizantes distribuídos por toda a cidade, alertava sobre os deslocamentos da polícia e os focos de repressão. O poder de Estado considerou intolerável a intervenção da Rádio Alice nos acontecimentos e, no dia 12 de março, por ordem expressa do prefeito Zangheri, a emissora foi invadida por tropas policiais e os seus articuladores, presos e processados. A invasão foi reportada ao vivo até o último momento. Silenciada, Alice se transformou em um mito, e o seu exemplo fez florescer outras incontáveis alices dentro e fora da Itália, como que fazendo vingar o postulado máximo da emissora:

"Que cem flores murchem!
"Que mil transmissores floresçam!"

As mil Alices da França

Na França, as antenas livres se converteram rapidamente num dos mais significativos eventos políticos e culturais do final dos anos 70. Tal como havia acontecido na Itália, as ondas hertzianas foram atravessadas pela interferência de uma multiplicidade de vozes, que falavam línguas, sotaques e jargões particulares e de que as rádios oficiais não costumavam ser porta-vozes. No dizer de Felix Guattari (*Revolução molecular*), as rádios livres francesas produziram "uma revolução na relação com a palavra pública, um questionamento da manipulação do imaginário por uma ordem social opressora que fabrica o consenso majoritário". Nesse sentido, experiências fundamentais foram realizadas no período 1977-1983, tanto a nível de inserção do veículo nos movimentos populares de base, como a nível da libertação da subjetividade e dos gozos pessoais.

Excetuando-se o exemplo isolado da Rádio Campus de Lille, a primeira experiência de rádio livre nos termos do movimento europeu e que foi ao ar em 1969, considera-se a origem do fenômeno na França com a primeira emissão, em março de 1977, da Rádio Verte de Paris, de inspiração ecológica. Foi uma intervenção memorável e de grande repercussão, principalmente por um detalhe decisivo: nessa ocasião, o canal estatal de televisão TF1 apresentava os resultados do segundo turno das eleições municipais, e entre os convidados do programa estava um dos idealizadores da rádio livre, Brice Lalonde, que

ligou um receptor de rádio diante das câmeras e colocou a Rádio Verte no áudio da TV, para a surpresa de cerca de 15 milhões de espectadores. Foi a maior audiência já obtida por uma rádio livre. Na seqüência, o destino das rádios livres francesas não seria tão feliz quanto a sua estréia. Perseguidas, fechadas, silenciadas com interferências oficiais, elas seriam, nos primeiros tempos, mais discutidas (na imprensa escrita principalmente) do que propriamente ouvidas.

Pode-se dividir o movimento das rádios livres francesas em dois grandes períodos: antes e depois da tomada do poder pelos socialistas liderados por François Mitterrand, em julho de 1981. Antes dessa data, o monopólio nacional das telecomunicações era defendido com unhas e dentes pelo governo de centro-direita de Giscard d'Estaing, se bem que amplos setores do empresariado, excitados com a idéia de explorar publicidade em rádios e TV comerciais, já viessem colocando em questão a excessiva estatização dos meios de radiodifusão. Quando eclodiu o movimento das rádios livres, sob inspiração direta da experiência italiana, esses segmentos do empresariado francês apoiaram com todo vigor, principalmente através da imprensa escrita, a ousadia dos jovens pioneiros, pois queriam utilizá-los como ariete para derrubar o monopólio e implantar as emissoras comerciais.

No período giscardiano, as rádios livres tiveram vida efêmera, pois eram perseguidas pelo regime. Mas, com uma única exceção, não se pode dizer que tivessem uma existência propriamente clandestina: as emissões eram mais ou menos abertas, às vezes até com identificação do local da emissão e dos seus articuladores. Tratava-se de abrir uma brecha no monopólio, por dentro e, se possível, com a adesão das populações locais. A exceção foi a Rádio Verte Fessenheim, que optou, desde suas primeiras emissões em 1977, pela clandestinidade, razão por que sobreviveu a todas as investidas da repressão. Essa emissora surgiu como forma de aglutinar resistência à construção de uma central nuclear em Fessenheim, na Alsácia. Equipou-se com material móvel, de modo que podia escapar facilmente da polícia, ocultando-se nas montanhas ou atravessando as fronteiras. Contou, desde logo, com a adesão espontânea da população local (emitia em francês, alemão e no idioma da região), e essa talvez tenha sido a principal razão por que o governo giscardiano nunca conseguiu sustentação social suficiente para silenciá-la.

O ano de 1977 viu florescer rádios livres de todas as colorações ideológicas e culturais. Muitas delas eram apenas pitorescas, como foi o caso da Fil Bleu (Fio Azul), organizada pelos próprios giscardistas da província de Montpellier, para combater os socialistas e comunistas que detinham o poder municipal. Outras, porém, tiveram uma importância vital para o avanço do movimento. Talvez se possa dizer que a experiência francesa mais rica desse período foi a da Rádio Coeur d'Acier (Coração do Aço), instalada na região industrial de Lorraine, no norte da França.

Em dezembro de 1978, uma siderúrgica da cidade de Longwy anunciou a demissão de 2 300 operários por causa das dificuldades econômicas. Imediatamente, iniciou-se uma grande mobilização da população da cidade contra a medida. A central sindical do PCF — a CGT — enviou ao local um equipamento de radiotransmissão e dois jornalistas encarregados de treinar os quadros mínimos necessários para colocar a máquina em funcionamento. Eles

pensavam em ficar no ar umas duas semanas, mas acabaram ficando 18 meses, tal a repercussão do evento. A população engajou-se com entusiasmo na transmissão, começou a reconhecer a Rádio Coeur d'Acier como a *sua* rádio e se mobilizou de todas as maneiras possíveis para mantê-la no ar. Uma professora de ginástica improvisava programas esportivos, um aficcionado do jazz fazia seleções desse gênero musical, um padre explicava o que era canto gregoriano, trabalhadores emigrados falavam de seus países de origem, moradores faziam leitura crítica dos jornais franceses. Quando percebeu que o movimento tinha fugido do seu controle, a CGT tentou recuperar o equipamento e silenciar a Rádio Coeur d'Acier, mas já era tarde. O movimento havia ultrapassado as direções tradicionais e os estereótipos da estrutura sindical. A Rádio Coeur d'Acier havia-se tornado a verdadeira força aglutinadora do movimento. Guattari afirma, a esse respeito, que, num determinado momento, essa rádio foi mais livre que todas as demais rádios livres da França, além de ter representado um grande problema para a CGT, que não tinha como liquidá-la, porque não era apenas um grupinho esquerdista que estava envolvido nela, mas um movimento social dos mais amplos.

O primeiro artifício inventado pelos serviços de vigilância da Télédiffusion de France para calar as emissoras livres foi produzir interferências nas faixas de onda utilizadas por estas últimas. Essa forma de censura, a que os franceses chamam de *brouillage*, consiste em emitir um ruído desagradável com transmissores muito potentes na mesma freqüência da emissora que se quer "queimar". Desta maneira, ficava praticamente impossível sintonizar a emissora,

além de dar a impressão, ao público mais desavisado, de que as rádios livres não passavam de uma zoeira inaudível. O pessoal das rádios livres, com fina ironia, costumava dizer que a *brouillage* era a rádio pirata de Giscard e o fato de ela emitir apenas ruído significava que os seus articuladores não tinham realmente nada a dizer. Mas a verdade é que o dispositivo de "queima" dos sinais acabava também revertendo contra o monopólio, pois os ouvintes viravam o botão do *dial* e ouviam, o tempo todo, censura e apenas censura. Além disso, as rádios livres também tinham suas formas de defesa: quando eram interceptadas pelos mecanismos de balizamento da Télédiffusion, passavam a emitir em outra faixa de onda, ou então se colocavam bastante próximas de uma emissora oficial, de forma que a *brouillage* acabava queimando também esta última.

Em 1978, com a vitória da direita nas eleições, inicia-se um período de repressão mais aguda contra as emissões não-autorizadas. O governo assina um aditivo à lei das telecomunicações, estabelecendo multas no caso de transgressão ao monopólio e até um ano de prisão. A partir daí, há um refluxo temporário do movimento, pois o governo se mostra disposto a acabar com a desobediência civil no campo da radiodifusão. Em junho de 1979, a polícia intervém na sede do Partido Socialista para tomar o transmissor da Rádio Riposte, dos socialistas. O próprio François Mitterrand acaba sendo citado em processos por envolvimento com as rádios livres. Uma quantidade imensa de processos vai sendo acumulada nas prateleiras do poder judiciário, mas os juízes não encontram nem tempo, nem sustentação política para distribuir punições.

Com a vitória dos socialistas em 1981 e a subida

de Mitterrand ao poder, a coisa muda de figura, iniciando-se aí um segundo período na história das rádios livres francesas. Já na ocasião da posse do novo governo, a França contava com 28 rádios livres e mais 14 em avançado estado de implantação. Em pouco tempo, esse número foi duplicado e triplicado, até chegar, em meados de 1982, à média de uma nova emissora paralela a cada 24 horas. Eram rádios de todos os tipos, para todos os gostos, com todas as colorações ideológicas. Dentre as emissoras parisienses, algumas se especializaram em música jovem, como a Tropical ou a Oblique; outras procuravam dar voz às minorias marginalizadas, como foi o caso da Gilda, da Gay e da Tomate; umas terceiras ainda se fizeram expressão das comunidades locais, como aconteceu com a Rádio 19, do 19º distrito de Paris, ou a Fréquence Montmartre, dos moradores do bairro de mesmo nome. Entre estas últimas, a experiência de maior impacto foi a da Rádio 93, ligada ao subúrbio de Saint Denis, que se tornou um importante núcleo de resistência dos moradores dos grandes conjuntos habitacionais.

Não foi isento de problemas esse segundo período. Os socialistas não viam com bons olhos a chamada "anarquia" italiana e tudo fizeram para impedir que a França seguisse o mesmo caminho. Por outro lado, resistiram até onde foi possível à pressão dos grupos de interesses comerciais que queriam introduzir a publicidade no rádio e na TV. Enquanto os debates se arrastavam na imprensa partidária e no parlamento, a Télédiffusion de France continuou "queimando" as ondas livres, pois, afinal, a velha legislação das telecomunicações ainda era vigente. Uma emissora particularmente visada pela *brouillage* dos socialistas foi a Gilda, dirigida por Patrick

Fillioud, não por acaso filho do ministro das comunicações. E até que as sucessivas legislações "legalizassem" as rádios livres, a partir de 1983, a França viveu uma situação confusa no tocante ao espaço eletromagnético, com os organismos oficiais perseguindo as rádios construídas fora do monopólio, mas o *dial* entupido delas até a completa ocupação.

Fim e recomeço

O destino das rádios livres européias foi selado com a sua legalização. Elas que haviam sabido resistir a todas as modalidades de repressão, não estavam preparadas para enfrentar a arma mais traiçoeira: a institucionalização. As duas formas de legalização adotadas na Europa lhes foram igualmente nocivas. A legalização de tipo empresarial, à moda italiana, dando ênfase à competência técnica e econômica, com abertura ao suporte publicitário, esmagou as rádios verdadeiramente alternativas, pois os seus transmissores modestos não puderam enfrentar a hegemonia do grande capital. Por outro lado, a legalização de tipo burocrático, à moda francesa, dando ênfase à representatividade político-partidária, ao poder local e aos organismos corporativos e sindicais, acabou dissolvendo as emissoras não vinculadas aos aparelhos convencionais de representação e que, não por acaso, eram as mais criativas e as mais conseqüentes do movimento.

As rádios livres autênticas poderiam, é claro, ter resistido. Ocorre, porém, que os movimentos da juventude e dos trabalhadores — o principal alimento de que elas se nutriam — entraram em refluxo. As rádios livres não poderiam sozinhas transformar em

barulho o silêncio da maioria. O argumento dos oportunistas, segundo o qual as rádios alternativas, "como tudo o que é contestatório", acabaram sendo recuperadas pelo capital ou pela burocracia político-partidária, peca por isolar a experiência radiofônica da vida real das pessoas. Enquadrada a rebeldia, institucionalizada a liberdade, policiada a desobediência civil, o movimento das rádios livres apenas acompanhou o refluxo geral da sociedade européia. É verdade que alguns grupos deixaram-se assimilar pelos organismos oficiais de representação, ou se profissionalizaram, abrindo-se à sustenção publicitária; mas eram grupos que, desde o início, já se inclinavam nessa direção e foram apenas beneficiados pela conjuntura. As poucas rádios que ainda procuram resistir à maré de caretice têm de enfrentar o descrédito geral e o cinismo que ameaçam a todo momento contagiar seus animadores. Mas é justamente nesse momento em que as rádios livres européias enfrentam a sua pior crise que começam a proliferar emissoras clandestinas no Brasil, culminando com o *boom* de Sorocaba, que chegou a ter, no final de 1983, mais de 40 rádios livres no ar. O fim é também o recomeço.

Um depoimento: o Sombra

Rádio pirata rádio xilik rádio livre rádio clandestina rádio poema rádio oficial rádio comercial rádio canal.

Rádio.

Esta paixão me atingiu repentinamente, como aquele vulto que dobrou a esquina. Para citar Ledusha, uma poetisa lendária. Para irradiar. Rádio. Como radiação.

"Foi pelos fins de outubro..." É o que dizia Welles em *A Guerra dos Mundos*. Mas para mim foram começos de julho. Essa paixão já tinha dado sinais de si em janeiro: Z, de Brazil. Eu não podia imaginar então como realizaria. Apenas sabia — como sabia não sei — que ela iria me carregar até um território de magia.

Ela despencou de repente, como acontece com essas coisas, vinda da premeditação e do acaso, como um morcego da noite que cai sobre você de asas abertas. É claro que a primeira vez tinha de ser à noite... Só se transmite à noite, só se locuta à noite, só com o éter à noite.

Num segundo de luz negra, o fruto dos meses armou-se, repentinamente, num interesse escuso e emedebista, na palavra sim quanto ao telefonema. Num segundo, a gente estava nos jornais, eles nos deglutiam, todas as mãos bem ávidas para nos devorar, nos paginar, nos diagramar, nos imprimir e nos vender na mais ampla circulação nacional. Quanto à Globo, fechou-se em copas.

Bem, a gente não tinha todas as cartas na mesa, mas puxa vida, Jack, nossa jogada era alta. Voyage superequipado da Federal, eu não te esquecerei!

E agora, radioamantes, outra palavra inventada: o livro. Que estamos fazendo nós ao pé da página impressa? Que estão fazendo eles neste disco?

Nós estamos no ar, seus calhordas, ou como se disse uma vez, *fuck you, asshole!* As coisas do rádio se engatilham num segundo e quanto a nós, que somos os filhos do gatilho...

O rádio é a poesia.

Marshall McLuhan, deixe-me aproveitar a rara oportunidade para reverenciar a tua poesia secreta. De hoje em diante, para mim, você será o velho Mac. Um amigo nas estradas da eletrônica.

Nas estradas da eletrônica estamos, em plena Idade Mídia. Cavaleiros negros e servis serpentes contra nós avançam. Contra vós transmitem. Estão de atalaia, com seus radares de alarme avançado à distância, os seus mísseis e seus canhões.

Mas a radioterapia é um fato para essa tensão, ó cúmplices sutis. A liberdade da Xilik existe. Irradiando na atmosfera o seu sinal verde-peixe-nas-profundezas, como o eco de sonar de "Viagem ao Fundo do Mar" — viva! Na insensatez do asfalto! Viva! Em sua fetal espera. Viva! No germinar pulsante das sementes.

Sorry para quem não gostou da locução. Era péssima mesmo. Lamento para quem achou isso e aquilo. Essa radinha não presta. Ela é uma vagabunda. A mais vagabunda de todo o áudio paulista. Antenas parabólicas imensas varrem os céus. Nelas verei ainda as radioesquadrilhas certas.

Toda a poesia vive no rádio,
na pepita de urânio,
nesta radiação.
Toda poesia diz:
"alô base, responda...
alô base, responda...".

Um mundo belo para se viver é o nosso, mein Hertz. Um universo de misteriosa beleza: "vasta e obscura é a visão que formei em minha mente". "Eu pessoalmente acredito em vampiros: o beijo frio, os dentes quentes, um gosto de mel." "Quem sabe o mal que se esconde por detrás dos corações humanos?"

The shadow ever knows.

Xilik por aqui.

O resto é mistério no mistério. Às ondas, filibusteiros. Da neblina que cobre as águas, surjam, queimados de sol. Sem medo, ao jogo do mar alto.

Das sombras que recobrem as cidades eu já falei demais. Que estas malditas páginas impressas, tão alinhadas e certas, não nos contenham mais! Que seja este um momento apenas! Cegante aparição à luz do sol. Retornemos aos mantos que nos envolvem, deixando para trás miragens, radioamantes, fuligem e vultos pelo ar.

O que podia ser dito, dito foi.

E firmo, cordialmente, como

O Sombra.

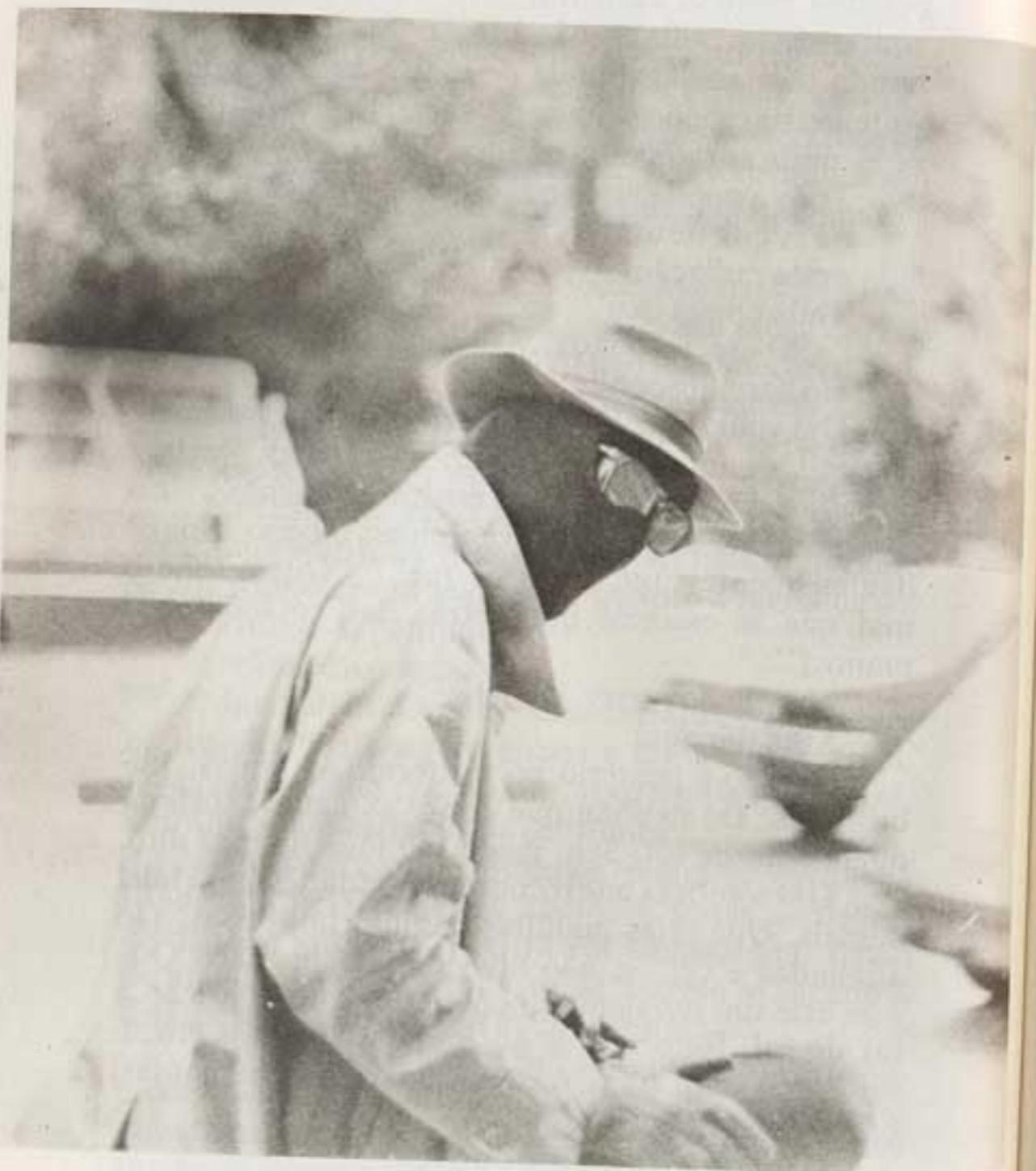



Foto: Cláudia Levental

O Sombra ataca na Avenida Paulista.

1º Manifesto da Rádio Ítaca

Ítaca, começa a viagem.
Como a poesia, uma viagem ao desconhecido.
Não a busca de algo distante, idealizado.
Mas a realização de sonhos no cotidiano —
Ítaca seja aqui.
No já tão complexo emaranhado de relações, uma
/nova teia:
pessoas se conhecendo através de ondas so-
/noras.
O espaço é o ar.
Navegar nas ondas da metrópole regida por Pro-
/meteu,
bebendo o vinho de Dionísio.
Bye Bye, Dentel.
Agora os deuses somos nós.

2º Manifesto da Rádio Ítaca

NÓS voamos NÓS voamos

Os ítacos
sobre
a cidade
flutuamos
no no
espaço vento
no ar
ondas
de
âmbares & ébanos
& perfumes sensuais
de toda espécie quanto houver
de aromas deleito-
/sos...

Pra despertar o coro!
Pra pulverizar as torres do silêncio!

ELES falam ELES falam

ciclopes & lestrigões duques zurros & condes joões
& S. Excia.
o sinistro
Magalhães

SÃO PAULO das neblinas densas!
TODAS as possibilidades suspensas...
NO AR
PROJETO ÍTACA
nós não estamos atrás da bufunfa.

3º Manifesto da Rádio Ítaca

"que o meu pobre intelecto
saia a voar sem teto
sem ter onde se pôr."
Haroldo de Campos

Partimos rumo a Ítaca (e dizíamos que, como a poesia, seria uma viagem ao desconhecido) querendo realizar a grande orgia no ar — a troca das mais diversas experiências através de uma panela, uma antena e um microfone.

Ítaca seja aqui: e o é.

Na paixão, orgasmos e angústias.

O cotidiano — e não o Estado — é o local escolhido para nossos delírios/desejos. É a partir desse pedacinho que vamos romper.

Não ter compromissos de gênero global (supertecnologia, antena postal) vai refletir na intensidade das invasões nos tímpanos dos radioamantes. Nada de relações viciadas, queremos nos comunicar.

Os milhares de ciclopes e lestrigões do dia-a-dia atormentam os mares de Ítaca e a cabeça de quem faz a locução. Nem sempre o prazer prevalece. Talvez aí o motivo da frustração:

— Quero fazer rádio o dia inteiro.

Não dá. É tentar jogar com essa tensão.

Tomar fôlego e ressurgir: passado o baixo astral, a gente percebe que viver "pirataria" é tudo isso.

Ítaca continua a viagem. Sempre que preciso, recorrendo ao poeta. Afinal, "é preciso arrancar alegrias ao futuro" (Maiakóvski).

Duas ou três coisas sobre Alice

Recompor traços de um caminho singular. Imaginário da pequena Alice que venceu e foi vencida pelos *jabberwocks*.

O jogo começa. De saída, o projeto de uma rádio como hipótese: "mensagens, massagens, mentiras". Dar voz ao desejo — a cada coletivo um microfone — e transmiti-lo. No Mercantino Rosso, nas greves, nas escolas ocupadas, nos supermercados territorializados. Por onde rolou o microfone da Rádio Alice, nada foi como antes...

"Aqui Rádio Alice.
Enfim, Rádio Alice.
Vocês nos ouvem na freqüência de 100,6 MHZ
e continuarão nos ouvindo
se não formos mortos pelos nazis."

E foram... Bifo, Fontana, Marchi, todos presos. Transmissores seqüestrados, desejos trancafiados nas jaulas do grande júri italiano. Não escutamos sua voz, mas, como dizia Maiakóvski, "conhecemos o peso do papel impresso" no coração radioamante solitário.

Rádio no *Movimento*. Rádio Alice é Rádio no/do *Movimento*. O que significa isso? A crise da esquerda italiana pós-72 desemboca nos movimentos de revolta, nas diferentes *autonomias* (termo italiano para designar setores particulares de movimentos sociais urbanos: mulheres, jovens proletários, homossexuais, etc.). A iniciativa da Rádio Alice vinha do círculo político Gatto Selvaggio, que intervinha no processo de recomposição da dispersão. Cultura e política indissociáveis; cotidiano e política não dão vez para palavras de ordem do compromisso histórico (DC-PCI).

"White Rabbit" do Jefferson Airplane aumenta. Pausa.

"Rádio Alice dá a palavra a todos, exceto a: *jabberwocks* e zumbis, generais aposentados e amarelos, mamães que dizem mentiras e crianças que falam sempre a verdade, fascistas e farmacêuticos especuladores, democratas-cristãos e demostenianos, falocratas e falsários, *leaders* e *outsiders*, bombeiros e banqueiros, precursores e portas-bandeiras."

Música aumenta. Pausa.

"Rádio Alice faz falar quem: ama as mimosas e acredita no paraíso; odeia a violência e agride os violentos; acredita ser Napoleão mas sabe que poderá muito bem ser um *aftershave*; fumantes e bebuns; malabaristas e mosqueteiros; ausentes e loucos."

Começo é ponto de fuga fora da ordem do discurso. Fim é ponto para a fuga do discurso da ordem.

"Informar não é suficiente. Quem emite, quem recebe? Não se trata de informações mais verdadeiras sobre os mesmos temas, informações mais detalhadas, mais vastas, mais articuladas, mais adequadas, mais corretas (aliás, como corrigimos a informação?). Trata-se de outra coisa, uma outra informação sobre os fatos, sobre os mínimos fatos da luta operária, enfim de uma outra realidade.
É PRECISO REGISTRAR CADA MÍNIMA VARIAÇÃO NO DIAGRAMA COTIDIANO DAS LUTAS."

Alice vai em busca do que é *menor*, sabendo que a sociedade conspira contra a própria capacidade de interpretá-lo. Alice rejeita o termômetro tipo ideal para detectar a manifestação de classe. Ela sai à cata, um pouco às cegas, do absurdo da linguagem. Alice se recusa a assumir um papel maior, oferecer seus serviços à palavra do Estado, dar a palavra oficial, a palavra dominante das metáforas, o jogo de palavras. Recusa o sonho da maioria dos pequenos coletivos e se propõe a criar um de-

ver-ser menor: saber escutar, saber guardar e não falar, impulso no ponto de fuga, velocidade da luz para se afastar das metáforas, metamorfosear. Ser estranha em sua própria língua.

Falar é como jejuar, delirar é como morder. A boca sempre foi um órgão dos sentidos. Nessa apropriação radical, Alice afirma um sujeito coletivo, encadeamento articulado onde não existem heróis ou narradores. As aspirações são válidas nos termos da própria existência.

"Coca Cola Douche" dos Fugs em BG. Voz 1: "Eles falam, eles falam, OK, eles falam o tempo todo. Eles lançam sinais, palavras, meios sinais, meias-palavras, para nos obrigar a aceitar nosso papel de filhos, mulheres, pais, operários, estudantes, para nos ensinar a fazer gracinhas e ser disciplinados, obedecer e trabalhar."

Abertura de "O Barbeiro de Sevilha" de Rossini. Voz 1: "As máquinas falam, falam uma linguagem de ferro, sempre igual. Eles as prepararam, aperfeiçoaram de uma vez por todas. Nossa função é responder às ordens que as máquinas continuam a nos dar em silêncio."

BG sobre, crescendo. Voz 1: "Eles falam e tudo o que dizem é contra nós, para nos excluir, para nos enrolar, para nos submeter cada vez mais. Mas Maiakóvski ainda está conosco:

Voz 2: Nós não aprendemos a dialética de Hegel/ Mas ela irrompia na explosão das batalhas/ quando, sob os projéteis,/ diante de nós fugiam os burgueses/ como uma vez nós fugimos diante deles."

Bifo, um dos animadores da Rádio Alice, foi preso em 15/5/76 (Alice havia começado suas intervenções/transmissões em janeiro daquele ano). As acusações foram as mesmas que levaram milhares de jovens italianos a experimentarem a violência do Estado. Qualquer desvio, qualquer outro desejo, além daqueles tolerados pelos tradicionais aparatos políticos DC-PCI, se configurava como ameaça das Brigadas Vermelhas. As Brigadas foram o depositário repressivo, o bode expiatório para todo o *Movimento*. Da prisão, Bifo escreve um comunicado:

"Eles dizem claramente: *a prática da felicidade é subversiva quando ela se torna coletiva.* Nossa vontade de felicidade e de libertação os aterroriza e eles

reagem nos aterrorizando com a prisão, quando a repressão do trabalho, da família patriarcal e do sexismo não são suficientes. Aí então eles dizem claramente: *Conspirar quer dizer respirar junto*. É disso que somos acusados. Eles querem nos impedir de respirar porque nós nos recusamos a respirar isoladamente em seus locais de trabalho asfixiantes, em suas relações individualmente familiares, em suas casas atomizantes.
Há um atentado que confesso ter cometido: é o atentado contra a separação da vida e do desejo, contra o sexismo nas relações interindividuais e contra a redução da vida a uma prestação de serviços."

A 11 de março de 1977, durante uma emissão da Rádio Alice, um ouvinte interrompe o programa para descrever, de seu apartamento, o combate entre a polícia e manifestantes (estudantes). O relato desse ouvinte — um caricaturista chamado Bonvi, sem vínculo partidário algum — lembra o calor do radialista de futebol quando seu time está em campo. "Espere um momento... Algo importante... Maldita seja minha cabeça!... Caiu a ligação!... Ainda nos ouvem?... Bom, então escutem: aqui Bonvi, do *Sturmtruppen* (história em quadrinhos cujo título significa em alemão: 'Tropas de Assalto'). Escutem, então. A situação é a seguinte: o admirável, o fantástico, é que os camaradas eram comunistas autênticos e que os não-filiados às federações se sentavam e combatiam de verdade... Agora, a polícia acaba de disparar gases lacrimogêneos que se espalham por toda Via Rizzoli... Escutem: a situação é confusa, porém é magnífico que a cidade reaja muito bem contra a provocação. Devolvo o telefone ao Gabriele...".

A trajetória da Rádio Alice, sua rota para transformar a vida e tornar suportável a fábrica, tudo isso havia-se chocado com os aparatos político-militares do PCI-DC. O cidadão que se transforma em locutor apaixonado sempre foi um limite elétrico. O aparato-aparelho resolve não mais deixar Alice existir no cotidiano radiofônico de Bolonha e no dia seguinte (12 de março) a polícia de Bolonha, sob ordens da prefeitura do PCI, invade Alice. O texto que abaixo se reproduz são os últimos minutos do pulsar de Alice:

"... De todo jeito, a situação continua a mesma. Os policiais estão tentando entrar, com seus casacos antibalas e pistolas na mão... Dizem que vão derrubar a porta... Eh! Pedimos a todos os camaradas que conhecem nossos advogados que entrem em contato com eles e lhes digam que estamos sitiados como... não sei se vocês assistiram àquele filme... Eh, diabos, como se chama mesmo? Aquele de Boll, na Alemanha... *O caso de...*, *O caso de Katharina Blum*. Pois bem, os mesmos tiras, os mesmos casacos, armados ou coisa assim... Eh! Verdadeiramente absurdo, verdadeiramente incrível, algo típico de cinema. E se não estivessem aqui mesmo, esmurrando a porta, eu acreditaria estar no cinema... Ei, me dá um disco para que possamos ouvir um pouco de música. Meu Deus! (ruídos). O telefone está tocando o tempo todo; a verdade é que ele não pára de tocar. Temos alguma coisa de Beethoven. Se vocês gostam ótimo, se não gostam, bem... vão bater punheta. (Fundo de ruídos e de música de Beethoven.) Bem, do jeito que a polícia voltou e esmurra a porta... Eh! Cuidado!... Continue agachado!... (Ao fundo, berros dos policiais.) Esperem uns cinco minutos que os advogados estão chegando... Eles (os

policiais) estão dizendo: 'Abram essa maldita porta!' (Atendendo ao telefone)... Aqui Alice... Não sei quem é Alberto, mas... eh!... olha, eu não sou Matteo e além disso temos a polícia em nossa porta... (outra voz ao fundo) 'Estão entrando!'... Já entraram, já estão dentro, estamos com as mãos para o alto! (ruídos)... o microfone... estamos com as mãos para o alto! (ruídos e gritos... silêncio mortal).'"

Um pouco de história: as rádios livres latino-americanas

Como é possível, nada previsto nos manuais de política, que onde a fome e a vida são como loteria permanente, os homens da Latino-América periférica, colonial, miseravelmente desigual e combinada, percebessem que é preciso, necessário e vital se comunicar? Pois é, mas os homens pensam e fazem muito mais do que pensamos que eles pensam e fazem (isso estava nos manuais, mas não lhe demos a devida importância...). Comunicar-se reinventando, transformando transístores e válvulas em sinais de fumaça, tambores, utilizando, muitas vezes, o que de mais avançado a tecnologia produz: desigual e combinado.

Latino-América: poucas vezes a história foi tão intensamente uma *apropriação* dos meios de comunicação de massa, na luta para existir além da margem e sem deslocar simplesmente a geometria para um outro centro (em geral, muda-se o centro, mas continua existindo o centro, um pouco mais ou um pouco menos abrangente, mas ele está lá).

Dimensões continentais? Talvez, mas outros motivos levariam os mineiros da Bolívia, o bando

rebelde de Fidel Castro e "Che" Guevara, os guerrilheiros de El Salvador, os sandinistas da Nicarágua a construírem os seus transmissores. Vamos conhecer um pouco desses motivos. De antemão, alertamos que não buscamos explicações, mas palavras de diferença, onde cada experiência é encarada como singular: na oposição, no cerco a Havana, na ocupação da Rádio Nacional (somozista) na Nicarágua, na construção da voz mineira na Bolívia, no território desterritorializado de El Salvador.

Rádio rebelde

Foi "Che" quem teve a idéia de criar a Rádio Rebelde. Entre 1958 e 1959, essa rádio funcionou como instrumento de combate e uma arma político-militar de eficiência comprovada. Eis o que diz Guevara:

> "A importância da rádio é capital. Num momento em que todos os habitantes de uma região ou de um país ardem na febre de combater, a força da palavra aumenta essa febre e se coloca a cada um dos combatentes. Ela explica, ensina, excita, determina entre amigos e inimigos as futuras posições. Mas o rádio deve obedecer ao princípio fundamental da propaganda popular que é a verdade. Uma pequena verdade, mesmo quando tem pouco efeito, é preferível a uma grande mentira vestida de gala".

Claro que hoje sabemos serem muito discutíveis os princípios fundamentais da propaganda popular afirmados por Che, mesmo porque outros exemplos

históricos (mesmo na América Latina, as rádios bolivianas por exemplos) nos mostram *algo* que não está na palavra pronunciada, mas na palavra revolucionária construída coletivamente. Mesmo assim, a Rádio Rebelde revelou para a América Latina a importância do rádio no combate e sua função estratégica no plano político-militar. Claude Collin tem uma definição precisa nesse sentido:

> "A rádio de um movimento de libertação tem realmente como papel primordial elaborar contrainformação eficaz, desmontar as mentiras das rádios oficiais (sejam elas da classe no poder ou da potência imperialista) e fornecer os dados verdadeiros sobre a situação militar, denunciando os assassinatos cometidos pelas forças da repressão".

Em fevereiro de 1958, os guerrilheiros cubanos faziam sua primeira emissão no território liberado de Sierra Maestra. Algum tempo mais tarde, sob ordens diretas de Fidel, eles transmitem todas as tardes até o fim da guerra contra Fulgêncio Batista, a partir do quartel-general da Plata. Rádio Rebelde teve, antes de tudo, uma importância estratégica na luta revolucionária: ela foi o principal elo de ligação entre o quartel-general e as várias frentes guerrilheiras. Além disso, através dela a população cubana podia ter uma informação alternativa sobre o governo de Batista e as ações dos rebeldes. Uma voz nova se afirmava no panorama da guerra civil e a sua simples existência já rompia o silêncio de séculos de dominação da oligarquia espanhola. Os sinais de um tambor livre que podia, em algum momento, ser também a voz de cada cidadão cubano.

Na verdade, a Rádio Rebelde era constituída por vários transmissores que avançavam na direção de Havana. Em cada território tomado, um novo emissor era montado, sempre em conexão com o quartel-general. Essa prática seria retomada pelas rádios Sandino e Venceremos, respectivamente dos movimentos rebeldes da Nicarágua e El Salvador, constituindo uma prática radiofônica de guerra revolucionária. O próprio Fidel Castro assim se expressou sobre o papel dessas rádios:

"A Rádio Rebelde foi para nós um meio de divulgação massiva. Ela nos permitiu comunicar com o povo e se tornou uma estação de grande audiência. (...) Mas a Rádio Rebelde não era apenas um meio de informação, muito útil nesse sentido. Ela era também um meio de comunicação entre nós próprios. Foi através dela que nós nos mantivemos em contato com todas as frentes e espaços ocupados. Foi, portanto, um meio de comunicação muito útil também no plano militar e isso teve uma importância decisiva durante a guerra".

As rádios mineiras na Bolívia

No prefácio deste volume, Felix Guattari afirma que, em oposição ao que acontece hoje na Europa, as centenas de milhões de marginalizados do continente latino-americano só poderão afirmar o seu direito à existência reinventando as formas de luta e de expressão. A própria história deste continente nos mostra essa constituição de novos espaços de reconhecimento através do questionamento dos

métodos tradicionais dos velhos partidos e sindicatos. A Bolívia tem avançado nesse terreno graças sobretudo à experiência das rádios dos trabalhadores mineiros que, tanto em tempo de luta como de "paz", se converteram rapidamente em núcleo de aglutinação política e cultural desses trabalhadores.

Selecionamos abaixo alguns trechos de uma entrevista que Jorge Mancilla Romero deu aos jornalistas Héctor Schmucler e Orlando Encinas (vide bibliografia), onde se dá uma síntese muito feliz do processo de construção das rádios mineiras na Bolívia. O próprio Mancilla esteve diretamente ligado à Rádio Vanguardia no centro mineiro de Colquiri. Que os próprios radioamantes bolivianos falem de si mesmos:

"P: Como se poderia explicar o surgimento e a permanência de um meio de comunicação tão poderoso como o rádio nas mãos de trabalhadores?

R: Eu creio que as rádios mineiras da Bolívia constituem um dos fenômenos mais importantes da comunicação mundial, porque não existe experiência similar em radiofonia. Tanto por suas motivações, como por suas projeções e sem que tenha acontecido uma direção expressa, sem que tenha acontecido um mandato (concessão) ou uma determinação governamental ou de autoridade superior.

O complexo das emissoras mineiras nasce como uma necessidade de baixo, da base, logo depois do triunfo da Revolução Nacional de 9 de abril de 1952. Na realidade, a necessidade de comunicação e contato entre os bolivianos já havia sido sentida após a guerra do Chaco, que durou de 1932 a 35. Antes, a Bolívia era um país desarticulado, incomunicável e dividido em regiões... Eu creio que nasce daí essa necessidade de integrar o país, necessidade que até

Na verdade, a Rádio Rebelde era constituída por vários transmissores que avançavam na direção de Havana. Em cada território tomado, um novo emissor era montado, sempre em conexão com o quartel-general. Essa prática seria retomada pelas rádios Sandino e Venceremos, respectivamente dos movimentos rebeldes da Nicarágua e El Salvador, constituindo uma prática radiofônica de guerra revolucionária. O próprio Fidel Castro assim se expressou sobre o papel dessas rádios:

> "A Rádio Rebelde foi para nós um meio de divulgação massiva. Ela nos permitiu comunicar com o povo e se tornou uma estação de grande audiência. (...) Mas a Rádio Rebelde não era apenas um meio de informação, muito útil nesse sentido. Ela era também um meio de comunicação entre nós próprios. Foi através dela que nós nos mantivemos em contato com todas as frentes e espaços ocupados. Foi, portanto, um meio de comunicação muito útil também no plano militar e isso teve uma importância decisiva durante a guerra".

As rádios mineiras na Bolívia

No prefácio deste volume, Felix Guattari afirma que, em oposição ao que acontece hoje na Europa, as centenas de milhões de marginalizados do continente latino-americano só poderão afirmar o seu direito à existência reinventando as formas de luta e de expressão. A própria história deste continente nos mostra essa constituição de novos espaços de reconhecimento através do questionamento dos

métodos tradicionais dos velhos partidos e sindicatos. A Bolívia tem avançado nesse terreno graças sobretudo à experiência das rádios dos trabalhadores mineiros que, tanto em tempo de luta como de "paz", se converteram rapidamente em núcleo de aglutinação política e cultural desses trabalhadores.

Selecionamos abaixo alguns trechos de uma entrevista que Jorge Mancilla Romero deu aos jornalistas Héctor Schmucler e Orlando Encinas (vide bibliografia), onde se dá uma síntese muito feliz do processo de construção das rádios mineiras na Bolívia. O próprio Mancilla esteve diretamente ligado à Rádio Vanguardia no centro mineiro de Colquiri. Que os próprios radioamantes bolivianos falem de si mesmos:

> "P: Como se poderia explicar o surgimento e a permanência de um meio de comunicação tão poderoso como o rádio nas mãos de trabalhadores?
>
> R: Eu creio que as rádios mineiras da Bolívia constituem um dos fenômenos mais importantes da comunicação mundial, porque não existe experiência similar em radiofonia. Tanto por suas motivações, como por suas projeções e sem que tenha acontecido uma direção expressa, sem que tenha acontecido um mandato (concessão) ou uma determinação governamental ou de autoridade superior.
>
> O complexo das emissoras mineiras nasce como uma necessidade de baixo, da base, logo depois do triunfo da Revolução Nacional de 9 de abril de 1952. Na realidade, a necessidade de comunicação e contato entre os bolivianos já havia sido sentida após a guerra do Chaco, que durou de 1932 a 35. Antes, a Bolívia era um país desarticulado, incomunicável e dividido em regiões... Eu creio que nasce daí essa necessidade de integrar o país, necessidade que até

então não havia sido reparada por nenhuma força social. Cada soldado que participou daquela guerra é uma testemunha viva daquela tormenta na qual morreram mais de 50 000 bolivianos e vieram a saber, três ou quatro anos depois, que haviam lutado por determinação de companhias petrolíferas estrangeiras que jogavam com sangue boliviano seus problemas financeiros. Através de poesias, canções e contos de guerra do Chaco, os bolivianos começaram a se conhecer.

P: Então, a partir da experiência da guerra do Chaco se identifica na Bolívia uma linha nacionalista?

R: Precisamente em 1941, nasce o MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário) e com ele uma das primeiras tentativas de comunicação, através da chamada Rádio Bolivar, que servia aos interesses desse partido sem declará-lo, logicamente. Atuava esboçando a revolução de 1952.

P: Era um trabalho clandestino...

R: Não era exatamente clandestino porque era uma emissora pública. Só que nela trabalhavam aqueles que depois seriam os líderes e ideólogos do MNR, como Carlos Montenegro, editorialista da rádio, José Felmen Velarde e outros que tinham inquietações políticas e culturais. Eles necessitavam de um instrumento para difundir massivamente a experiência do Chaco e o grande acontecimento que fora a criação de um partido político a partir da guerra. Então, ainda que a Rádio Bolivar tivesse caráter comercial, nela se colocou pela primeira vez opiniões políticas contra o 'Super-Estado Mineiro' composto por Patiño, Hoschild e Aramayo.

P: Isso ocorre, portanto, fora das minas. E o que ocorre nos centros mineiros?

R: Em 1948-49, aparece uma emissora clandestina nas minas chamada Rádio Sucre. Nunca se conseguiu entender por que essa clandestinidade.

Ela respondia a interesses do setor falangista, nacionalista de direita, encabeçado principalmente por mestres egressos da Escola Normal Superior do Sucre. Nessa época, a empresa Patiño levava seus melhores mestres e médicos às minas de Siglo XX. Era uma espécie de prêmio a esses profissionais...".

O nascimento das rádios mais propriamente mineiras esteve ligado à construção do movimento revolucionário que explode em 1952. É a partir das experiências de luta e de guerra civil (Chaco) que o rádio se constitui numa alternativa de intervenção política. Outra questão que nos parece importante é a passagem de um plano de escuta (escuta de oposição, palavra de oposição) para a prática da oposição, uma prática onde a própria comunidade é engajada. Essa é a diferença qualitativa das rádios mineiras em relação a outras experiências latino-americanas. Voltemos a Jorge Mancilla Romero:

"As rádios Sucre e Bolivar correspondem aos antecedentes mais imediatos das rádios mineiras. Na realidade, elas aparecem em 1952 e já em 1953 saem do ar. A Voz do Mineiro, da mina Siglo XX, é a pioneira dessa experiência em radiofonia. Era a época imediatamente posterior ao triunfo de abril, em que se deu a nacionalização das minas. Enquanto a mina fica em Siglo XX, o local onde se processa o estanho é Catavi, o que representa duas realidades distintas num mesmo contexto social. Na primeira está a gente "dura", a gente "bruta" e mais explorada, que é o pessoal do interior da mina. Na segunda, em Catavi, ficam os empregados da administração e os trabalhadores das seções mecanizadas, além dos eletricistas. Em Catavi, aparece outra

rádio, a 21 de Dezembro, em homenagem aos mineiros mortos na primeira matança de 21 de dezembro de 1942. Imediatamente depois, surge a Rádio Nacional de Huanuni, sempre com a mesma formação de base: de baixo. Isso provoca uma febre de emissoras sindicais que se espalha especialmente nos setores mineiros. A maioria dos sindicatos se apressa para conseguir facilidades técnicas e legais do governo para instalar suas emissoras. A atividade se multiplica... Chega um momento em que os sindicatos entram em competição entre si para ver quem tinha a emissora mais potente, a maior quantidade de discos e os melhores microfones. (...) Em 1963, havia 23 emissoras funcionando em todo país, entre as quais A Voz do Mineiro de Siglo XX, Rádio Nacional de Huanuni, San José de Oruro, 21 de Diciembre de Catavi, Colquiri, Vanguardia de Colquiri, Santa Fé, Morococala, Milluni, Bolsa Negra, Animas, 9 de Abril, Chorolque, Siete Suyos, Chichas de Atochas, Pulacayo e a famosa Pio XII de que falarei mais adiante.

P: Que superfície do território nacional cobriam essas rádios?

R: Isso é muito importante porque, curiosamente, essas 23 estações de rádio se encontram concentradas em 20% do território nacional e entram em competição, quase sem querer, com as emissoras comerciais que estão em La Paz. As rádios mineiras, claro, têm outra estrutura: são mais "localistas", sua potência, em geral, alcança somente 500 watts. Em meu povoado, por exemplo, na província de Bustillos, onde estão as maiores minas de estanho (Llallagua, Siglo XX, etc.), numa época de 1961, chegaram a existir cinco emissoras para uma população de 50 000 habitantes. Essas emissoras estavam separadas entre si por algumas quadras de distância. Porém, cada emissora era uma ilha com seu transmissor, seus pressupostos, sua programação, seus problemas particulares, quando o problema, na verdade, era comum. Não havia uma entidade que as coordenasse...

P: Em termos gerais, podemos dizer que essas 23 rádios estão nas mãos dos trabalhadores mineiros da Bolívia. Porém, os custos de manutenção ou operação de uma estação de rádio são bastante elevados... Como fazem os mineiros para financiá-las com seus salários que estão abaixo do mínimo necessário para viver?

R: As emissoras subsistem com o apoio direto dos trabalhadores, apesar da sobrecarga que isso lhe significa. Os trabalhadores determinam que se desconte quinzenalmente uma porcentagem de seus salários já aviltados. Eles mantêm suas emissoras sem pedir contas do que se faz com seu dinheiro.

P: Mas alguém deveria se encarregar da administração das emissoras...

R: Durante os primeiros anos, até 1963 mais ou menos, o diretor de uma emissora mineira era uma pessoa sem preparação alguma em questões radiofônicas. Em geral, esse cargo era ocupado pelo secretário de cultura do sindicato. E quem os trabalhadores escolhiam como secretário de cultura? O mais letrado do povoado, ou seja, o professor. E entre os professores, aquele que grita mais, o que mais fala, ainda que não seja necessariamente um tipo culto. O diretor, por sua vez, escolhia o pessoal. Buscava os locutores em função da voz. Não havia nenhum problema em colocar gente sem preparação técnica ou política, isso não era um requisito. O que se exigia era que as pessoas tivessem algum talento: podia ser um rapaz que sabia recitar ou um senhor que sabia cantar...

P: Isso poderia trazer conseqüências negativas ao próprio sindicato, não?

R: As organizações sindicais maiores, como a Federação de Sindicatos Mineiros, não fez uma

análise desse fenômeno. Menos ainda a Central Operária Boliviana. As rádios são esforços isolados, com pressupostos particulares, sem precisar dar satisfações a ninguém, tudo à mercê dos secretários de cultura dos sindicatos. Às vezes, pouco a pouco, a emissora se 'desviava', porque o secretário de cultura, que para o povo é uma espécie de 'dono' da rádio, interrompia o programa para colocar discos para uma festa de seu compadre ou amigo.

P: Além de satisfazer esse gosto particular do compadre do diretor, havia uma programação regular?

R: Geralmente as transmissões de uma emissora mineira são de 6 ou 8 horas diárias, com intervalos. Normalmente, as emissões começam às 5 da madrugada, que é a hora em que se inicia o trabalho nas minas. As primeiras transmissões vão das 5 às 8 da manhã. Depois reiniciam às 12 horas e vão até às 14. À tarde, as emissões vão das 18 às 22 horas. Em sua maioria, a programação é constituída de música rancheira mexicana, música argentina e música boliviana, com leitura de comunicados e notícias sindicais e esportivas. (...) Entretanto, mesmo nessas condições, as emissoras conseguiam, às vezes, centralizar poder e mesmo por cima do próprio sindicato. Às vezes, os locutores tornavam-se mais populares e até mais importantes que os líderes sindicais. Por exemplo: um trabalhador podia chegar e denunciar o seu dirigente sindical máximo para o locutor. Para os mineiros, o locutor tem tanta ou mais importância que seu próprio dirigente sindical e, de fato, esse dirigente pode até cair se o locutor se empenha em desacreditá-lo".

Dentre as várias experiências das rádios mineiras bolivianas, uma que merece destaque à parte é certamente a Pio XII. Criada em 1959 pela Missão

Oblata de Maria Imaculada em Siglo XX por padres canadenses, ela marcava claramente sua diferença em relação às rádios sindicais. Desde o prédio em que foi instalada, um verdadeiro forte especialmente construído para ela, enquanto as rádios sindicais eram instaladas em quartinhos dentro do prédio do sindicato, a Pio XII era inacessível a quem quer que fosse. Mais parecia um monastério radiofônico, onde os sacerdotes formavam os locutores para a propaganda anticomunista e preparavam quadros para combater caso se instaurasse uma revolução esquerdista. A Rádio Pio XII contratou os melhores locutores do país e se tornou responsável pela introdução da divisão de trabalho nas emissoras bolivianas: discotecários, programadores, redatores; locutores, técnicos de gravação, etc. Num certo momento, a sua impostação "profissional" chegou a afetar as rádios mineiras, que passaram a se perguntar por que não podiam atingir o brilho técnico da Pio XII. De fato, houve até uma melhora do padrão técnico das rádios mineiras depois que a Pio XII começou a emitir.

Por outro lado, a verdade é que a Rádio Pio XII se tornava uma ameaça cada vez mais visível às organizações operárias. Como resposta, militantes sindicais chegaram a dinamitar várias vezes a sede da rádio e perseguir os seus locutores. Razões não faltavam para isso: a rádio da Missão Oblata defendia com unhas e dentes o COMIBOL (Corporação Mineira da Bolívia), uma espécie de sindicato patronal; seus sermões diários eram violentamente anticomunistas e neles Fidel Castro aparecia como a reencarnação do demônio; sem falar nos discursos moralistas contra as drogas, os vícios e o alcoolismo.

Evidentemente, tudo isso se chocava com a dura realidade da mina e quanto mais a Pio XII en-

feitava a situação, mais despertava a indignação popular. Chega um momento em que se produz um conflito entre os sacerdotes da Missão, e uma parte deles começa a se recusar a colocar no ar os programas que chegavam prontos da Holanda ou da Alemanha e que tratavam dos grandes avanços científicos para uma população que se defrontava com uma tragédia econômica. A cisão se aprofundaria a partir de 1965, quando se deu o primeiro grande massacre de mineiros, com demissões em massa, deportações de dirigentes, confinamentos, desaparecimentos e colocação de tropas nas minas. Tudo isso para garantir o achatamento salarial imposto pelo FMI. É nessa ocasião que se dá a primeira grande ofensiva contra as rádios mineiras: a maioria delas foi literalmente destruída pelos militares, com rajadas de metralhadoras sobre os equipamentos e instalações e a prisão de seus animadores.

A única emissora que sobra do massacre é a Pio XII, nessa época em fase de transformação. Ela havia enveredado pelo campo da educação popular e tinha distribuído uns 1 500 receptores com freqüência modulada cativa (ou seja, as pessoas que os possuíam só podiam sintonizar a Pio XII). Em junho de 1967, dá-se o chamado Massacre de San Juan, uma resposta violenta dos militares aos mineiros que expressaram apoio moral à guerrilha de "Che" Guevara. A Pio XII, nessa época já acusada pelo governo de "comunista", assumiu a aberta defesa dos trabalhadores. Ela era então a única emissora que podia contestar o governo, protegida que estava pela relativa inviolabilidade da Igreja. Seus locutores já não eram mais gente trazida de fora, mas pessoas nascidas no seio da própria classe trabalhadora. Ela sobreviveria até o golpe militar do coronel Hugo Banzer em

1971, ocasião em que é fechada, mas voltaria ao ar novamente em 1973, sendo outra vez fechada em 1975, mas nunca inteiramente destruída.

A trajetória das rádios sindicais mineiras de certa forma segue o destino da Pio XII: aparecem e desaparecem ao sabor dos sucessivos golpes de Estado e da incansável reconstrução do movimento popular. Mesmo durante o regime Banzer, com o país em estado de sítio, elas conseguem sobreviver, ainda que sob ferrenho controle do governo. Em 1978, elas teriam papel importante na derrubada de Banzer por meio de uma vitoriosa greve geral de trabalhadores.

Vamos agora dar um pulo cronológico a 17 de julho de 1980. Cronológico mas não político, porque nesse dia/noite o General Garcia Meza fazia sua entrada na história da Bolívia pela porta de sempre: o golpe militar. Foram assassinados, na sede da Central Operária Boliviana, por gangues paramilitares, Marcelo Quiroga Santa Cruz, Carlos Flores, Gualberto Vega e presos quase todos os dirigentes sindicais e políticos da esquerda boliviana. Nessa ocasião, as rádios mineiras inventam uma nova forma de intervir nos acontecimentos, entrando em diálogo, ao vivo, através de cadeia nacional. Inicialmente, três rádios intervêm: a Rádio Nacional de Huanuni (que se encontrava ameaçada pelo avanço das tropas do exército), a Rádio Animas e a Pio XII. As três funcionavam em centros mineiros diferentes, distantes um do outro, mas conseguiram estabelecer contato entre si, incorporando-se em cadeia de retransmissão. A população trabalhadora inteira estava sintonizada com as rádios, pois eram a única fonte segura de informação com que podiam contar naquele momento. Segue abaixo alguns trechos desse diálogo

hertziano, reconstituídos por Alfonso Gumuncio Dagron (vide bibliografia):

Rádio Animas:

"(...) no dia de ontem, começaram a ingressar neste distrito, atravessando Siete Suyos, as forças do Regimento de Loa. Seu objetivo é tomar a Rádio Animas. Mas graças à decidida ação das donas-de-casa e das crianças [os homens estavam nas minas], os militares até agora não conseguiram chegar. (...) Posteriormente, à tarde, outro contingente chegou de Tupiza numa outra ação mais decidida. Quiseram entrar mas encontraram a mesma barreira de donas-de-casa... Aconteceram outras ações simultâneas, com trinta caminhões de Telemayu. (...) Há decisão de neutralizar esta emissora e os organismos sindicais. Por isso, apressamo-nos em nossa defesa. As forças armadas estão rodeando todo o setor de Chocaya... Há mobilização total dos trabalhadores de Santa Ana, Siete Suyos, Anima e estamos informados de que partiram grupos de Tacna, Rosário, Buen Retiro, Chorolque, Quechisla e San Vicente. Chegaram mil camponeses da região de Sud Lopez. Vai em frente Rádio Nacional de Huanuni...".

Rádio Nacional de Huanuni:

"Obrigado companheiros da Rádio Animas, que continuam defendendo os interesses da classe trabalhadora, lutando pela defesa do processo democrático. Nós os felicitamos. Estamos extremamente preocupados com a situação que vive atualmente o Conselho Central Sul, no distrito de Huanuni... Queríamos que os companheiros de outros distritos nos dissessem exatamente o lugar onde estão as tropas do exército. Adiante, companheiros da Rádio Animas."

Rádio Animas:

"As tropas estão aproximadamente a cinco quilômetros de Siete Suyos, muito perto de Santa Ana. Por isso, apressamos em nos defender. O número de pessoas presas chega a 31 e foram levadas a Tpiza... Esta é a Rádio Animas para todo o sul do país. Estamos numa hora crucial, as senhoras donas-de-casa têm ajudado muito na construção de nossa defesa... Vamos até as últimas conseqüências, porque essa é a nossa missão. Nós estamos nos defendendo, não temos insultado, não estamos provocando nada nesta situação... Irmão que tem graduação militar baixa, tenha consciência de que o povo boliviano é seu irmão. Não dispare contra seus irmãos e seus pais. Os camponeses do norte estão respondendo ao bloqueio, estão levando adiante um plano que pode dar certo... O país necessita de um respiro democrático. Adiante, Huanuni."

Rádio Nacional de Huanuni:

"Perfeito, companheiros da Animas. (...) Do mesmo modo, queremos aproveitar estes instantes para dizer a nosso ponto B que sintonize a Rádio 21 de Diciembre. Estamos certos de que lá na Siglo XX o pessoal está recebendo todas as informações e podemos realizar uma cadeia mais ampla..."

Rádio Pio XII:

"Companheiros da Rádio Animas. Aqui é Pio XII chamando Rádio Animas... Estamos em sintonia e a qualquer momento, quando quiserem, entraremos em contato. Aqui Rádio Pio XII..."

Rádio Nacional de Huanuni:

"A Federação Nacional dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia lança o seguinte apelo: a qualquer momento, podem calar nossas emissoras, porém o

povo boliviano e em especial os trabalhadores mineiros devem continuar sua greve geral indefinidamente, até obtermos a democratização de nosso país. Adiante, Rádio Animas."

Rádio Animas:

"Aqui continua aflitiva a situação. Queremos saber algo sobre os companheiros dirigentes da Central Operária."

Rádio Nacional de Huanuni:

"De acordo com as últimas informações de La Paz, três companheiros da COB foram presos, entre eles o companheiro Simón Reyes. Emissoras do exterior dizem que ele foi assassinado. Há choques sangrentos nos bairros populares de La Paz. Rádio Fides caiu completamente. A Força Aérea lançou bombas sobre a Rádio Vanguardia de Colquiri. Gualberto Vega foi morto na sede da COB. (...) Juan Lechin Oquendo foi preso e conduzido a local desconhecido. Trabalhadores da Siglo XX preparam manifestação de repúdio."

Rádio Chichas:

"... recebemos informações de que neste centro mineiro estariam se mobilizando efetivos militares. Os trabalhadores estão saindo para dialogar, pois não estão querendo enfrentar soldados irmãos. Tentam diálogo entre os dirigentes sindicais e oficiais do exército. Tomara que cheguem a um entendimento."

Rádio Animas:

"Atenção, informação de última hora: começou o tiroteio perto de Santa Ana. Deve-se agrupar forças nesse setor para impedir que os militares entrem nos distritos mineiros."

Rádio Nacional de Huanuni:

"Estamos tentando sintonizar as emissoras numa grande cadeia mineira: Rádio Pio XII, Rádio 21 de Diciembre e La Voz del Minero em Llallagua. Já estamos sintonizando as ondas das rádios Corocoro, Viloco e Vanguardia."

Quase desnecessário completar qualquer coisa: Deixemos pois que Domitilia Chungara encerre este relato: "?Pero, que pasó? Los trabajadores se pararon como un solo hombre y dijeron: mientras no nos devuelvan las radios, no entramos a trabajar. Y se declararon en huelga."

As rádios-guerrilheiras de El Salvador

El Salvador, meio selva, meio civilização, país de cerca de cinco milhões de habitantes e pouco mais de vinte mil quilômetros quadrados. Nele, todas as rádios e televisões entram em cadeia nacional para os comunicados oficiais, os únicos permitidos, versões oficiais da guerra civil que assola o país. O controle à imprensa nacional e internacional é absoluto; existem restrições à entrada de correspondentes estrangeiros no país. Assassinato, perseguição, seqüestro e tortura a jornalistas e trabalhadores dos meios de comunicação são atos comuns em sua história, além da constante violação da liberdade de imprensa. As instalações dos jornais *Independiente* e *La Crónica del Pueblo* e da Rádio YSAX, que mantinham uma linha independente, foram destruídas por ações terroristas dos "ecuadrones de la muerte". Tudo em decorrência da guerra civil que já dura 50 anos.

A partir desse bloqueio à liberdade de informação e a ignorância generalizada imposta pelo regime, o povo salvadorenho inventou também as suas formas de resposta: os muros de todo o país se tornaram canais de expressão, ao mesmo tempo em que a oposição constituía os seus próprios meios de comunicação, compostos pela Rádio Farabundo Marti, Sistema Rádio Venceremos e Rádio Unidad.

Transmitindo em várias faixas e em diferentes classes de ondas (curtas, médias e freqüência modulada), as rádios livres de El Salvador atingem o campo, as cidades, as zonas controladas pelos guerrilheiros, a retaguarda inimiga e, às vezes, até mesmo os acampamentos militares e os países vizinhos. Essas emissões se dão, é claro, sob condições de guerra, ou seja, sob o fogo dos morteiros jogados pelas Forças Aéreas. São verdadeiras rádios-guerrilheiras e no contexto da guerra civil de El Salvador não poderia ser diferente. Por sua penetração e eficácia, elas se tornam objetivos militares fundamentais do inimigo, que não se cansa de rastrear os seus sinais e tentar "queimá-los" com interferências.

Em uma situação como a salvadorenha, em que o país se encontra literalmente dividido em regiões controladas pela guerrilha e pelo governo, em territórios em disputa e verdadeiras terras-de-ninguém, as rádios se inserem no cotidiano de "dois" países e "dois" mundos. Não há, nessas circunstâncias, qualquer outro senso de "profissionalismo" que não seja aquele estritamente político-militar. A população que se engaja na defesa e manutenção das rádios é conhecida, muito apropriadamente, como "correspondentes de guerra", como se pode observar no seguinte comunicado da frente Farabundo Marti de Libertação Nacional:

Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venc

RADIO VENCEREMOS TRANSMITE EN FM

El 7 de Octubre, a las 8:30 de la noche, Radio Venceremos dió inicio a sus transmisiones en Frecuencia Modulada, en los 97 megahercios, cuya señal puede captarse especialmente en San Salvador y la zona central del país.

Respecto a la nueva frecuencia de Radio Venceremos, la Comandante Mercedes del Carmen Letona, "Luisa", dijo a través de la emisora:

"Radio Venceremos da con esto un salto que es de gran importancia en la ruptura del cerco desinformativo al que la dictadura mantiene sometido a todo nuestro pueblo. Radio Venceremos ha hecho eco siempre de todas las demandas de nuestro pueblo, ha difundido las grandes éxitos militares alcanzados por el FMLN, jugando un importante papel en la orientación e información a nuestro pueblo.

Así, hemos librado una batalla contra la interferencia y este día estamos asestándole una nueva derrota; saludamos este día a todo nuestro pueblo y en especial a la población de San Salvador, compartiendo así un éxito cuyo resultado tiene por base, el esfuerzo y la amplia participación de todos los salvadoreños que a lo largo de 11 años de lucha combativa, han sabido construir los instrumentos que conducirán a la victoria".

Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venceremos en FM - Radio Venc

"Os nossos correspondentes de guerra junto ao povo, organizados em grupos de 'correspondentes populares', são os encarregados de cobrir todos os eventos políticos e militares, recolher toda informação gerada no próprio local dos fatos. São eles que transmitem à central da Rádio Farabundo Marti toda informação de caráter político, militar, social, cultural, econômico e outros temas relacionados com a vida nas zonas controladas pelo povo. (...) É o povo mesmo o dono e principal locutor da rádio".

Escutar as rádios livres também se torna um ato de guerra, se considerarmos que até mesmo a audiência é proibida. Nas cidades onde não existe controle revolucionário, a escuta é clandestina, pois a polícia reprime as pessoas que sintonizam as rádios revolucionárias.

Dificuldades? Muitas, mas a principal está no próprio espaço das ondas hertzianas: a interferência. Ela é praticada de forma sistemática pelo governo, com sofisticado material radiofônico enviado pelos EUA, para confundir a população com falsas emissões rebeldes. Essa prática se deu também na Bolívia, nos momentos de maior acirramento da luta política, mas o governo boliviano não tinha imaginação para falsificar as rádios sindicais e o povo percebia logo quando se tratava de interferência. Em El Salvador, entretanto, a ajuda militar norte-americana inclui também moderno *know how* na área de interferências radiofônicas, quase sempre esquecido nas críticas que se costuma fazer ao governo Reagan. Equipamentos de "queima" de sinais são dirigidos diariamente às emissões rebeldes, obrigando os guerrilheiros a reajustarem constantemente seus transmissores para mudar a faixa de onda.

Esse breve relato de algumas experiências radiofônicas em Cuba, Bolívia e El Salvador constitui apenas alguns exemplos do que já se fez nos continentes centro e sul-americano em termos de radiofonia alternativa. Outras experiências igualmente ricas, sobretudo no Equador e na Nicarágua, deveriam também ser lembradas, mas faltam ainda estudos mais sistemáticos a respeito do assunto. As informações são esparsas e desencontradas, em virtude das próprias circunstâncias em que acontecem essas rádios. Uma outra história dos meios de comunicação de massa, bem diferente dessas que circulam por aí, ainda está por ser escrita.

A liberdade está no ar
(Manifesto da Rádio Livre-Gravidade)

Nosso ar está poluído.
Tanta informação na cidade e a solidão continua.
Falta daquela que excita.
Liberdade no rádio é gente diferente
    uma das outras, indo ao ar.
Colocando as diferenças no ar e no chão...
Sem leis,
Sem medo do medo,

Sem destino certo,
É a vida na cidade, no cérebro
e noutro lugar qualquer.
Livre transmissão da criação e da destruição.
Acontecimentos,
Acontecimentos marginalizados.
No livre transmissor, tem cor, suor e imagens.
E o mito dos deuses da terra, do ar e do espaço
vai-se acabando
As nossas espaçonaves começam a voar.
Não queremos concessão do Ministério
para comunicar.
Ele e seus sistemas de concessões servem somente
às grandes empresas de comunicação,
aquelas que vivem atrás do lucro.
Que tenham fim as redes globais de sufocamento
das idéias.
Que todos tenham hora e vez para gravitar suas
idéias.
Vamos gravitar porque o ar é livre.
Chegar através do vazio
com ritmos e notícias de novidades.
Que vivam as rádios livres!
Viva a Livre-Gravidade!

O consciente e o inconsciente do rádio

Quando falamos em inconsciente a primeira coisa a que associamos é ao Sr. Freud que, mais do que ter elaborado uma teoria acabada sobre o inconsciente, deparou-se com os limites da consciência. Ele abriu uma porta na história da razão, dizendo que não somos seres completamente racionais, conscientes, com poderes totais sobre as mil-e-uma ligações de nossos neurônios em nossos cérebros.

Mas o que seria o inconsciente? Uma caixinha preta que fica do lado esquerdo do cérebro ou atrás da orelha direita?

Não pretendo aqui discorrer sobre a teoria psicanalítica, mas tentar observar de que forma essa coisa a que chamarei "energia inconsciente" se mobiliza quando nossos ouvidos entram em conexão com a música.

O inconsciente estaria mais ligado ao desconhecido, ao surpreendente, à intrusão, ao fantástico, ao acaso, ao porvir sabemos lá de onde, ao fio da meada de uma situação conflitante, à possibilidade múltipla, ao ócio (quando ficamos sem atividade pensa-

mos tantas asneiras!), à inexistência de tempo cronológico, à irracionalidade enfim. Afinal, os loucos falam coisas tão estranhas: é como se pusessem a caixinha preta na ponta da língua e com um toque de saliva a abrissem, mostrando a todos um pouco de sua tempestade interior.

Pois bem, creio que quando os nossos ouvidos se conectam com a música é como se as caixinhas pretas se multiplicassem, espalhando-se pelo corpo todo, e começassem a cutucar a consciência e seus infinitos probleminhas do "mundo de fora".

Quero dizer que o consciente e o inconsciente não funcionam separadamente, o tipo de registro é que é diferente. O sonho traz, em meio a seus devaneios, pessoas, fatos, detalhes que são situações da vida real e consciente. Da mesma forma, em nossas miudezas conscientes do dia-a-dia, trazemos em nossos discursos a confusão, a ansiedade, a contradição.

Esses dois tipos de registros precisam ser ampliados e desenvolvidos, já que a história os limita, escondendo, por exemplo, o inconsciente debaixo do travesseiro, no hospital psiquiátrico, no divã do psicanalista ou ainda dentro de um copo de pinga.

Uma forma de promover o retorno do inconsciente seria utilizar esse requinte da eletrônica, que possibilita a um simples mortal escutar outro a grandes distâncias: o *rádio*.

O rádio abre a possibilidade de socializar as nossa subjetividades individuais ou grupais. Se os trabalhadores aprendem a reivindicar menor tempo de trabalho, é preciso que o maior tempo de ócio seja preenchido com música. E quando falo de música não me refiro à estrondosa baboseira que tocam as FM e que deixam profundamente irritado nosso inconsciente, fazendo com que a medula envie rapida-

mente uma ordem a nossos dedos para que inocentemente procurem outra coisa...

> "Segure-se língua porque você nasceu sem pátria!
> Controle-se porque de você só queremos um belo comercial!
> Fale-nos mas não diga nada!"

A resposta das rádios livres: "controlem-se vocês. policiadores do imaginário, porque nós vamos falar muito em nossas faixas".

Quero Arrigo Barnabé, quero nostalgia, quero valsa, quero rock alemão e nacional, quero, quero, quero...

Se considero importante, por um lado, muita música nas emissões, justamente por ser esse o espaço mais próprio do inconsciente, acho também importante que, conscientemente, tentemos sistematizar nossos delírios, abrindo espaço para que os passivos ouvintes se tornem ativos locutores. Não será mais o psicólogo quem fará uma interpretação narcísica das razões por que a doméstica gasta todo seu salário em produtos de beleza, nem o sociólogo dirá que ela é explorada e alienada. Que a doméstica tenha acesso ela mesma ao microfone e que psicólogos e sociólogos se contentem em entrar em conexão.

Que pinte a gagueira e o branco, pois em cima dele coloriremos. Que haja conexão das subjetividades e não das interpretações. É da conexão das mulheres, dos negros, das bichas, dos psiquiatrizados, dos ecologistas e de tantos outros grupos sociais, incluindo obviamente o grupo majoritário dito dos normais, que nascerá a possibilidade de sistematizar os nossos delírios, assimilando a diferença e não a transformando em matéria de fofocas.

Criar cultura, em nosso tempo, é fazer florescer esse movimento de conexão coletiva a nível de toda a sociedade e não apenas nos bastidores atomizados. Só assim será possível fazer explodir toda essa subcultura da barbárie, que produziu fenômenos como o nazismo e o stalinismo.

Mais do que lê-la, a história deve ser feita. Comece essa historinha montando seu transmissor...

Manifesto da Rádio Tereza

TEREZA é a corda feita de lençol para fugir da cadeia, e estamos ocupando o ar, saindo da cadeia global que norteia a comunicação neste país.

A idéia surgiu durante a greve dos bancários realizada em setembro de 1985, quando alguns funcionários e militantes do Sindicato, acompanhando a transmissão da Rádio Xilik, ao vivo na assembléia da Praça da Sé, pensaram em estender essa transmissão para todos os grevistas, sendo utilizada pelo comando de greve para passar os informes e orientações.

Baseados na experiência da RÁDIO NO AR, programa desenvolvido em 81 e 82 pelo Departamento Cultural do Sindicato dos Bancários, um serviço de alto-falantes móvel pelo centro da cidade, pretendemos, agora com um transmissor, retratar todas as loucuras que acontecem no coração da metrópole. Ser uma opção de informação, principalmente do que rola no meio político-sindical, dar dicas de programação cultural, novelas, muita entrevista, abobrinhas variadas, tudo isso recheado com muita música da boa, aquelas que não tocam por aí.

Rádio Tereza, em 106.8 MHZ, com seus transmissores ambulantes e 120 watts de potência, fez sua primeira aparição no finzinho do mostrador de seu FM no dia 23/10/85, transmitindo o ato contra a dívida externa e o FMI, diretamente do Centro Sindical dos Bancários.

Chegamos para ficar, livres, e dizendo a todos: VAMOS OCUPAR O AR!

Terceira intervenção da Rádio Xilik

Roteiro do "Sombra" (27/7/85)

Entra o texto inicial de "Almustafa, the Beloved" (Billi Cobhan/George Duke Band). Pára no fim da fala.

SOMBRA: (gargalhada)

Entra o "Tema de Amor" de Blade Runner. *Vai a BG.*

S: Feliz sábado, guris. Feliz sábado, gurias. Aqui, Estúdios TAN. Rádio Xilik, Rádio Livre Urgente. Fique com a mente.

S/D/BG

S: Operando na freqüência de 106 ponto 04 Megahertz.

S/D/BG

S: Aqui, adoráveis cidadãos, somente para o mel de vossos ouvidos, é a voz do Sombra, de

quem costuma-se dizer...

S/D/BG

S: ... que só ele sabe... aquele mal oculto... no coração humano.

Stop brusco. Entra "Walk on the Wild Side". Vai a BG.

S: *Velvet Underground*, um subter de veludo, olhos cocainômanos, uma gruta de língua de gato, uma história excitante e febril. Todas aquelas noites, chuvas nas ruas, estavam lá. Abismos *blues*, piscina morna, câmera lenta. Modorras no metrô da mente: tropicalquimia da imagem, teu corpo (sussurro em Radio City) é *chewing-gum* com tatuagem.

S/D/BG

S: É anticonstitucional, mas também antimental mentir só por vil metal e dizer que a emissão fatal da rádio insurrecional é algo menos legal que dentéis e todo seu mal, que querem a pá de cal pras ondas deste local, de onde com graça e sal, emite Xilik, a tal.

S/D/BG

CINDERELA: Operando em 106 ponto 04 Megahertz.

Entra brusco "All along the Watchtower" de Hendrix. Vai a BG, após a introdução instrumental e os primeiros versos cantados.

S: "Sou prisioneiro do /amor.
Aqui na jaula, aguardo /a hora de me libertar.
O que existe entre nós
É apenas um felino ódio
E um repentino salto,
Driblando a morte,
Esgrimindo perto da /paixão total,
Correndo a um passo
Das garras da tigresa,
Essa maldita princesa, /judia princesa."

S/D/BG

S: Ah, Salomé...
Tu pedes muito por tua /dança.
O que de mim, depois, /dirão os povos?

Corta seco. Entra "Biko" de Peter Gabriel. Após algum tempo, BG.

S: E assim vos conta o Sombra. João Batista perdeu sua cabeça e entrou na eternidade. Por

uma serpente lasciva e
feminina,
uma semita odalisca,
uma isca de malícia,
uma princesa judia.

Corta seco. Entra "Jewish Princess" de Zappa.
Depois de algum tempo, vai a BG.

S: Enlouquecidos cidadãos de Paupéria, VI-/VA A RÁDIO XILIK, A VIDA SEM MAGICLICK. Aqui, adocicados, cheios de mel e conhaque, na tua presença, Estúdios TAN. Operando e rockoperando para 106 ponto 04 Megahertz.
Fique com a mente.

S/D/BG

S: Como agora, quando a voz dilata o meu espírito delírio até vocês. Ao Sombra resta o fim da história. A tua presença lateja comigo agora, aqui, depois de ter ido embora e o lençol ainda guarda uma essência de tua... inteligência.

Corta seco. Entra "Aqua" dos Eurithmics.

Depois de algum tempo, BG.

S: Tenebroso é o destino daqueles que são possuídos por uma paixão negra. Um amor clandestino, a Medusa de cabelos desgrenhados, a esfinge na mais alta madrugada, povoada pelos touros e sereias. Os dragões estão no ar. Um sussurro estatelante, um orgasmo deslumbrante e estas vezes em que a mente chega a ter a intensidade do teu corpo.

S/D/BG

S: As histórias que dão Sombra, doceouvidos, são fatais. Mas o mal dos corações mortais é uma trama de gemidos e ais. A floresta dos prazeres e das sombras em que brilha, amortecido, o quarto dela.

Fusão, ou o mais perto que for possível, para "Candy's Room" de Springsteen.
Vai a BG após início da parte cantada.

S: Este foi o meu dom, o dom do Sombra. Eu espero já ter sido perdoado por Billi Cobhan,

George Duke, Vangelis, Lou Reed, Jimmi Hendrix, Peter Gabriel Frank Zappa, The Eurithmics e Bruce Springsteen, de quem abusamos durante esta irradiação.
O sexo é a maldição.
O sexo é a redenção,
Amor, você é um tesão.
Xilik no coração.
Grande baci.

Sobe BG. Vai até o fim.
Stop.

Foto: Mônica Maia

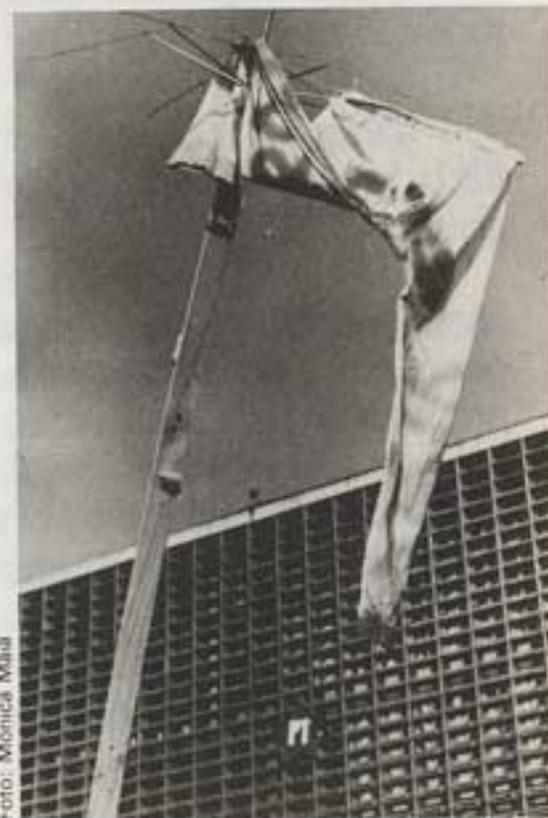



Foto: Mônica Maia

13 de outubro de 1985: O comício do Partido dos Trabalhadores, por ocasião das eleições municipais de São Paulo, foi colocado no ar, ao vivo, pela rádio Se Ligue, Suplicy. Na página seguinte, a antena livre.

Constituição da Rádio Patrulha de Ermelino Matarazzo

Rádio Patrulha 106.3 MHz FM Livre.

Estamos no ar de segunda a sexta, das 18 às 20 horas e domingos das 16 às 18 horas, falando para todo o Ermelino Matarazzo e adjacências.

OBJETIVO:

Abrir espaço para diversos grupos que queiram participar de comunicação popular através de programas de rádio livre.

Estamos levando o microfone até a comunidade, abrindo assim mais um espaço para as manifestações populares dos mais diversos segmentos da sociedade, permitindo que o cidadão, a patroa, a empregada, o trombadinha e todos os demais se manifestem, falem, ouçam, opinem e participem das necessidades do bairro, enfim se coloquem livremente, sem medo e sem censura.

Para isso, estamos programando uma série de debates, entrevistas, mesas-redondas, cobertura de assembléias e reuniões com transmissões ao vivo. Em nossa programação terão voz os trabalhadores, os líderes sindicais, artistas da região, transeuntes, etc. Teremos radionovelas, crítica e humor, além de in-

formações completas sobre os movimentos populares, culturais e demais acontecimentos do dia-a-dia de nosso bairro. Tudo isso com muita música popular, regional e bandas de fundo de quintal.

Histórico da rádio

Há alguns anos, ressurgiu na região os serviços de alto-falantes, com um jeito diferente de praticar a comunicação, dando o microfone ao povo para que ele discutisse sua situação no bairro. A própria população fazia os programas e se transformava em agente ativo de suas lutas.

No final de 1984, um grupo de jovens da região, cansado de ouvir as coisas de sempre nas FM e incentivado pela experiência dos alto-falantes, sentiu a vontade e a curiosidade de montar um transmissor. Queríamos atingir não apenas a região abrangida pelos alto-falantes, mas um espaço bem maior e isso só poderia acontecer com uma rádio livre.

Foi um momento muito difícil para o grupo, pois estávamos inseguros e não sabíamos se teríamos pique para segurar uma rádio livre, mas mesmo assim resolvemos avançar. Fizemos os primeiros contatos, muito tímidos no início, mas logo descobrimos que a barra não era aquela que imaginávamos. Resolvemos investir alto na coisa, mesmo ainda não sabendo direito qual o risco que corríamos.

Empolgados com a idéia de montar nossa própria rádio, conseguimos localizar um técnico que se dispôs a construir nosso transmissor. No final de fevereiro de 1985, ele nos ligou para dizer que o aparelho já estava pronto, só faltava instalar. Aí foi

aquele corre-corre para arrumar um local. Ficamos sabendo que iríamos operar na freqüência de 106.3 MHz.

Depois de tudo instalado, partimos para os testes de som. A sala estava no auge da agitação, a expectativa era grande. Fizemos a ligação de um aparelho três-em-um no transmissor. Tudo mudo. Substituímos por um amplificador e, então, no primeiro toque ao microfone, as caixas responderam. Um pouco mais calmos, começamos os testes de voz. Na nossa sala, o som saía absolutamente limpo.

Partimos para os telefonemas. Ligamos para vários conhecidos e pedimos para eles sintonizarem o 106.3 MHz. Pelas respostas dos ouvintes, percebemos que estávamos chegando mais longe do que esperávamos. Atingíamos as regiões de São Miguel, Itaim Paulista, Parque Paulistano, Ermelino Matarazzo, Cangaíba, Penha (baixo), Vila Matilde, Vila Ré, Cumbica e Guarulhos. Saímos de carro para sentir a nossa força e percebemos que estávamos tão nítidos como qualquer FM comercial.

Operamos em caráter experimental durante o mês de abril. Depois, a rádio ficou desativada durante um mês, pois o grupo se dissolveu. Voltamos aos testes com um grupo novo, mas novamente não demorou muito. Na nossa terceira formação, quando íamos entrar no ar, percebemos que haviam mexido nos aparelhos e eles não funcionavam mais. A tristeza tomou conta da sala. Telefonamos para o técnico e ele constatou que uma bobina e um transformador estavam queimados. Ficamos mais um bom tempo sem o transmissor e mais um grupo se dissolveu. Agora, com o transmissor pronto e um grupo de pessoas realmente comprometidas, voltamos à atividade com força total.

PIRATAS SÃO ELES QUE NOS ROUBAM A LIBERDADE DE EXPRESSÃO.

Grupo de Comunicação de Ermelino Matarazzo

Uma televisão para mil vozes

Até há pouco tempo, o conceito de televisão que cultivávamos era tão rígido quanto o sistema de transmissões em que se baseava. Em primeiro lugar, considerando que a televisão utilizou, desde a sua origem, as ondas eletromagnéticas como meic de distribuição, a maioria esmagadora dos governos nacionais, sejam eles baseados em democracias formais, autocracias militares ou oligarquias burocráticas, instituiu de imediato sistemas de controle das emissões, declarando-se por antecipação a única autoridade com poderes para emitir sinais de TV (opção européia) ou para conceder licenças de emissão (opção americana). A estrutura da transmissão eletromagnética — que parte de um pólo irradiador aos milhões de receptores individuais — cria as condições mais favoráveis para a homogeneização política e a pasteurização cultural. Dezenas de milhões de aparelhos receptores distribuídos por toda uma nação recebem diariamente a mesma informação, ou quando muito um leque de no máximo doze opções diferentes, autorizadas todavia pela mesma autoridade governamental monolítica. O paradoxo criado

por essa estrutura de TV é que ela torna a experiência privada de assistir TV um evento público, partilhado ao mesmo tempo por milhões de outros cidadãos da República. As residências privadas tornam-se fortemente ligadas à esfera pública, o que transforma qualquer emissão de TV num acontecimento político indubitável. Só que um acontecimento político de tipo autoritário: cada cidadão individual não tem meios para responder, intervir ou exercer influência sobre a emissão, já que ela é *one way*, unidirecional, irreversível. Imagine uma estrutura de TV desse tipo implantada numa nação africana, com suas centenas de diferentes grupos étnicos, com suas centenas de línguas, culturas e religiões particulares, para se ter noção do poder devastador que o meio pode exercer em escala nacional. Imagine também o destino de uma democracia, com toda a riqueza de suas diferentes correntes de opinião e o leque inesgòtável do pluralismo ideológico, entregue à centralização unidirecional dessa estrutura de produção.

Certo, esse esquema é um pouco simplista e não dá conta das contradições que sacodem o meio. Numa sociedade abalada por conflitos da mais diversa natureza, a televisão acaba, mesmo à custa de muita resistência e na rabeira da convulsão social, por refletir os problemas que a comunidade enfrenta. Mas dado o papel central que ela exerce sobre as trocas simbólicas de uma nação, as forças políticas mais avançadas não podem contentar-se com um *feed back* atenuado, privado de suas arestas cortantes e imensamente atrasado em relação ao volume de respostas políticas e culturais que a sociedade está potencialmente apta a dar. Se não houver uma virada radical na própria estrutura de produção da imagem eletrônica, a televisão seguirá, bem ou mal, cumprin-

do seu papel de regulador homeostático das tensões interpessoais e sociais. Intervir, sempre que possível, na programação comercial da TV, criar canais de resistência e pressão e mesmo combater a autoridade do Estado para conceder faixas de onda — tudo isso pode estar colocado no rol das tarefas democráticas pelas quais se empenham as forças progressistas da nação, mas essas tarefas todas podem resultar inócuas se elas não forem capazes de fazer implodir a própria estrutura monolítica e unidirecional disso que até aqui nós conhecíamos como *televisão*.

Ultimamente têm surgido algumas mudanças substanciais no conceito de televisão. Em primeiro lugar, a televisão baseada num sistema de transmissão eletromagnética e expandida pelas redes de retransmissão, isso que os americanos batizaram de *network broadcast*, já não mais esgota a amplitude do termo. Mesmo no terreno das emissões ondulares, já está havendo uma reversão no sistema das faixas de onda. Até aqui, os grupos políticos e comerciais de interesses autoritários apoderaram-se do regime de transmissão em VHF (Very High Frequency), pois trata-se justamente de uma modalidade de transmissão que permite atingir a maior amplitude geográfica. Uma outra modalidade, entretanto, denominada UHF (Ultra High Frequency), até aqui negligenciada e utilizada apenas para retransmissões em pequenas cidades do interior, começa a despertar o interesse de produtores independentes e alternativos. Tecnicamente, a coisa funciona mais ou menos assim: se dividimos todo o espectro eletromagnético destinado à televisão em faixas de onda de grande alcance, só podemos contar com poucos canais, pois eles ocupam porções demasiado amplas do espectro. Se, pelo contrário, renunciamos à ambição de emitir

para grandes massas distribuídas em regiões distantes, podemos dividir o espectro num número muito maior de faixas de onda e contar com uma quantidade muito maior de canais de pequeno alcance e destinados apenas às populações locais. Em UHF, podemos utilizar ao mesmo tempo 70 canais, enquanto em VHF só podemos utilizar no máximo 12 canais (do 2 ao 13). Considerando ainda que os canais de UHF têm um alcance limitado, cidades com as extensões de São Paulo ou Rio podem contar com programações diferentes numa mesma faixa de onda, desde que os transmissores estejam colocados em bairros diferentes: isso permite multiplicar os 70 canais quase ao infinito. E se os recursos de produção e transmissão são simples e baratos, os próprios espectadores, se estiverem motivados para isso, podem cotizar-se num regime de subscrições, para manter o seu canal alternativo no ar, sem que este precise recorrer ao atrelamento da publicidade comercial. Televisões mantidas pelos seus próprios espectadores já são uma realidade em muitos países.

Falando agora politicamente, o regime UHF tem poucas afinidades com os conglomerados e as grandes redes nacionais. Ele parece se dirigir, com maior naturalidade, a segmentos específicos da população, oferecendo transmissões diferenciadas, voltadas às aspirações de cada estrato social ou aos interesses de cada grupo cultural. A programação no regime UHF tende a ser diversificada na mesma amplitude da diversidade do público, enquanto as redes que operam em VHF só podem se dirigir à média indiferenciada e amorfa dos cidadãos abstratos. No limite, a ampliação das programações localizadas e diferenciadas poderia mesmo abalar a estrutura monolítica da transmissão ondular, pois seria quase

impossível a um poder central exercer a vigilância sobre todas as emissões. Os apocalípticos e derrotistas de toda espécie costumam afirmar que não se pode transformar a estrutura da televisão brasileira enquanto a legislação orwelliana das telecomunicações não for modificada. Mas nós diríamos que a legislação jamais será modificada enquanto uma nova realidade material não se impor com todo o peso de sua inevitabilidade. Afinal, são as leis que forjam os movimentos sociais ou estes últimos que forjam as leis? Com a modalidade UHF e uma conjuntura favorável, seria possível promover uma explosão informativa tão ampla e diversificada como foi o fenômeno das rádios livres na Europa, durante a década dos 70. Se entendemos por democracia a coexistência dialética das diferenças e a constituição de canais onde as minorias possam ter voz e vez, é preciso conceber sistemas simbólicos que levem em conta e permitam florescer essa diversidade, desestabilizando, ao mesmo tempo, o poder de centralização e controle dos regimes autoritários.

Já faz alguns anos que nos países capitalistas avançados se discute a implantação da TV a cabo como uma alternativa à centralização da TV estatal ou comercial. A TV a cabo transmite um sinal de TV diretamente da fonte produtora aos receptores caseiros, através de cabos especiais. O número de canais que ela pode oferecer é função da fiação do cabo, o que teoricamente quer dizer infinito. Ela não tem suporte comercial, pois o espectador paga para receber a informação, podendo cancelar sua subscrição tão logo considere que a programação o desagrada. Algumas modalidades mais recentes de TV a cabo são dotadas de reversibilidde, o que quer dizer que possibilitam ao espectador intervir, de sua própria

casa, diretamente na programação e entrar no ar quando for interpelado para tal. Todavia, em virtude dos custos para a implantação do sistema de cabos, essa modalidade de TV é inviável a curto prazo nas nações pobres, que precisam dar respostas a necessidades mais imediatas. À vista disso, as discussões brasileiras em torno de uma nova estrutura de produção de TV se voltam, no momento, para a alternativa das transmissões em UHF. De qualquer forma, o que se visa hoje no debate sobre a implantação das novas tecnologias de TV é garantir uma programação diferenciada, tanto do ponto de vista político quanto cultural e educativo. Mais que isso: garantir que os papéis do transmissor/produtor e do receptor/espectador sejam intercambiáveis e que a influência deste último sobre a programação seja mais ativa do que é sobre a TV comercial e/ou estatal. Num esquema de produção mais flexível, a programação perde as suas determinações categóricas: a teleeducação, por exemplo, deixa de ser encarada como instrução, imposição da cultura dominante, baseada no espírito da autoridade enciclopédica, e passa a encorajar a resposta crítica e o respeito pelas diferenças.

Mas essa não é ainda a única alternativa. Desde 1965, quando surgiram as câmeras portáteis acopladas a gravadores de vídeo, que utilizavam, por sua vez, fitas de pequena bitola, uma espécie de televisão privada tornou-se possível. Esse equipamento, de custo relativamente barato (em relação a qualquer aparato profissional) e de operação bastante simples, foi colocado no mercado pela indústria do consumo para o lazer da classe média, mas nada impede que as expectativas industriais sejam revertidas e possibilitem aos grupos ativos política ou culturalmente produzirem os seus próprios programas em circuito fe-

chado. Na Europa, já se desenvolvem redes alternativas de difusão de vídeo, cuja função é colocar em circulação as centenas de fitas produzidas por grupos independentes, cujos temas vão desde a experimentação de linguagem, passando pelos trabalhos culturais mais inquietos, até a documentação dos movimentos reivindicatórios de operários, camponeses, desempregados, mulheres, ecologistas, pacifistas, imigrantes, etc. Esses trabalhos de resistência cultural começam também a proliferar no Brasil e a tendência é alastrar-se até exigir esquemas de difusão mais eficazes. Muitos desses trabalhos podem inclusive ser lançados no ar e constituem já um repertório mais ou menos amplo de programas que poderão eventualmente alimentar pequenas emissoras em UHF.

Talvez haja uma certa dose de utopia nessas perspectivas para uma nova televisão. Mas, nas condições atuais do planeta, pode ainda haver algum progresso sem uma fé nas utopias? De qualquer forma, neste momento agudo de crise das instituições autoritárias, mais importante que reiterar críticas apocalípticas e imobilistas ao monopólio da informação é ocupar espaços com a prática concreta de uma outra televisão.

Um depoimento: TV Livre de Sorocaba

Da pirataria à TV comunitária: esquemas e propostas políticas

A vontade de gerar a pirataria (aqui tratada como um conceito geral, definindo várias formas de luta) é reação ao monopólio das comunicações que aí está: um limitadíssimo número de rádios e TV, concedidos pelo próprio Presidente da República, historicamente usados como forma de dividir privilégios e até agraciar amigos e médicos pessoais dos generais-presidentes. Tal como é definida pela lei, a concessão é arma de apaziguar forças políticas palacianas, um privilégio trocado por sustentação política ou por caixa de ressonância dos discursos oficiais. O direito atribuído ao presidente de nomear usuários das ondas hertzianas, lei do tipo direito divino, aponta favorecidos donos de bons negócios, mas amplia confortavelmente o próprio Estado, reproduzindo os discursos "interessantes" e marcando sua predominância sobre tais veículos.

A política de monopólio nas comunicações está assentada, por um lado, na legislação "ordenadora", que define quem está apto a falar, e, de outro, na acomodação de uma sociedade que nunca soube cobrar outro estado de coisas para a matéria. Ela nunca

deixa aparecer o conjunto dos delitos e dos crimes que tal situação de privilégios comete contra a democracia e os mais simples conceitos de igualdade e participação. A lei ordenadora, uma vez que se preocupa apenas em definir "quem" pode dar a concessão, quem tem esse direito, situa-se no tempo anterior aos códigos jurídicos, num tempo pré-Revolução Francesa, alheio aos três poderes e ao reordenamento atual da representação política. Trata-se de filho temporão do absolutismo, quando o país era uma extensão do corpo do soberano. Assim, o direito de o cidadão dar e receber informações torna-se crime, ou, mais precisamente, crime de lesa-majestade.

Plano de ação dos três momentos da camaleônica TV Livre de Sorocaba

1.º momento — TV Pirata

Objetivos:

Assumir a pirataria e a ilegalidade como únicos meios de combate efetivo ao monopólio da informação. Veicular uma programação agressiva e irreverente, questionando ao limite as instituições e provocando os indivíduos em seus hábitos mais cristalizados.

Detonar uma discussão a nível nacional, através de ampla divulgação de nossas atividades, utilizando os órgãos de imprensa, debates acadêmicos e entidades políticas.

Permanecer o maior tempo possível no ar, objetivando o sustento da discussão, provocando a reação

dos órgãos de repressão do Estado e chegando até um julgamento público, com perspectivas de abertura de jurisprudência para casos semelhantes.

Transição:

A falta de uma vanguarda que se proponha a oferecer alicerces financeiros para a construção de uma TV não-autorizada só nos deixa uma alternativa: o patrocínio de qualquer interessado. Sem que isso implique a condução ideológica do projeto. Ao invés de abrigar a crítica *engagé*, desconfiada quanto à composição das forças envolvidas na TV livre, o mais importante é abrir um precedente contra o monopólio das emissoras legalizadas no país.

Isso afastou a exigência apriorística de um discurso renovador, que poderia servir como medida cautelar para que a TV livre não resultasse em um novo canal para velhas mensagens de interesse do poder constituído. Essas categorias acabariam funcionando como argumentação desmobilizadora, por considerar apenas aspectos teóricos, mas sem lambuzar os dedinhos em uma conjuntura específica.

O que está em questão é uma proposta política, isto é, a apropriação das mídias eletrônicas. Por causa dessa definição, o que se discute primeiramente é a estratégia da pilhagem: o modo de constituir um *know how* e uma composição de forças suficientemente sólida para sabotar o esquema de segurança armado em torno dos veículos de informação.

2º Momento — TV Livre, Canal Sorocaba

Conjuntura local:

A existência de uma concessão para TV em UHF, resultado do último decreto do general Figueiredo, congelada pelo Ministério das Comunicações do atual governo, polarizava as forças políticas de Sorocaba. Qualquer intervenção que pudesse alterar esse quadro vinha de encontro aos interesses dos demais grupos que pleitearam essa concessão. A discussão em torno de uma TV regional estava colocada.

Objetivos:

Aproveitar essa conjuntura para levantar a indispensável granolina líquida (os rapazes da Santa Efigênia não queriam ceder válvulas apenas em troca do nosso discursinho sobre desobediência civil) e conseguir apoio para a realização da TV livre, por mais penoso que seja esse processo.

Substituir a proposta da TV pirata por uma proposta híbrida, abrangendo o código de interpretação local (desejos de expressão de comunidades específicas e promessas de mudanças nas linguagens oficiais das TV), fazendo com que a sociedade civil de Sorocaba vestisse a camisa da TV Livre, mesmo que, para isso, tivéssemos de vestir a apertada camisa da cidade.

Conseguir um acordo tático, deslocando o eixo de produção da subjetividade televisual do centro (Rio e São Paulo) para a periferia, e invertê-lo, ou

seja, produzir a partir das necessidades dessa periferia, tornando-a centro de produção. Em última análise, esse era o fator que animava a população local. A televisão começava a falar sorocabano. A escolha da data para a nossa primeira transmissão, 15 de agosto (aniversário da cidade), reflete essa posição.

Transição:

A expectativa crescente da cidade em relação a uma emissora realmente local, de acesso democrático, aliada às nossas insistentes transmissões clandestinas, conduziriam a uma proposta do Ministério das Comunicações para tentar resolver o impasse. Essa proposta concederia uma TV comunitária para Sorocaba.

3º momento — TV Comunitária

Deve surgir a partir da negociação promovida pelos representantes da cidade junto ao Ministério das Comunicações para conseguir uma concessão sem dono: onde o concessionário será toda a Sorocaba. As formas de direção e administração desse canal comunitário deverão surgir de um fórum de discussão que represente todos os segmentos da sociedade local.

No caso da TV Livre, Canal Sorocaba, esse 3º momento foi abortado pelas negociações diretas entre a prefeitura e o Ministério das Comunicações que resultaram na recém-concedida (novembro de 1985) Rádio Tropeiro.

Conclusão:

A transmissão da tarde do dia 12 de setembro de 1985 veio resolver esse jogo. A possibilidade concreta de negociações diretas entre o poder público local e o Ministro das Comunicações, a falta de outros movimentos políticos na cidade que sustentassem a reivindicação de uma TV Comunitária e a eficaz ação repressora do DENTEL, apoiada pela Polícia Civil, resultaram no fim da ressonância do projeto de uma TV Livre em Sorocaba e na suspensão de nossas atividades nessa cidade.

Porém, o processo não se esgota nessa suspensão. Mais importante do que a experiência isolada TV Livre, Canal Sorocaba, foi o debate nacional detonado em torno da possibilidade de rompimento do monopólio das comunicações, através de emissões clandestinas, debate esse que envolveu, pela primeira vez neste país, representantes de diversos setores da sociedade. Podemos dizer assim que atingimos nosso objetivo inicial: incentivar a proliferação de outros grupos de rádio e TV livres — condição essencial para colocar em xeque a legislação existente, às portas de uma Assembléia Nacional Constituinte. Surgem daí as propostas de associar produtoras independentes de vídeo em uma ANTENA LIVRE (UHF em São Paulo) e mais e mais pessoas se interessam em montar transmissores e exercer seu direito de dar e receber informação. Essa efervescência toma rapidamente contornos de movimento — condição básica para um redimensionamento do acesso aos meios de comunicação eletrônicos. A reforma agrária no ar.

Por ora, abandonamos nossa pele de boi de piranha e guardamos nosso transmissor até que uma

nova informação seja captada. NÓS DESCOBRIMOS O BRASIL.

TV Livre é um grupo.

Pequena cronologia da rádio alternativa

1925 — Primeiras iniciativas de gestão popular da radiodifusão. Na Áustria, aparece uma emissora sindical. Surge a União das Rádios Operárias dos Países Baixos. Em Chicago (EUA), a Federação do Trabalho explora uma estação radiofônica.

1927 — Fundação da Internacional das Rádios Operárias, de tendência social-democrata.

1929 — Conferência da Internacional dos Sindicatos Revolucionários dedicada exclusivamente ao rádio.

1941 — Começa a emitir clandestinamente a Rádio España Independiente ("a Pirenaica"), que durante 30 anos enfrentou a ditadura franquista.

1952 — Começam a funcionar as emissoras de rádio dos mineiros bolivianos, geridas e mantidas financeiramente pelos próprios trabalhadores.

1954 — A Voz da Argélia Combatente surge como porta-voz da resistência do povo argelino contra o colonizador francês.

1958 — Os revolucionários cubanos dão início, em Sierra Maestra, às emissões da Rádio Rebelde, que terá papel importante na estratégia militar dos guerrilheiros castristas. Nas costas da Dinamarca, aparece a primeira rádio pirata inglesa, a Merkur FM.

1961 — Próximo a Estocolmo, surge outra rádio pirata, a Nord.

1964 — Auge das rádios piratas na Inglaterra, com o aparecimento da Rádio Veronique na Holanda, Rádio Caroline e Rádio Atlanta nas costas da Grã-Bretanha.

1966 — Começa a emitir em São Francisco (EUA) a KMPX, emissora alternativa que se fará porta-voz do movimento de protesto contra a intervenção americana no Vietnã.

1967 — A Inglaterra proíbe e começa a perseguir as rádios piratas. Em contrapartida, autoriza a implantação de rádios comerciais locais (começando pela cidade de Leicester), sem abrir mão do monopólio para as emissões comerciais.

1968 — Durante a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas soviéticas, inúmeras rádios livres clandestinas organizam a resistência do povo tcheco. Jean-Luc Godard grava diariamente em vídeo a rebelião francesa de maio de 1968 e as exibe, às noites, numa livraria de Paris.

1969 — Surge na França a primeira rádio livre, a Rádio Campus, na cidade de Lille.

1970 — O grupo de Danilio Dolci instala um transmissor clandestino em Partinico (Itália) para denunciar as injustiças contra a população de Belice, na Sicília.

1972 — Aparecem as primeiras TV livres na Itália e na Holanda, imediatamente declaradas ilegais nos respectivos países.

1974 — Surge a primeira rádio livre italiana, a Rádio Bologna, na cidade de mesmo nome.

1975 — Primavera das rádios e TV livres italianas, com o surgimento de dezenas de emissoras de cunho comercial e de cunho político-cultural. O Tribunal Constitucional reconhece a legitimidade da Rádio Parma e da Rádio Milano Internacionale, enquan-

to o governo persegue as emissoras dos grupos de extrema-esquerda. Os trabalhadores da Rádio Renascença de Lisboa ocupam a emissora e a colocam à disposição dos movimentos populares, durante a revolução portuguesa.

1976 — O Tribunal Constitucional da Itália libera oficialmente as emissões de TV e rádio em FM de âmbito local. Surge em Bolonha a Rádio Alice, a mais importante do movimento das rádios livres.

1977 — Começam a pipocar rádios livres na França: em março a Rádio Verte, de militantes ecologistas; em agosto, a Rádio Larzac, antimilitarista; em setembro, Rádio Albesse e Canale 93, ambas de caráter local; em novembro, a Rádio Verte Fessenheim, de ecologistas antinucleares, e a Rádio Fil Bleu de Montpellier, de tendência giscardista. Na Itália, culmina o processo de perseguição às rádios livres ligadas aos movimentos sociais.

1978 — A direita ganha as eleições na França e promulga a Lei Lecat, que ameaça com um ano de prisão quem utilizar ilegalmente as ondas. Na Bélgica, os ecologistas colocam no ar a Rádio Nece 1 e os estudantes a Rádio Lovaine La Neuve. Uma tentativa de reprimir policialmente esta última malogrou, porque os ouvintes acorreram ao local de emissão, atendendo aos apelos de socorro de seus articuladores. Na Itália já estão funcionando mais de 2000 rádios livres.

1979 — As rádios livres francesas passam a emitir na clandestinidade, mas a Coer d'Acier, na região industrial de Lorraine, funciona livremente, graças à adesão massiva da população local. Surge a primeira rádio livre da Espanha, a Osina Irratia, que emite parte de sua programação em língua basca, e a primeira da Alemanha, a Rádio Zebra. Em Bruxelas (Bélgica) constitui-se a União Européia das Rádios Livres, que agrupa a maioria das emissoras independentes da Europa.

1981 — Começa a emitir em Morazán a Rádio Revolução (que depois passaria a se chamar Rádio Venceremos), porta-voz das várias frentes revolucionárias que atuam em El Salvador. Surgem as primeiras rádios livres de Sorocaba (Brasil): Estrôncio 90, Colúmbia, Alfa 1, Fênix, Star e Centaurus.

1982 — Na Polônia, aparece a Rádio Solidariedade, com emissões-relâmpago da direção clandestina do Sindicato Solidariedade. Em El Salvador, surge uma rádio clandestina com transmissores móveis, a Rádio Farabundo Marti, ligada à frente Farabundo Marti de Libertação Nacional. Apogeu das rádios livres de Sorocaba, com mais de 30 emissoras no ar, passando para 40 no ano seguinte. Em agosto desse ano, o filósofo e psicanalista Felix Guattari, em visita ao Brasil, começa a aglutinar pessoas em torno da idéia das rádios livres.

1983 — Legalização das rádios livres francesas e começo do declínio.

1985 — O Dentel (Departamento Nacional de Telecomunicações) lacra os transmissores da Rádio Pirata de Guararema (Brasil), depois de oito meses de emissão. Em julho, surge em São Paulo (Brasil) a Rádio Xilik, primeira de uma sucessão de rádios livres paulistanas (Ítaca, Molotov, Totó, Ilapso, Trip, Tereza, Se Ligue Suplicy e muitas outras). Malogra a tentativa de botar no ar a primeira emissora alternativa de TV no Brasil, a TV Livre de Sorocaba.

APÊNDICE 1

Esquema técnico para um transmissor FM

Peças para o módulo oscilador e pré-amplificador de RF

Transístores:
T1 — 2n914 ou 2n915.
T2, T3 — 2n2219.
T4 — 2n3866.
T5 — 2n3553.

Q = Cristal oscilador. Escolher entre 6.900 khz e 7.200 khz. Para cair entre 103.5 a 108 MHz. FM.

Cv-1, CV-2, CV-3 = = 3/40 Pf. Ajustável.
Ch-0 = Choque RF. Miniatura de 1.5 MH a 3 MH.
D = Varicap BB119 ou BA102.

Pot. = 47 Kohms.
R = 56 K.
R-0 = 10 K.
R-1 = 6 K8.
R-2 = 470 Ohms.
R-3 = 10 K.
R-4 = 100 Ohms.
R-5 = 470 Ohms.
R-6 = 68 Ohms.

C = 1200 Pf
C-0 = 0.47 Uf.
"C-1 = 47 Pf. 82 Pf. ou 120 Pf. Experimentar o que der melhor rendimento.
C-2 = 27 Pf.
C-3 = 15 Pf.
C-4 = 120 Pf.
C-5 = 1 Nf.

C-6 = 10 Nf.
C-7 = 47 Pf.
C-8 = 15 Pf.
C-9 = 10 Nf.
C-10 = 4.7 Nf.
C-11 = 4.7 Nf.
C-12 = 15 Pf.
C-13 = 10 Pf.

C-14 = 4.7 Nf.
C-15 = 1.5 Nf.
C-16 = 22 Pf.
C-17 = 150 Pf.
C-18 = 1.5 Nf.
C-19 = 4.7 Nf.

Ch. = 8 núcleos de ferrite com 10 mm de comprimento por 6 mm de diâmetro, possuindo 6 orifícios, onde serão enrolados 2,5 espiras de fio 24 ou 26 no sentido do comprimento do núcleo, formando assim os choques de RF. necessários à montagem.

BOBINAS:

L-1 = Forma de 6 mm de diâmetro com núcleo ajustável de ferrite. Enrole *40 espiras de fio 28*, juntas numa só camada e dê um banho de verniz isolante ou cera de abelha. Se possível, use blindagem de alumínio ligada à massa. L-1 deve oscilar na freqüência fundamental do cristal.
L-2 = deve ser sintonizada na 3ª harmônica de L-1, ou seja, em torno de 21 Mhz, segundo o valor do cristal utilizado. *10 espiras de fio 22 espaçadas de um diâmetro do fio*. Forma de 6 mm de diâmetro com C-4 de 120 Pf em paralelo. Se possível, usar blindagem de alumínio ligada à massa.
L-3 = Possui 3,50 espiras de fio 18 nu ou esmaltado, sobre forma de 6 mm de diâmetro enroladas num espaço de 10 mm de comprimento.
L-4 = Idêntica a L-3.
L-5 = 3,75 espiras de fio 18 nu ou esmaltado, sobre forma de 6 mm de diâmetro, com tomada central a 0,75 esp. para o coletor de t-4. 10 mm de comprimento do enrolamento.

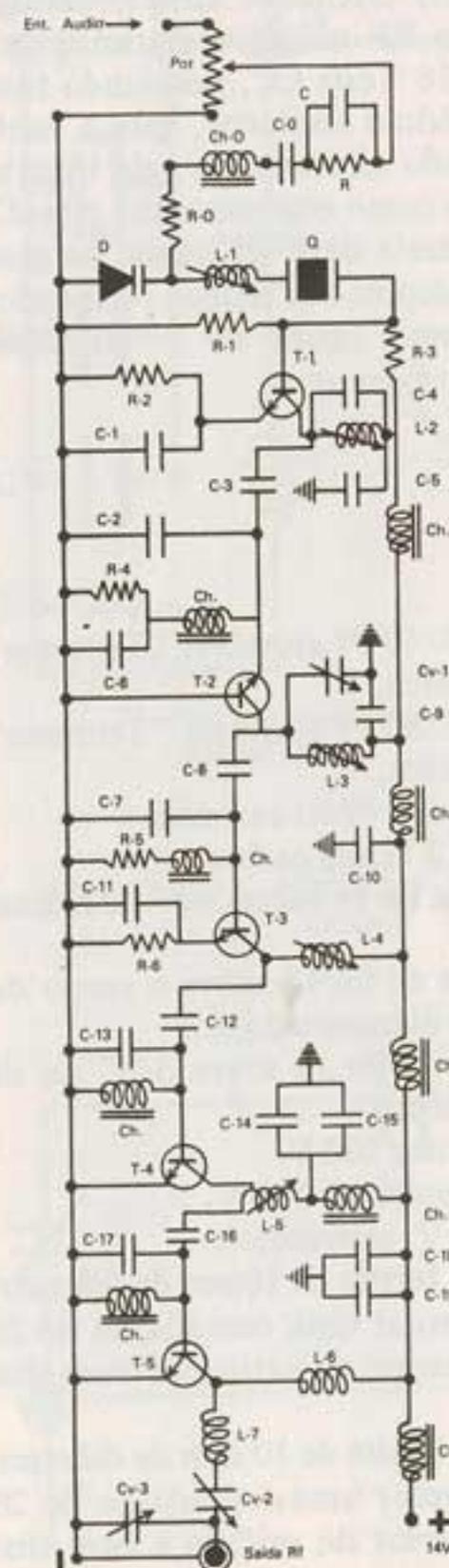
L-6 = Enrolar 4 espiras sobre uma broca de 1/4" fio 18; retirar a broca e espaçar o enrolamento sobre 10 mm de comprimento. L-6 não possui núcleo.
L-7 = Enrolar 5 espiras sobre uma broca de 3/8" fio 18; retirar a broca e espaçar o enrolamento sobre 10 mm de comprimento. L-7 também não possui núcleo.

Os dois últimos transistores T-4 e T-5 do Módulo Oscilador utilizam dois dissipadores de calor de encaixe, para ajudar no resfriamento dos mesmos. O Módulo é a montagem básica do transmissor; por isso, cuidados especiais devem ser dispensados na confecção das bobinas e ajustes dos "Trimmers" de 3/40 Pf. Como já foi dito, a bobina L-1 oscila na freqüência fundamental do quartzo ou cristal.

L-2 é regulada para oscilar na 3ª harmônica de L-1. As demais bobinas já são reguladas na freqüência final de saída do transmissor. Multiplicando a freqüência de L-2 por 5, dá em torno de 103... a 108 Mhz. Esta faixa do final do seu mostrador ou *dial* foi escolhida porque é a única que se encontra com espaços disponíveis. Porém, se você vai ocupar sua freqüência aí pelo interior, poderá utilizar outro espaço que se encontre vazio, mas neste caso terá que agir no circuito, aumentando uma ou duas espiras de L-3 a L-7 e recalculando L-1 e L-2 em função do cristal que você utilizará. A alimentação do Módulo deve ser feita através de uma fonte que forneça entre 12 a 16 V, porém deve ser limitada a no máximo 250 Ma de consumo para não danificar T-4 e T-5.

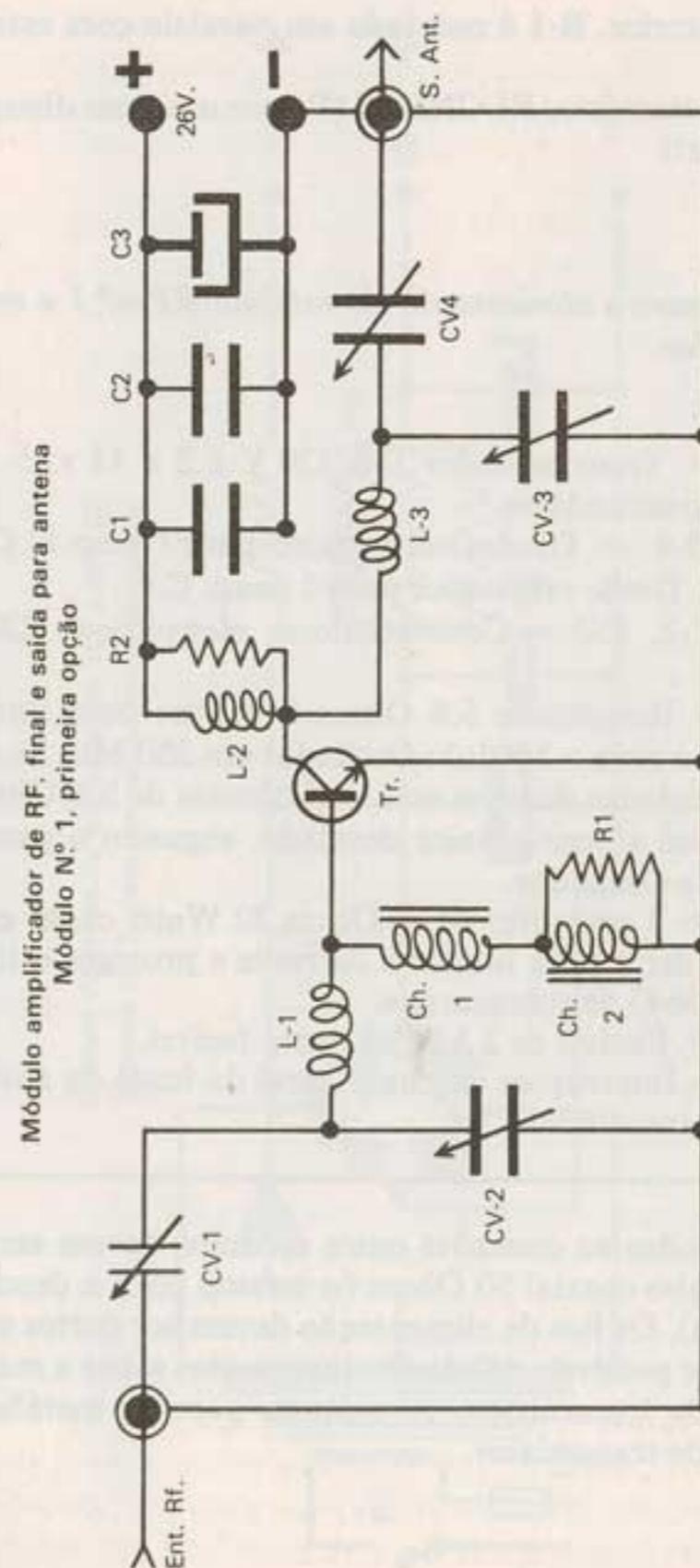
Peças para o módulo amplificador de saída de RF.

Serão dados dois módulos e duas alimentações de saída de RF. O primeiro utiliza um transístor 2N5643 e é alimentado através de 26 volts CC. Possui também uma

Esquema do módulo oscilador e pré-amplificador de RF.

derivação na fonte al., fornecendo 14V destinados a alimentar o Módulo Oscilador anteriormente descrito. O segundo módulo RF utiliza um transístor 2N6084 e é alimentado em 16 Volts CC, possuindo também a derivação para o módulo oscilador, com a vantagem de poder ser alimentado diretamente pela bateria de um veículo e ser usado como equipamento móvel. Na prática, o positivo da bateria deve ser ligado no ponto X da alimentação, logo depois dos diodos retificadores. O negativo da bateria seria ligado no — ou massa, no ponto indicado X'.

Módulo n.º 1.

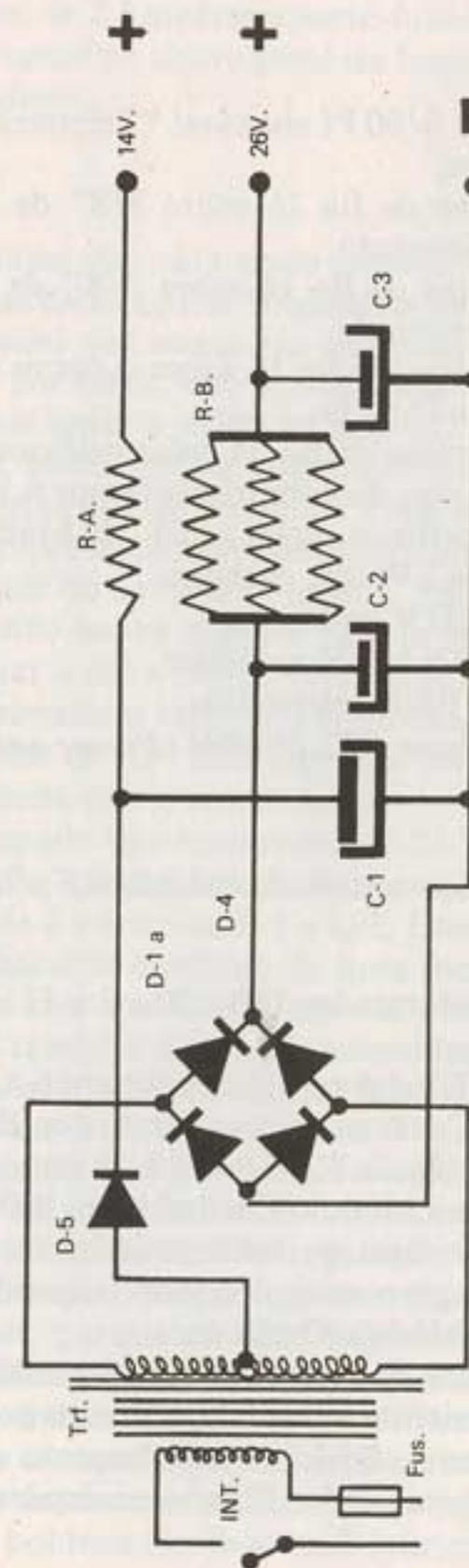
CV-1, CV-2 = 3/40 Pf ajustável "Trimmer", isolamento de cerâmica/mica.
CV-3, CV-4 = 6/60 Pf ajustável "Trimmer", isolamento de cerâmica/mica.
R-1 = 22 Ohms 1/2 Watt carbono.
R-2 = 47 Ohms 2 Watts carbono.
L-1 = 1 espira de fio 16 sobre 3/8" de diâmetro por 1/8" de comprimento.
L-2 = 10 espiras de fio 18 sobre o corpo de R-2, espaçamento igual ao diâmetro do fio.
L-3 = 2 espiras de fio 14 sobre 3/8" de diâmetro por 1/4" de comprimento.
C-1 = 1 Nf poliéster 100 V.
C-2 = 0.047 Uf poliéster 100 V.
C-3 = 10 Uf 100 V. eletrolítico.
Ch-1 = Tora de ferrite de 10mm de diâmetro por 3 mm de espessura. Enrolar uma camada de fio 26 esmaltado bem junta no interior do orifício e bem distribuída no lado exterior.
Ch-2 = Tora de ferrite de 10 mm de diâmetro por 3 mm de espessura. Enrolar uma camada de fio 28 esmaltado bem junta no interior do orifício e bem distribuída no

Módulo amplificador de RF, final e saída para antena
Módulo Nº. 1, primeira opção

lado exterior. R-1 é montada em paralelo com este choque.
Tr. = transístor Rf. 2N5643 (Prever um bom dissipador de calor!)

Peças para a alimentação do módulo RF n.º 1 e módulo oscilador.

Trf = Transformador 110/220 V e 2 x 12 v. 5 Amp. C.A. no secundário.
D-1 a D-4 = Diodos retificadores para 3 Amp. C.C.
D-5 = Diodo retificador para 1 Amp. C.C.
C-1, C-2, C-3 = Condensadores eletrolíticos 2200 Uf 40 V.
R-A = Resistência 5,6 Ohms 5 Watts: deve limitar a corrente para o Módulo Oscilador em 250 Ma. Se necessário, colocar duas ou mais resistências de 5,6 Ohms em série, até atingir o valor desejado, segundo o ganho do Módulo Oscilador.
R-B. = 3 resistores de 22 Ohms 20 Watts cada, em paralelo: serve para limitar a corrente e proteger o transístor 2N5643 de sobrecargas.
Fus. = Fusível de 2 Amp. e porta-fusível.
Int. = Interruptor ou chave geral da fonte de alimentação do transmissor.

Todas as conexões entre módulos devem ser feitas com cabo coaxial 50 Ohms (o mesmo para a descida da antena). Os fios de alimentação devem ser curtos e, sempre que possível, colados ou justapostos sobre a massa ou terra do transmissor, ou seja, as paredes metálicas da caixa do transmissor.

Módulo de fonte de alimentação 14V e 26V CC
Módulo Nº 1, para ser usado em estação fixa

Módulo n.º 2.

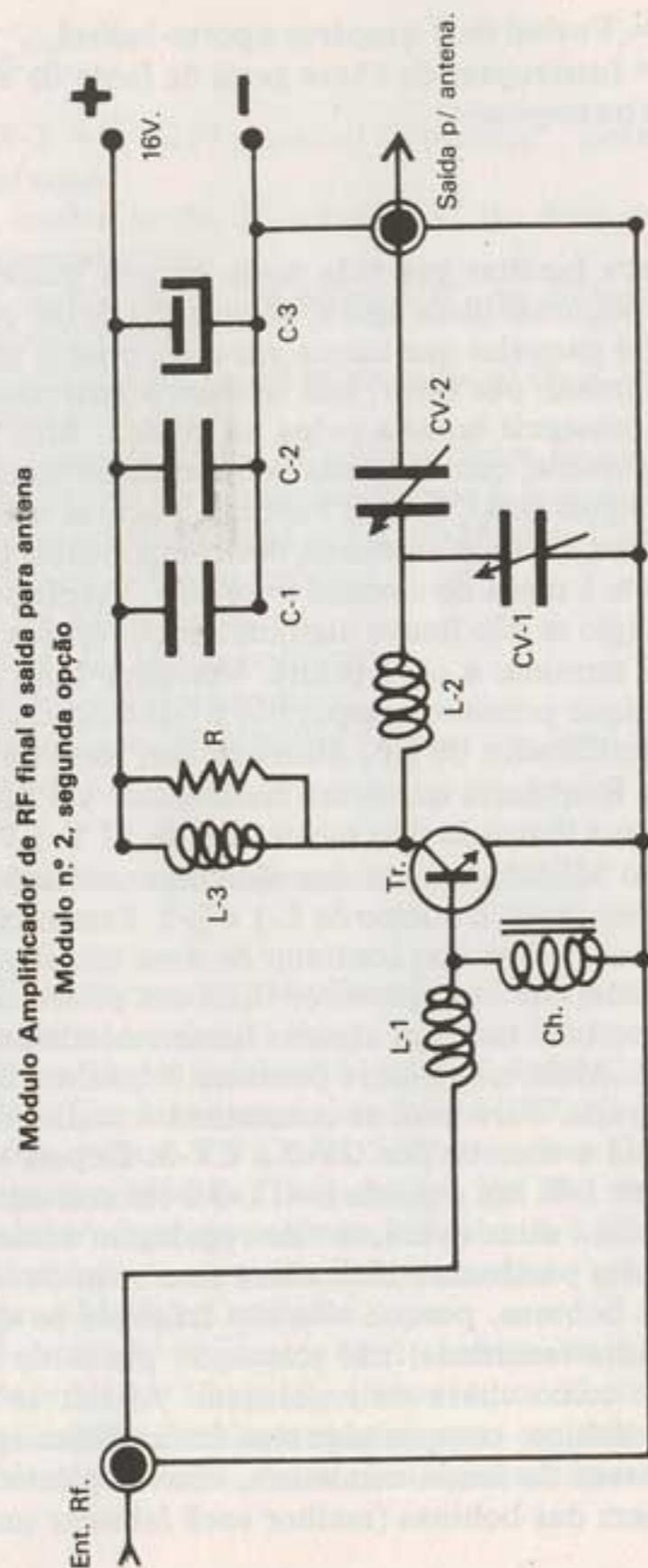
CV-1, CV-2 = 6/60 Pf ajustável "Trimmer", isolamento cerâmica/mica.
L-1 = 1 espira de fio 16 sobre 3/8" de diâmetro por 1/8" de comprimento.
L-2 = 2 espiras de fio 14 sobre 3/8" de diâmetro por 1/4" de comprimento.
L-3 = 10 espiras de fio 18 sobre o corpo de R, espaçamento igual ao D do fio.
Ch. = 2,5 espiras de fio 24 pelos orifícios do núcleo de ferrite, de 10 mm de comprimento por 6 mm de diâmetro, com seis orifícios, igual ao Ch. do Módulo Oscilador.
R = 47 Ohms 2 Watts, carbono.
C-1 = 1 Nf 100 V. poliéster.
C-2 = 0.047 Uf 100 V. poliéster.
C-3 = 10 Uf 100 V. eletrolítico.
Tr. = Transístor RF. 2N6084 (Prever um bom dissipador de calor!)

Peças para alimentação do módulo RF n.º 2

Trf. = Transformador 110/220 e 2 x 12 v 5 Amp. C.A. no secundário.
D-1, D-2 = Diodos retificadores para 6 Amp. C.C.
C-1, C-2 = Condensadores eletrolíticos 2200 Uf 40 V.
R-A = Resistência 5,6 Ohms 5 Watts: deve limitar a corrente para o Módulo Oscilador em 250 Ma. Se necessário, colocar duas ou mais resistências 5,6 Ohms em série, até atingir o valor desejado, segundo o ganho que apresentar o Módulo Oscilador.
Ch. = Enrolar 50 espiras de fio 16 esmaltado sobre um bastão de ferrite de 10 mm de diâmetro por 35 ou 40 mm de comprimento. Dividir o enrolamento em duas camadas de 25 espiras cada. Fixar com esparadrapo e verniz isolante.

Fus. = Fusível de 2 Ampères e porta-fusível.
Int. = Interruptor ou chave geral da fonte de alimentação do transmissor.

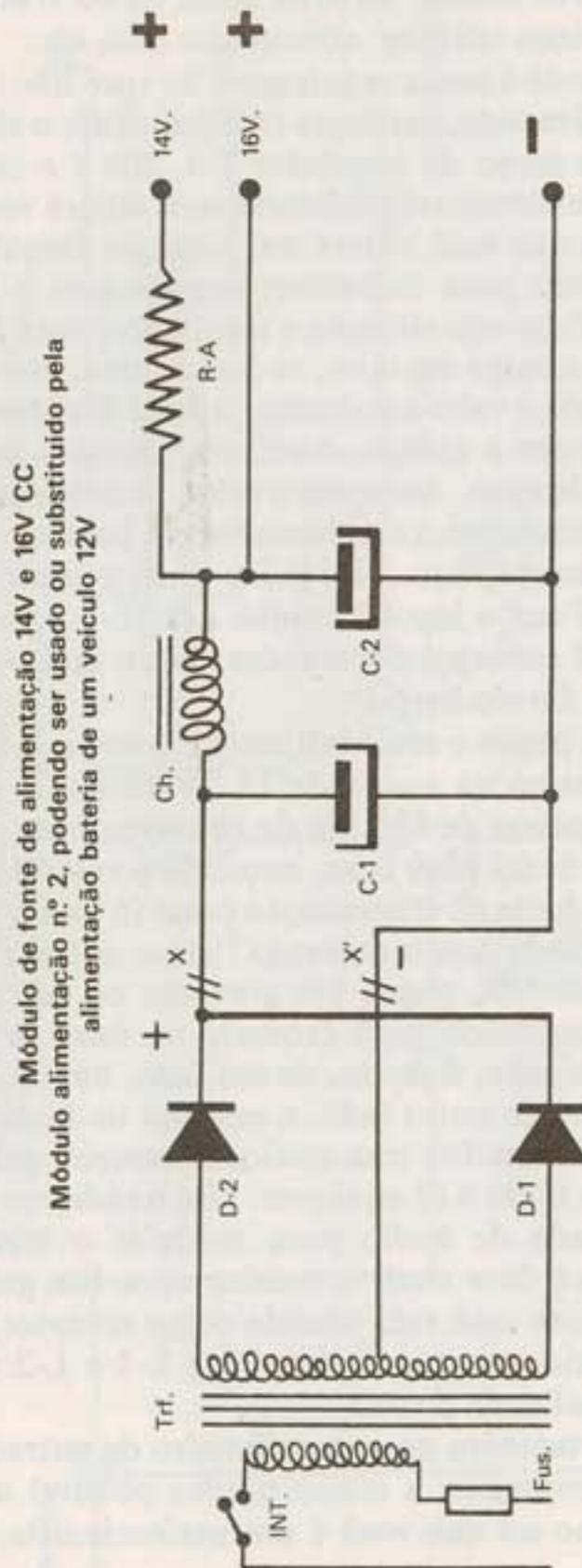
Para facilitar sua vida neste penoso trabalho, vou lhe dar algumas dicas agora. Só gostaria de lhe pedir que se você é daqueles que nunca viu componente eletrônico na sua frente, por favor, não se meta a entendido. Você só vai conseguir botar a culpa na gente... Mas se a teimosia persiste, comece pelas bobinas do Módulo Oscilador e depois pelas demais bobinas. Faça as soldas bem brilhantes, corte os terminais dos componentes bem curtos, rente à placa do circuito impresso. Verifique estágio por estágio se não houve alguma ligação errada e vá assim até terminar a obra-prima. Verifique tudo uma vez mais. Ligue primeiro e separado o Módulo Oscilador e Pré-Amplificador de RF. Sintonize um receptor FM na suposta freqüência que o seu transmissor vai funcionar. Ligue uma lâmpada tipo mostrador de 12 V 3 Watts na saída do Módulo e tente descolar uma oscilação no receptor, movendo o núcleo de L-1 e L-2. Essa oscilação se parece com o barulho contínuo de uma torneira aberta, ou o chiado de um chuveiro. Com um pouco de sorte, você perceberá também alguma luminosidade na lampadazinha. Aliás, o objetivo é procurar o máximo de brilho na lâmpada. Para isto, se constatada a oscilação, deixe L-1 e L-2 e comece por CV-2 e CV-3. Depois regule o núcleo de L-5, em seguida L-4, L-3 e retorne sobre L-2 e L-1. Refaça estas operações de regulagem várias vezes, com muita paciência e delicadeza com os núcleos de ferrite das bobinas, porque eles são frágeis e se quebram com muita facilidade, não tolerando ponta de faca ou canivete como chave de regulagem. Afinal, se você se mete a técnico, compre algumas ferramentas apropriadas: chaves de fenda miniatura, chaves plásticas para regulagem das bobinas (melhor você fabricar uma, pois

Módulo Amplificador de RF final e saída para antena
Módulo nº 2, segunda opção

são difíceis de achar), ferro de solda de 30 Watts, alicate de corte, pinça telefone, alicate bico fino, etc.

Voltando à nossa regulagem. Se você não conseguiu brilho na lâmpada, verifique especialmente o circuito oscilador em torno do transístor T-1. Ele é o coração do sistema e se ele estiver oscilando você obterá um sinal na freqüência que você obterá um sinal na freqüência que você escolheu para trabalhar, mesmo sem o brilho da lâmpada. Caso não obtenha o resultado e você já esteja a fim de pôr a culpa em mim, vá tomar uma, refresque um pouco a cuca e volte a enfrentar a fera! Em desespero de causa, comece a apelar. Aumente algumas espiras em L-1, tente de novo. Aumente o valor do condensador C-1. Faça o mesmo com o condensador em paralelo com L-2. Não desanime, ô meu... Eu já lhe tinha avisado para não se meter! Faça o jogo! Retoque L-1, L-2 e C-1. Finalmente você conseguiu! Parabéns, fique muito contente, afinal você é o seu herói!

Agora pegue o seu Multiteste e coloque-o na função Ma, ou mesmo na escala de 1A. Verifique o consumo; não deixe passar de 250 Ma de consumo para o Módulo Oscilador. Se tal for o caso, aumente o valor da resistência R-A da fonte de alimentação como já foi explicado no texto. Supondo que tudo esteja "cinco sobre cinco", ou melhor, tudo OK, pegue um gravador ou outro radinho de pilha com saída para cabresto ou fone de ouvido e prepare um cabo, ligando, de um lado, um plug banana miniatura e, do outro lado, a entrada de áudio do Módulo. Pegue uma fita com qualquer besteira gravada, ou ligue numa rádio AM qualquer. Use o rádio ou gravador como entrada de áudio para modular o transmissor. Pronto, você deve ouvir a música ou a fita gravada no rádio FM que você está usando como receptor de teste. Se necessário, retoque ligeiramente L-1 e L-2 para melhorar a qualidade do som.

Mexa também no potenciômetro de entrada de áudio, para conseguir a maior nitidez possível na modulação. Como sei que você é um perfeccionista, dê mais

Módulo de fonte de alimentação 14V e 16V CC
Módulo alimentação nº 2, podendo ser usado ou substituído pela alimentação bateria de um veículo 12V

uma olhadinha geral nos circuitos, com muito cuidado para não bagunçar tudo outra vez, sobretudo nos condensadores variáveis CV-2 e CV-3. Quanto a CV-1, ao encontrar seu ponto optimal de funcionamento, deixe-o quieto. Faça os ajustes restantes só com a bobina L-3. Se a lampadazinha está brilhando, o som está claro no receptor de teste e o consumo não está passando dos 250 Ma de corrente... você é um gênio! Parabéns, pois nem eu mesmo acreditava que você ia conseguir!

Chame a gatinha, a mamãezinha, a irmãzinha, etc., para ver o seu trabalho orgulhosamente funcionando. Mas nunca chame os vizinhos, nem o padre, nem o sacristão, se você vai fazer rádio livre, pois a boca e o ouvido podem ir muito mais longe do que o alcance do seu transmissor.

Foto: A. Machado

O transmissor da Rádio Xilik foi montado dentro de uma panela.

Pera aí, que ainda não acabou.

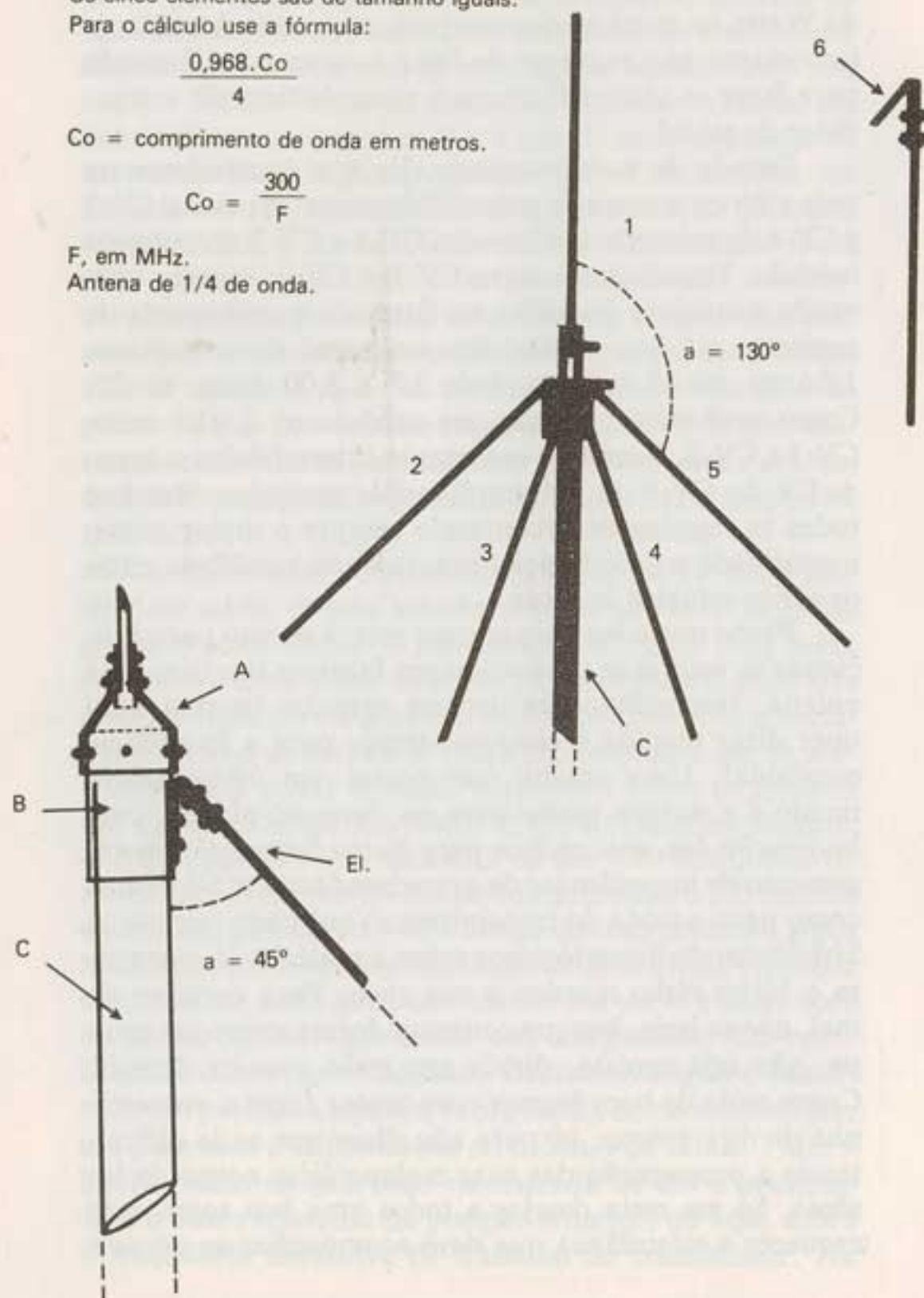
Depois de regular tudo muito bonitinho e certificar-se de que está funcionando, ataque agora o módulo de saída final. Este vai dar a potência final do transmissor e, se a sorte andar com as regulagens, vamos obter uns suados 30, 35 Watts de potência, com um alcance em zona urbana em torno de 2 a 4 km de raio, dependendo muito da localização geográfica e dos empecilhos em volta da área de transmissão. Já em zona rural, podemos ter até 12 km, o que tem mais a ver com uma rádio livre, visto que sua proposição é ser uma rádio local, comprometida com os problemas do cotidiano, desde o seu Manoel que vende bromato no lugar de pão, até o feirante com ar matreiro, que põe o dedo na balança na hora de pesar o peixe pra madame que é míope. Tudo isto misturado com música para agradar desde o espírito erudito do bom burguês até o desgosto total pela falta de gosto e *nonsense*.

Assim sendo, entremos na regulagem do nosso módulo de saída. Nestas alturas, espero que você já tenha pensado onde montar o transmissor. Escolha uma caixa espaçosa e tente isolar os módulos entre si formando três compartimentos separados e blindados por chapa metálica, ferro ou alumínio. A caixa também deve ser de alumínio, para evitar indução magnética sobre os núcleos das bobinas, falseando assim as tão sofridas regulagens. O transístor de saída necessita de um bom dissipador de no mínimo 8 cm por 20 cm de comprimento e 2,5 mm de espessura, possuindo 4 ou 6 aletas de resfriamento. Após instalar os módulos nos seus lugares definitivos, verifique se não existe nada que possa entrar em curto e fazer você de pateta por ter queimado um componente tão caro. Proceda como para o Módulo Oscilador. Ligue o Multiteste em posição amperes, sobre escala de no mínimo 3A, em série com a alimentação do módulo de saída. Volte a ligar o rádio ou gravador na entrada de BF e continue com o outro aparelho na posição anterior, ou seja, sobre a freqüência definitiva de trabalho do transmissor. Na

saída para a antena, ligue uma carga fictícia de 50 Ohms de impedância. Como eu sei que você não possui a dita carga, para quebrar o galho ligue uma lâmpada 110 V 40 Watts na tomada que vai para a antena. Atenção: é importante não esquecer de ligar a carga ou a lâmpada para fazer os ajustes finais, sob pena de destruir o transístor de saída!

Depois de tudo instalado, ligue o transmissor na rede elétrica e proceda pelos "Trimmers" de saída CV-3 e CV-4 do primeiro módulo, ou CV-1 e CV-2 do segundo módulo. Depois desça para CV-1 e CV-2, sempre buscando o máximo de brilho na lâmpada e uma queda de corrente, até que se estabilize em torno de no máximo 1,5Amp. no 1º módulo, e de 2,5 a 3,00 Amp. no 2º. Como você pode observar, no módulo nº 2 não existe CV-1 e CV-2, ficando o casamento intermódulos a cargo de CV-2 e CV-3 do pré-amplificador oscilador. Retoque todas as regulagens procurando sempre o maior ganho e qualidade na modulação sonora e um equilíbrio entre os vários estágios de saída.

Penso que o seu transmissor estará pronto para funcionar se você já se preocupou em fabricar também uma antena, respondendo às normas exigidas (norma aqui quer dizer medida e tamanho certos para a freqüência escolhida). Uma antena que possui um ótimo rendimento é a antena plano-terra ou "ground-plane", cuja inclinação dos seus radiais para baixo fornecerá um casamento de impedâncias de aproximadamente 50 Ohms, como para a saída do transmissor. Você pode sair por aí bisbilhotando livros técnicos sobre a matéria, já que agora o bicho rádio mordeu a sua cuca. Para curar-se do mal, não se isole, busque contatos, forme grupo ou equipe, não seja egoísta, divida seu tesão com os demais. Como ando de bom humor, vou tentar fazer o esqueminha da dita antena, só para não dizer que ando dificultando a propagação das suas melancólicas noites de insônia. Só me resta desejar a todos uma boa sorte, sem esquecer a miscelânea que deve acompanhar as peças e

Dados para cálculo e confecção da antena 'Plano-Terra' de 1/4 de onda

componentes: parafusos, porcas, fios, solda de estanho, placa para circuito impresso, tomadas, fusíveis, tubos de alumínio, tomadas macho e fêmea para conectar a antena, plug macho e fêmea para entrada de áudio, cabo coaxial 50 Ohms para a antena, mastro, abraçadeiras de fixação, etc., etc.

A construção da antena não apresenta maiores problemas e pode ser feita facilmente em casa. Para os elementos, use tubos de alumínio de 5/8" ou 16 mm. O elemento irradiante nº 1 deve ser isolado da base do mastro ou suporte. Você pode conseguir uma redução de 2" por 3/4" mais um pedaço de tubo PVC de 3/4". Monte o tubo irradiante dentro do pedaço de tubo e este dentro da redução. Em seguida, rebite o conjunto com uma rebitadeira Pop. Os elementos radiais vão ligados diretamente à massa sobre um pedaço de tubo de alumínio de 2" ou 5 centímetros de diâmetro por uns 20 cm de comprimento. Cada elemento radial está montado sobre uma cantoneira dobrada em ângulo de 45 graus e os quatro elementos são rebitados em torno da peça B. O conjunto irradiante ou elemento central é montado através da redução A sobre a peça B. É preciso prever dois terminais para ligar o cabo de descida da antena. O fio central do cabo é ligado no elemento irradiante e a trança metálica diretamente na massa ou radiais. O mastro deve ser metálico e ligado numa boa terra ou massa. Para melhor rendimento, seu comprimento deve ser no mínimo igual a um comprimento de onda. Um tubo de 3/4" e 3 metros já é suficiente. O nº 6 mostra um radial já fixado na cantoneira dobrada em 45 graus. O cabo de descida da antena, de impedância 50 Ohms deve passar pelo interior do mastro de fixação. Para cálculo dos elementos, vide fórmulas no desenho.

Geraldo Itagiba de Andrade

APÊNDICE 2

O Código Brasileiro de Telecomunicações

A implantação definitiva do monopólio do Estado sobre os negócios das telecomunicações se dá com a instituição do Código Brasileiro de Telecomunicações (Lei n.º 4.117 de 27/8/62), assinado pelo então presidente João Goulart. Ele é resultado, de um lado, das pressões exercidas pela burguesia que operava no setor e que necessitava de garantias legais para o exercício de sua atividade e, de outro, dos interesses de uma tecnocracia burocrática baseada nos partidos políticos de tendência nacional-populista. Raras foram as alterações introduzidas nesse código ao longo destes vinte e tantos anos: o Decreto n.º 52.026 de 20/5/63 e o Decreto n.º 52.795 de 31/10/63, ambos assinados também por João Goulart, apenas acertam detalhes da legislação, enquanto o Decreto-Lei n.º 236 de 28/2/67, assinado pelo marechal Castelo Branco, dá nova redação a vários de seus artigos para adaptá-los aos rigores do recém-instalado regime militar.

Transcrevemos abaixo alguns dispositivos diretamente prejudiciais à liberdade de radiodifusão, que deverão ser objeto de questionamento nas discussões da próxima Constituinte, bem como outros artigos que exprimem censura institucional e econômica. A título de esclarecimento, vale alertar que o Conselho Nacional de

Telecomunicações (CONTEL), de que fala a Lei, foi dissolvido com a criação do Ministério das Comunicações, em 1967. Parte de suas atribuições são hoje exercidas pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL). É preciso lembrar ainda que, não bastasse o excesso de limitações determinado pelo Código Brasileiro de Telecomunicações, o exercício da radiodifusão é enquadrado ainda pelo Código Penal (Decreto-Lei n.º 2.848 de 7/12/40), pela Lei de Imprensa (Lei n.º 5.250 de 9/2/67) e pela Lei de Segurança Nacional (Lei n.º 7.170 de 14/12/83). Por fim, a Portaria n.º 223, assinada em 15/8/85 pelo Ministro das Comunicações da chamada "Nova República", Antônio Carlos Magalhães, embora não se refira diretamente, visa atingir sobretudo as rádios e televisões livres que começavam a despontar nesse momento.

Lei n.º 4.117 de 27 de agosto de 1962 (fragmentos)

Art. 32 — Os serviços de radiodifusão, nos quais se compreendem os de televisão, serão executados diretamente pela União ou através de concessão, autorização ou permissão.

Art. 33 — Os serviços de telecomunicações, não executados diretamente pela União, poderão ser explorados por concessão, autorização ou permissão, observadas as disposições da presente Lei.

§ 3.º — Os prazos de concessão e autorização serão de 10 (dez) anos para o serviço de radiodifusão sonora e de 15 (quinze) anos para o de televisão, podendo ser renovados por períodos sucessivos e iguais, se os concessionários houverem cumprido todas as obrigações legais e contratuais, mantida a mesma idoneidade técnica, financeira e moral e atendido o interesse público.

Art. 34 — As novas concessões ou autorizações para o serviço de radiodifusão serão precedidas de edital,

publicado com 60 (sessenta) dias de antecedência pelo Conselho Nacional de Telecomunicações, convidando os interessados a apresentar suas propostas em prazo determinado, acompanhadas de:

a) prova de idoneidade moral;

b) demonstração dos recursos técnicos e financeiros de que dispõem para o empreendimento;

c) indicação dos responsáveis pela orientação intelectual e administrativa da entidade e, se for o caso, do órgão a que compete a eventual substituição dos responsáveis.

§ 1º — A outorga da concessão ou autorização é prerrogativa do Presidente da República, ressalvado o disposto no art. 33, § 5º, depois de ouvido o Conselho Nacional de Telecomunicações sobre as propostas e requisitos exigidos pelo edital, e de publicado o respectivo parecer.

Art. 38 — Nas concessões e autorizações para a execução dos serviços de radiodifusão serão observados, além de outros requisitos, os seguintes preceitos e cláusulas:

a) os diretores e gerentes serão brasileiros natos e os técnicos encarregados da operação dos equipamentos transmissores serão brasileiros ou estrangeiros com residência exclusiva no País, permitida, porém, em caráter excepcional e com autorização expressa do Conselho Nacional de Telecomunicações, a admissão de especialistas estrangeiros, mediante contrato, para estas últimas funções;

b) a modificação dos estatutos e atos constitutivos das empresas depende, para sua validade, de aprovação do Governo, ouvido previamente o Conselho Nacional de Telecomunicações;

c) a transferência da concessão, a cessão de cotas ou de ações representativas do capital social, dependem, para sua validade, de autorização do Governo, após o pronunciamento do Conselho Nacional de Telecomunicações;

O silêncio do Poder concedente ao fim de 90 (noventa) dias contados da data da entrega do requerimento de transferência de ações ou cotas, implicará na autorização;

d) os serviços de informação, divertimento, propaganda e publicidade das empresas de radiodifusão estão subordinados às finalidades educativas e culturais inerentes à radiodifusão, visando aos superiores interesses do País;

e) as emissoras de radiodifusão, excluídas as de televisão, são obrigadas a retransmitir, diariamente, das 19 (dezenove) às 20 (vinte) horas, exceto aos sábados, domingos e feriados, o programa oficial de informações dos Poderes da República, ficando reservados 30 (trinta) minutos para divulgação de noticiário preparado pelas Casas do Congresso Nacional;

f) as empresas, não só através da seleção de seu pessoal, mas também das normas de trabalho observadas nas estações emissoras, devem criar as condições mais eficazes para que se evite a prática de qualquer das infrações previstas na presente Lei;

g) a mesma pessoa não poderá participar da direção de mais de uma concessionária ou permissionária do mesmo tipo de serviço de radiodifusão, na mesma localidade;

h) as emissoras de radiodifusão, inclusive de televisão, deverão cumprir sua finalidade informativa, destinando um mínimo de 5% (cinco por cento) de seu tempo para transmissão de serviço noticioso.

Parágrafo único. Não poderá exercer a função de diretor ou gerente de empresa concessionária de rádio ou televisão quem esteja no gozo de imunidade parlamentar ou de foro especial.

Decreto-lei nº 236 de 28 de fevereiro de 1967 (fragmentos)

Obs.: Esse Decreto-Lei apenas modifica a redação do texto da Lei nº 4.117, conservando, entretanto, a numeração anterior dos artigos.

Art. 53 — Constitui abuso, no exercício de liberdade da radiodifusão, o emprego desse meio de comunicação para a prática de crime ou contravenção previstos na legislação em vigor no país, inclusive:

a) incitar a desobediência às leis ou decisões judiciárias;

b) divulgar segredos de Estado ou assuntos que prejudiquem a defesa nacional;

c) ultrajar a honra nacional;

d) fazer propaganda de guerra ou de processos de subversão da ordem política e social;

e) promover campanha discriminatória de classe, cor, raça ou religião;

f) insuflar a rebeldia ou a indisciplina nas forças armadas ou nas organizações de segurança pública;

g) comprometer as relações internacionais do País;

h) ofender a moral familiar pública, ou os bons costumes;

i) caluniar, injuriar ou difamar os Poderes Legislativo, Executivo ou Judiciário ou os respectivos membros;

j) veicular notícias falsas, com perigo para ordem pública, econômica e social;

l) colaborar na prática de rebeldia, desordens ou manifestações proibidas.

Art. 58 — Nos crimes de violação da telecomunicação, a que se referem esta Lei e o artigo 151 do Código Penal, caberão, ainda, as seguintes penas:

I — para as concessionárias ou permissionárias, as previstas nos artigos 62 e 63, se culpadas por ação ou omissão e independentemente da ação criminal;

II — para as pessoas físicas:

a) 1 (um) a 2 (dois) anos de detenção ou perda de cargo ou emprego, apurada a responsabilidade em processo regular, iniciado com o afastamento imediato do acusado até decisão final;

b) para autoridade responsável por violação da telecomunicação, as penas previstas na legislação serão aplicadas em dobro;

c) serão suspensos ou cassados, na proporção da gravidade da infração, os certificados dos operadores profissionais e dos amadores responsáveis pelo crime de violação da telecomunicação.

Art. 70 — Constitui crime punível com a pena de detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, aumentada da metade se houver dano a terceiro, a instalação ou utilização de telecomunicações, sem observância do disposto nesta Lei e nos regulamentos.

Parágrafo único. Procedendo ao processo penal, para os efeitos referidos neste artigo, será liminarmente precedida a busca e apreensão da estação ou aparelho ilegal.

Art. 71 — Toda irradiação será gravada e mantida em arquivo durante as 24 horas subseqüentes ao encerramento dos trabalhos diários da emissora.

§ 1º — As emissoras de televisão poderão gravar apenas o som dos programas transmitidos.

§ 2º — As emissoras deverão conservar em seus arquivos os textos dos programas, inclusive noticiosos, devidamente autenticados pelos responsáveis, durante 60 (sessenta) dias.

§ 3º — As gravações dos programas políticos, de debates, entrevistas, pronunciamentos da mesma natureza e qualquer irradiação não registrada em texto, deverão ser conservadas em arquivo pelo prazo de 20 (vinte) dias depois de transmitidas, para as concessionárias ou permissionárias até 1 kw e 30 (trinta) dias para as demais.

Portaria nº 223 de 15 de agosto de 1985

O Ministro de Estado das Comunicações, no uso de suas atribuições e,

Considerando o disposto na Lei nº 4.117 de 27 de agosto de 1962, que instituiu o Código Brasileiro de Telecomunicações, com suas alterações subseqüentes;

Considerando o disposto no Decreto nº 88.066 de 26 de janeiro de 1983, que regulamenta a renovação de concessões e permissões;

Considerando o disposto no artigo 28 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, aprovado pelo Decreto nº 52.795 de 31 de outubro de 1963, com nova redação dada pelo Decreto nº 88.067 de 26 de janeiro de 1983, e,

Considerando, ainda, a crescente ocorrência de fatos e episódios caracterizados como abuso no exercício da liberdade da radiodifusão, bem como procedimentos recentes, infringentes à legislação de telecomunicações, resolve:

I — Determinar ao Departamento Nacional de Telecomunicações — DENTEL redobrada vigilância quanto ao conteúdo da programação de radiodifusão e rigorosa aplicação das disposições da legislação em vigor, relativa ao abuso de liberdade no exercício da radiodifusão e ao desvirtuamento de suas finalidades, especialmente quanto:

a) a ofensa à moral familiar e pública e o incitamento à prática do crime ou violência;

b) a prática de calúnia, injúria ou difamação;

c) ao incitamento à desobediência às leis ou decisões judiciais;

d) a colaboração na prática da rebeldia, desordem ou manifestações proibidas.

II — Determinar, também, ao Departamento Nacional de Telecomunicações — DENTEL intensa vigilância e absoluto rigor no combate a serviços de telecomu-

nicações clandestinos, especialmente os de radiodifusão, adotando medidas legais que impeçam a sua continuidade.

(a) Antônio Carlos Magalhães

Bibliografia sumária

Baboulin, Jean-Claude e Boudan, Christian (org.). *Libres antennes, écrans sauvages* (edição especial de *Autrement*, n.º 17), Paris, Seuil, 1979.

Bassets, Lluís (org.). *De las ondas rojas a las radios libres*, Barcelona, G. Gilli, 1981.

Baudrillard, Jean. *Pour une critique de l'économie politique du signe*, Paris, Gallimard, 1972.

Brecht, Bertolt. "Théorie de la radio" *in Sur le cinéma*, Paris, L'Arche, 1970.

Carvalho, Mário César. "Os jovens piratas do espaço" *in Crítica da informação*, ano II, n.º 6, fev./mar. 1984.

Cazenave, François. *Les radios libres*, Paris, Presses Univ. de France, 1980.

Chanan, Michael. "La guerra en El Salvador: la fabricación de la noticia" *in Comunicación y Cultura*, n.º 8, jul. 1982.

Charrasse, David. *Lorraine coeur d'acier*, Paris, Maspero, 1981.

Collectif Radios Libres Populaires, *Les radios libres*. Paris, Maspero, 1978.

Collettivo A/Traverso. *Alice é il diavolo. Sulla strada di Majakovskij: testi per una pratica di comunicazione sovversiva*, Bologna, L'Erba Voglio, 1977.

Collin, Claude. *Ondes de choc: de l'usage de la radio en temps de lutte*, Paris, L'Harmattan, 1982.

Collin, Claude. "La radio est une bonne chose" *in L'Homme et la Société*, n.ºs 47-50, 1978.

Dagron, Alfonso Gumuncio, "El papel político de las radios mineras" *in Comunicación y Cultura*, n.º 8, jul. 1982.

Enzensberger, Hans Magnus. *Elementos para uma teoria dos meios de comunicação*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1980.

Fadul, Anamaria. "Rádio e processo revolucionário em El Salvador" *in Boletim Intercom*, n.º 41, jan./fev. 1983.

Faenza, Roberto. *Senza chiedere il permesso. Come rivoluzionare l'informazione*, Milão, Feltrinelli, 1973.

Fanon, Frantz. "Ici la voix de l'Algérie" *in Sociologie d'une révolution* (L'an V de la Révolution Algérienne), Paris, Maspero, 1968.

Guattari, Felix e Suely Rolnik. *Micropolítica. Cartografias do desejo*, Petrópolis, Vozes, 1985.

Guattari, Felix. "Les radios libres populaires" *in Nouvelle Critique*, n.º 115, jun./jul. 1978.

——. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

Hale, Julian. *La radio como arma politica*, Barcelona, G. Gilli, 1982.

Lozada, F. e Kúncar, G. C. *Las emissoras mineras de Bolivia: una histórica experiencia de comunicación autogestionaria*, México, Seminário — ILET, jul. 1982.

Santoro, Luiz Fernando. "Rádios livres: o uso popular da tecnologia" *in Comunicação & Sociedade*, ano III, n.º 6, set. 1981.

Shamberg, Michael e Raindance Corporation. *Guerrilla television*, Nova Iorque, Reinhard & Winston, 1971.

Schmucler, Héctor e Encinas, Orland. "Las radios mineras de Bolivia". *Comunicación y Cultura*, n.º 8, jul. 1982.

Sobre os Autores

Arlindo Machado (no centro) *já foi bóia-fria, operário em indústria química, punk, balconista, professor rural, auxiliar de escritório, bancário, ativista sindical, cineasta, professor universitário, crítico de fotografia e televisão, mestre em semiótica, pai de família. Tem dois livros publicados pela Brasiliense, um pela Zahar e uma linda filhinha. Nunca esteve na Europa.*

Caio Magri (à direita) *é ariano paulistano com ascendente em Libra e descendente nas Alagoas, Innsbruck e Lisboa. Engenheiro que não tentou dar certo, sociólogo em vias de experiência. Introduzido no mundo das rádios livres por agentes estrangeiros. Um ano de Paris-França (81), com experiência na Rádio Libre Forum e passagens pela política local. Quando menino, sempre teve atração pelo radinho Spica de seu avô e pelo programa "Rotativa Sonora" que seu bisavô não perdia pela PRA-7 de Ribeirão Preto.*

Marcelo Masagão (à esquerda) *tem asma desde os cinco anos e um Complexo de Édipo não resolvido. Tentou medicamentos, passou por psiquiatras e concluiu que respirar ondas hertzianas lhe faz muito bem. Esteve na Itália em 81, mas não pôde prestar muita atenção às rádios livres porque estava ocupado com a reforma psiquiátrica conduzida por Franco Basaglia.*

Primeiro trabalho publicado sobre o recentissimo movimento das rádios livres no Brasil, este livro reúne documentos, textos teóricos e depoimentos de pessoas que vêm lutando pela liberdade das ondas no ar. Um quadro histórico das rádios livres nos paises da Europa e da América Latina e uma bibliografia básica sobre o assunto completam este pioneiro estudo.

"As primeiras rádios livres do Brasil foram acolhidas com uma certa reserva. Alguns recearam que sua aparição pudesse servir de pretexto para uma repressão violenta; outros só conseguiram ver nelas um replay *dos movimentos dos anos 60. É bom que esteja claro, antes de mais nada, que o movimento das rádios livres pertence justamente àqueles que o promovem, isto é, potencialmente, a todos aqueles — e eles são uma legião — que sabem que não poderão jamais se exprimir de maneira convincente nas mídias oficiais."*

Do prefácio de Felix Guattari